

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS CÂMPUS CENTRAL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS
SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS – NELSON DE ABREU JÚNIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

MARIA JOSÉ DA SILVA PAIVA

**LETRAMENTOS NA CULTURA DIGITAL E OS EFEITOS DA
PLATAFORMIZAÇÃO DA LEITURA: experiência estética e performances textuais na
recepção de *Memórias póstumas de Brás Cubas* na plataforma Skoob**

ANÁPOLIS-GO
2025

MARIA JOSÉ DA SILVA PAIVA

**LETRAMENTOS NA CULTURA DIGITAL E OS EFEITOS DA
PLATAFORMIZAÇÃO DA LEITURA: experiência estética e performances textuais na
recepção de *Memórias póstumas de Brás Cubas* na plataforma *Skoob***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Área de concentração: Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias.

Linha de pesquisa: Linguagem e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Olira Saraiva Rodrigues

ANÁPOLIS-GO
2025

Ficha catalográfica

**LETRAMENTOS NA CULTURA DIGITAL E OS EFEITOS DA
PLATAFORMIZAÇÃO DA LEITURA: experiência estética e performances textuais na
recepção de *Memórias póstumas de Brás Cubas* na plataforma Skoob**

Esta dissertação foi considerada aprovada para a obtenção do título de Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG, em 02 de dezembro de 2025.

Banca examinadora:

Orientadora Profa. Dra. Olira Saraiva Rodrigues (Universidade Estadual de Goiás/UEG)
Orientadora/Presidente

Professor Dr. Fernando Lionel Quiroga (Universidade Estadual de Goiás/UEG)
Coorientador/Membro Interno

Professor Dr. Helvio Frank de Oliveira (Universidade Estadual de Goiás/UEG) Membro
Interno

Professora Dra. Cláudia Helena dos Santos Araújo
(Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia de Goiás-IFG-GO) Membro Externo

Anápolis-GO, 02 de dezembro de 2025

À minha mãe, Maria José da Silva, de quem herdei o nome, a garra e a resiliência, dotes necessários para viver as dores e as delícias de ser mulher. A grande responsável pelo meu amor às letras. À memória do meu pai, Irival José da Silva, que partiu muito cedo dessa vida, deixando inúmeras lições e saudades eternas. Às minhas seis irmãs e aos meus dois irmãos por me incentivarem a estudar e a ser a primeira mestra da família e desejo não ser a única. À Júlia, minha filha, companheira, leitora e revisora. Com quem aprendo todos os dias como envelhecer com docura e alegria. Ao João e a Luana, meu filho e minha nora que acompanharam o meu processo, me ajudando a conciliar as lidas domésticas, cuidados com a Júlia, demandas profissionais e as atividades acadêmicas. Ao meu companheiro, Marcelo Corrêa de Paiva, meu amor, meu aconchego e fortaleza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Yara Fonseca de Oliveira e Silva, que entendeu o meu desejo de contribuir com a formação de professores. Ela não seguiu me orientando, mudei de tema e de perspectivas, mas tive sempre em mente o desejo de honrar a escolha que ela fez ao aceitar orientar o meu trabalho.

Aos meus alunos, por serem inspiração cotidiana para que a pesquisa se mantenha viva, ética e comprometida com a leitura do mundo e das palavras, e aos colegas do PPGIELT, que compartilharam comigo suas dúvidas e descobertas, mostrando que a construção do conhecimento é uma atividade coletiva.

À Coordenadora, Profa. Dra. Viviane Pires Viana Silvestre, e ao Vice Coordenador do programa, Prof. Dr. Ariovaldo Lopes Pereira, que conduzem o curso com seriedade e escuta, garantindo o bom andamento das atividades acadêmicas.

Minha gratidão especial à minha orientadora, Profa. Dra. Olira Saraiva Rodrigues, cuja orientação foi, ao mesmo tempo, inspiradora e provocadora. Inspiração que revelou novos caminhos para pensar a relação entre letramento literário, Cultura Digital e crítica provocadora que me obrigou a sair do conforto, a refazer perguntas e a interrogar meus próprios pressupostos. Foi dela a provocação que me fez perceber que o rigor acadêmico não é incompatível com a delicadeza.

Agradeço de modo muito especial ao meu arguidor, Hélvio Frank de Oliveira, que sempre me instigou a não aceitar respostas fáceis nem discursos romantizados sobre as tecnologias digitais, ajudando-me a enxergar a pesquisa como um exercício reflexivo contínuo de problematização, mostrando a literatura como resistência, apontando as possibilidades da docência decolonial. Igualmente, agradeço à arguidora externa, Cláudia Helena dos Santos Araújo, pelas contribuições, escuta e leitura atenta dos originais da pesquisa.

Aos demais professores do programa, que, cada um do seu modo, deixaram marcas em minha formação: os professores Sóstenes Cezar de Lima e Ged Guimarães por lembrarem que toda prática educativa carrega implicações éticas e políticas; os professores Fernando Lionel Quiroga e Sandra Elaine Aires de Abreu por reafirmarem a importância de pensar a escola como espaço de disputa e resistência; ao professor Raimundo por mostrar que o método é uma bússola e que a pesquisa precisa ser rigorosa sem perder de vista sua humanidade e relevância social.

Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um
argueiro, antes uma trave no olho.
Machado de Assis (1881)

RESUMO

PAIVA, Maria José da Silva. **Letramentos na cultura digital e os efeitos da plataformização da leitura:** experiência estética e performances textuais na recepção de Memórias Póstumas de Brás Cubas na plataforma Skoob. 2025. 140 f. Dissertação de Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis-GO, 2025.

Esta dissertação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás, vinculada à linha de pesquisa “Linguagem e Práticas Sociais” e ao eixo “Linguagem, Artes e Cultura Digital”, buscou responder à seguinte questão: como as práticas discursivas de leitores na Plataforma Skoob, relacionadas à obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, revelam modos contemporâneos de recepção literária mediados pela Cultura Digital? Ao longo da investigação, buscou-se compreender se tais práticas contribuem para a formação de leitores críticos ou reproduzem dinâmicas imediatistas e performativas próprias da plataformização da leitura. Desse modo, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar as práticas de letramento literário digital na Plataforma Skoob a partir das resenhas da obra machadiana, considerando experiências estéticas e performances textuais no contexto digital. O referencial teórico se fundamenta nos estudos de letramento como prática social (Street, 2014; Kleiman, 2014; Soares, 2002, 2017), letramento literário (Cosson, 2015, 2021; Paulino, 2001, 2004), Cultura Digital (Santaella, 2013; Santaella e Kaufman, 2024), multiletramentos (Ribeiro, 2020; Rojo; Moura, 2019) e dialogismo (Bakhtin, 1997). Metodologicamente, a pesquisa adota a abordagem qualitativa, exploratória e descritivo-interpretativa, utilizando a netnografia (Kozinets, 2014) como estratégia investigativa. O corpus constitui-se de resenhas publicadas na Plataforma Skoob entre 2009 e 2025, selecionadas mediante critérios intencionais que contemplam extensão textual, linguagem utilizada, referências à viralização e temporalidade de publicação. A análise revelou heterogeneidade nas práticas de letramento literário digital, evidenciando tanto apropriações críticas da obra quanto leituras performativas. Os resultados demonstram que a viralização de 2024 ampliou o acesso à obra sem garantir necessariamente a apropriação crítica, confirmado que a Cultura Digital constitui espaço ambivalente para formação de leitores, potencializando democratização cultural e riscos de superficialização da experiência estética.

Palavras-chave: Letramento Literário Digital. Cultura Digital. Plataforma Skoob. Machado de Assis.

ABSTRACT

PAIVA, Maria José da Silva. **Literacies in Digital Culture and the Effects of Reading Platformization: Aesthetic Experience and Textual Performances in the Reception of Memórias Póstumas de Brás Cubas on the Skoob Platform.** 2025. 140 f. Master's Thesis in Education, Language and Technologies, State University of Goiás, Anápolis-GO, 2025.

This dissertation, developed within the Interdisciplinary Graduate Program in Education, Language and Technologies at the State University of Goiás, is linked to the research line “Language and Social Practices” and the axis “Language, Arts and Digital Culture,” and seeks to answer the following question: how do the discursive practices of readers on the Skoob Platform, related to the work Memórias Póstumas de Brás Cubas by Machado de Assis, reveal contemporary modes of literary reception mediated by Digital Culture? Throughout the investigation, the study sought to understand whether such practices contribute to the formation of critical readers or reproduce the immediatist and performative dynamics of platformization. Thus, the general objective of this study is to analyze digital literary literacy practices on the Skoob Platform based on reviews of Machado de Assis's work, considering aesthetic experiences and textual performances in the digital context. The theoretical framework is grounded in literacy studies as social practice (Street, 2014; Kleiman, 2014; Soares, 2002, 2017), literary literacy (Cosson, 2015, 2021; Paulino, 2001, 2004), Digital Culture (Santaella, 2013; Santaella and Kaufman, 2024), multiliteracies (Ribeiro, 2020; Rojo; Moura, 2019), and dialogism (Bakhtin, 1997). Methodologically, the research adopts a qualitative, exploratory, and descriptive-interpretive approach, using netnography (Kozinets, 2014) as an investigative strategy. The corpus consists of reviews published on the Skoob Platform between 2009 and 2025, selected through intentional criteria that consider textual length, language used, references to viralization, and publication temporality. The analysis revealed heterogeneity in digital literary literacy practices, evidencing both critical appropriations of the work and performative readings. The results demonstrate that the 2024 viralization expanded access to the work without necessarily guaranteeing critical appropriation, confirming that Digital Culture constitutes an ambivalent space for reader formation, enhancing cultural democratization while presenting risks of the aesthetic experience becoming superficial.

Keywords: Digital Literary Literacy. Digital Culture. Skoob Platform. Machado de Assis.

Lista de Figuras

| | |
|---|-----|
| Figura 1: <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> na Plataforma Skoob | 82 |
| Figura 2: Resenha mais curtida e mais comentada na Plataforma Skoob | 95 |
| Figura 3: Primeira resenha publicada na Plataforma Skoob sobre o livro <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> | 101 |

Lista de Quadros

| | |
|--|-----|
| Quadro 1: Alfabetização x Letramento | 27 |
| Quadro 2: Letramento Literário..... | 33 |
| Quadro 3: Dimensões do Ensino de Literatura..... | 34 |
| Quadro 4: Dimensões da Leitura Literária | 35 |
| Quadro 5: Dimensões do Letramento Literário | 36 |
| Quadro 6: Resultados das buscas e definição do corpus da revisão | 59 |
| Quadro 7: Revisão de literatura | 61 |
| Quadro 8: Modos de apropriação discursiva | 76 |
| Quadro 9: Marcadores discursivos e limitações analíticas por modo | 77 |
| Quadro 10: Linha do tempo das publicações de resenhas sobre a obra <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> na Plataforma Skoob..... | 116 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 14 |
| CAPÍTULO 1 LETRAMENTO LITERÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO LEITOR CRÍTICO | 24 |
| 1.1 Alfabetização e letramento: uma distinção necessária | 25 |
| 1.2 Letramento como prática social situada | 28 |
| 1.3 Letramento Literário: formação do leitor crítico | 30 |
| 1.4. Ensino de literatura, leitura literária e Letramento Literário | 33 |
| 1.5 Letramento literário e a formação do leitor crítico: possibilidades e desafios | 38 |
| CAPÍTULO 2 CULTURA DIGITAL E LETRAMENTOS: O QUE A VIRALIZAÇÃO DE UM CÂNONE LITERÁRIO REVELA SOBRE A LEITURA CRÍTICA?..... | 44 |
| 2.1. O leitor digital e o letramento literário digital: reflexões para além do livro impresso | 52 |
| 2.2. Letramentos literários digitais: imbricações da Cultura Digital..... | 54 |
| CAPÍTULO 3 REVISÃO DE LITERATURA E METODOLOGIA: PRINCÍPIOS DO EXERCÍCIO REFLEXIVO..... | 58 |
| 3.2 Leitor crítico e letramento literário: definições operacionais | 58 |
| 3.3 Revisão de literatura: mapeamento das pesquisas sobre letramento literário | 59 |
| 3.4 Fundamentos teóricos da pesquisa | 64 |
| 3.5 Abordagem metodológica: a netnografia como caminho investigativo | 68 |
| 3.6 Procedimentos de coleta de dados | 69 |
| 3.7 Categorias analíticas e critérios interpretativos | 71 |
| 3.8 Protocolo de análise: modos de ler e entender o corpus..... | 75 |
| CAPÍTULO 4 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS NA PLATAFORMA SKOOB: RESENHAS E RECEPÇÃO DIGITAL | 80 |
| 4.1 A Plataforma Skoob: Características e Funcionalidades | 81 |
| 4.2 Resenhar na plataforma: entre a crítica e a performance social | 83 |
| 4.2.1 Modo analítico-argumentativo: resenhas e elaboração crítica | 83 |

| | |
|--|-----|
| 4.2.2 Modo contextual-relacional: viralização e consciência das mediações..... | 88 |
| 4.3 Leitura em rede e disputas simbólicas: análise da resenha mais curtida e comentada | 94 |
| 4.4 Recepção de Memórias póstumas de Brás Cubas | 98 |
| 4.5 Efeitos da viralização sobre os modos de apropriação da obra | 100 |
| 4.7 Análise linguística das resenhas | 105 |
| 4.8 Dezesseis anos de leitura digital na Plataforma Skoob | 115 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 117 |
| REFERÊNCIAS | 126 |
| ANEXOS | 131 |
| Anexo 1 – Comentários sobre resenha mais curtida..... | 131 |

INTRODUÇÃO

Não se escreve um livro sem a esperança de que ele, de alguma forma, traga um bem para o leitor. Pelo menos, essa deveria ser a intenção primeira, a mais nobre, acima de todas as outras que, porventura e, com efeito, existem (Santaella, 2014).

O bem que Machado de Assis traz para o leitor é a possibilidade de conhecer as inúmeras facetas da humanidade a cada leitura de sua obra. Obra marcada por reflexões que inquietam e provocam ao construir personagens que revelam o pior e o melhor de si. Ele brinca com as palavras, com as emoções e com as reações das personagens como quem brinca com o inconsciente humano.

Em “Um apólogo”, Machado de Assis faz o leitor constatar que os indivíduos passam a vida abrindo caminhos para “muita linha ordinária” e que, muitas vezes, eles são a linha ordinária que desdenha da agulha. O autor também faz o leitor perceber que as suas inquietações têm alicerces na “eterna contradição humana” ao narrar como os fiéis se comportam na “Igreja do diabo” e em tantos outros contos e romances em que mostra personagens comprovando essa contradição.

Seja discutindo como a ilusão e a credulidade conduzem as personagens a um destino trágico, revelando as ironias do acaso, como em *A cartomante*; seja na construção de narradores como Bentinho, de *Dom Casmurro*, torturado por suas memórias enviesadas e ciúmes corrosivos; seja apresentando, em *O memorial de Aires*, o olhar melancólico de um indivíduo refletindo sobre o tempo, as perdas e a transitoriedade da vida; seja colocando os leitores como confidentes de um defunto-autor que escancara as vaidades da elite e ironiza a condição humana com mordaz originalidade, como fez em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cuja personagem que é objeto central da presente pesquisa e que será analisado sob a ótica da Cultura Digital e de seus diálogos com os letramentos.

Mais de um século após a sua morte, Machado de Assis continua provocando reflexões. Em 1881, ele saiu dos folhetins para as páginas do romance e, em 2024, saiu das páginas do romance para a viralização mundial. Isso pode ser comprovado através do repentino interesse dos internautas pela obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que se deu, segundo a versão digital da CNN Brasil, após um vídeo da americana Courtney Henning Novak viralizar no TikTok (Pinotti, 2024) e o livro ter se tornado o mais vendido na categoria Literatura Latino-Americana e Caribenha na Amazon dos Estados Unidos.

No vídeo, a autora resume sua análise do livro com um entusiasmado “*The best book that's ever been written*”, em tradução livre, “o melhor livro que já foi escrito” (Pinotti, 2024). Ao expressar essa opinião pessoal, ela instaura novos sentidos que levam um clássico da literatura brasileira para a lógica algorítmica das plataformas digitais, ampliando a circulação da obra, despertando a curiosidade de novos públicos e criando um espaço de debate coletivo.

Assim, as interações digitais em torno da obra de Machado de Assis exemplificam as aproximações e os distanciamentos entre letramento literário e letramento digital. Nessa perspectiva, a viralização alarga o sentido desses conceitos. Ela retira a experiência da leitura impressa e a transporta para um processo formativo mais ligado às práticas de recepção mediadas por curtidas e comentários. Diante disso, evidencia-se a necessidade de analisar se tais práticas colaboram para a formação de leitores críticos ou se permanecem restritas ao espetáculo efêmero da viralização.

Em função dessa necessidade, esta investigação se dá através da pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descriptivo-interpretativa. Adota a netnografia (Kozinets, 2014) como estratégia metodológica. A opção pela abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de compreender as práticas discursivas de leitores em ambiente digital, privilegiando a densidade interpretativa sobre a generalização estatística (Minayo, 2007). O caráter exploratório decorre da viralização de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e dos seus efeitos na recepção dessa obra em plataformas digitais.

A netnografia, conforme Kozinets (2014), consiste na adaptação da etnografia tradicional para o estudo de comunidades e práticas culturais mediadas por tecnologias digitais. Diferentemente da observação participante presencial, ela faz o registro textual das interações digitais e exige do pesquisador postura reflexiva sobre as especificidades da comunicação mediada por computador. A metodologia da pesquisa será detalhada em seção específica nesta dissertação.

Esta pesquisa foi construída por meio da metodologia mencionada, pois a viralização apontou tendências ambivalentes. De um lado, as plataformas funcionam como um espaço de acesso, reconhecimento e circulação de discursos literários, o que potencializa a formação leitora. De outro, evidencia os riscos de um consumo superficial, em que a experiência estética é substituída por performances de leitura em rede.

A verificação dessa ambivalência indica que não basta reconhecer que ler e escrever migraram para as telas. É necessário investigar como os ambientes digitais configuram modos particulares de interação. A fim de realizar essa investigação, a Plataforma Skoob foi escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa. A pesquisadora tomou conhecimento da plataforma

durante a banca de defesa de Almeida (2024), cuja pesquisa foi desenvolvida no mesmo programa de pós-graduação a que pertence. O programa se destina a estudar, de forma interdisciplinar, educação, linguagem e tecnologias. Por pertencer à linha de pesquisa “Linguagem e Práticas Sociais” e trabalhar no eixo “Linguagem, Artes e Cultura Digital”, o fenômeno da viralização de um texto canônico foi identificado como um objeto interdisciplinar que contempla a referida linha de pesquisa e oportuniza a discussão sobre letramentos, literatura, sociedade, múltiplas linguagens e suas relações com a Cultura Digital.

A Plataforma Skoob se apresenta como um espaço de encontro entre diferentes sujeitos que compartilham o interesse pela leitura. Ao publicar uma resenha, o usuário se projeta num espaço em que sua leitura é avaliada e potencialmente replicada, participando de uma economia simbólica e usando o capital linguístico, como proposto por Bourdieu (1998), medido por critérios de curtidas e comentários. Nesse sentido, a Skoob se torna uma rede tecida pelas dinâmicas próprias da Cultura Digital e de seus modos de socialização textual.

Assim, a escolha dessa plataforma se justifica por permitir a observação de diferentes práticas de letramento na relação entre leitores brasileiros e textos literários, especialmente após o fenômeno de viralização internacional. Além disso, a Plataforma Skoob representa um exemplo do que Santaella e Kaufman (2024, p. 49) caracterizam como “máquinas sensórias” e “máquinas comunicantes” que ampliam capacidades e criam espaços de interação social e produção de sentidos.

Na condição de rede social literária, a plataforma apresenta um ambiente no qual práticas de leitura acontecem de forma espontânea e contínua, permitindo observar como os participantes interagem com textos, compartilham interpretações e constroem sentidos a partir de uma determinada obra. A justificativa para essa escolha também encontra explicação em Santaella e Kaufman (2024) que demonstram a relação entre informação e conhecimento para discutir as tecnologias digitais contemporâneas e revelar que ambientes análogos à Skoob proporcionam “um dilúvio de telas povoadas de linguagens dos mais distintos gêneros e espécies, tudo junto e ao mesmo tempo, sob o comando de plataformas e aplicativos com os quais muito rapidamente aprendemos a interagir” (Santaella; Kaufman, 2024, p. 50).

Dessa forma, a escolha da Plataforma Skoob¹ como campo de pesquisa permite investigar como as práticas de letramento se manifestam em um contexto digital específico, partindo da sua relação com o fenômeno de viralização no TikTok da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Por conseguinte, esta pesquisa nasceu da necessidade de

¹ Utilizamos o sitio <https://www.skoob.com.br/pt/home> da plataforma para consulta e coleta de dados.

compreender como a referida obra é lida, comentada e ressignificada na Plataforma Skoob, onde leitores apresentam resenhas e atuam de forma híbrida e multissemiótica.

Da mesma forma, a escolha do romance se justifica pela sua importância canônica e por sua inesperada viralização. Especialmente porque na abertura da obra, quando o narrador se dirige “Ao leitor”, ele apresenta uma dedicatória irônica, prevendo poucos leitores para o romance e caracterizando-o como difuso e escrito com a pena da galhofa e a tinta da melancolia. Ao citar Sterne, Xavier de Maistre e Stendhal, Brás Cubas explicita sua filiação a uma tradição literária marcada pela digressão, pelo tom memorialista e pela ruptura com a linearidade narrativa.

Essa dedicatória vai além da simples ironia e representa uma crítica ao público leitor da época. Com ela, o narrador antecipa o incômodo que o autor causaria por romper com os modelos narrativos do romance romântico e do discurso edificante. Aquele que, como afirma o próprio Machado de Assis, “sobredoura a realidade” (Assis, 1997, p. 67). Ao recusar tanto o romance usual das gentes frívolas quanto as expectativas formais e morais das gentes graves, Machado de Assis (1997) anuncia uma literatura que exige um leitor crítico, sensível à ambiguidade, à ironia e à instabilidade narrativa. Por isso, a previsão de que poucos leriam a obra e que logo seria esquecida.

Nesse sentido, a pergunta geradora que se faz presente nesta investigação é: como as práticas discursivas de leitores na Plataforma Skoob, relacionadas à obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, revelam modos contemporâneos de recepção literária mediados pela Cultura Digital? É interesse da pesquisa saber se essas práticas contribuem para a formação de leitores críticos ou se apenas reproduzem dinâmicas imediatistas e performativas da plataformização.

Sob essa perspectiva, o objetivo geral que nasce dessa pergunta é analisar as práticas de letramento literário digital na Plataforma Skoob, a partir das resenhas de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, investigando as experiências estéticas e performances textuais presentes no contexto da Cultura Digital. Desse objetivo nascem os objetivos específicos: a) caracterizar a Plataforma Skoob como ambiente de letramento literário digital, descrevendo suas funcionalidades e dinâmicas de interação e situando-a no contexto da Cultura Digital e da plataformização da leitura; b) analisar as resenhas publicadas sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, identificando marcas linguísticas, performances textuais e experiências estéticas que se destacam na recepção digital, e considerando possíveis interferências de inteligências artificiais no processo de produção textual; e c) investigar as relações entre as práticas de letramento literário digital e a formação de leitores críticos,

problematizando os efeitos da cultura participativa e da mediação algorítmica em comparação ao letramento literário escolar tradicional.

É importante destacar que esse fenômeno reverberou em minhas inquietações como professora, como leitora e, agora, como pesquisadora. Há vinte e cinco anos em sala de aula, sempre acreditei que os mortos deveriam descansar em paz e que os livros deveriam ser lidos em paz, no ritmo contemplativo que aprendi a cultivar e a ensinar aos meus alunos. Porém, segundo Santaella (2013), a ubiquidade da educação provocada pela Cultura Digital nos faz examinar e experimentar novos modos de leitura e essa ubiquidade desafia-me como professora a entender essas novas formas de ler que se espalham em múltiplos tempos e espaços.

Além disso, Machado de Assis não nos deixa em paz, ao refazermos a leitura de Memórias póstumas de Brás Cubas. Com o espírito irrequieto e vaidoso, o defunto-autor volta do outro lado do mistério. Não para nos contar o que o imaginário humano alimenta sobre a vida depois da morte. Não para nos fazer um relato fantasmagórico ou para nos revelar os mistérios do outro lado da vida. Simplesmente, volta para nos dizer o quanto somos mesquinhos e responsáveis pelas mazelas sociais que tanto culpamos os outros.

Em minhas práticas docentes, testemunhei como essa obra tornou-se alvo de vários tipos de leitores descritos por Santaella (2013): contemplativos que precisam do silêncio, do tempo e do espaço para a leitura; imersivos, que transitam entre textos, fragmentos e comentários nas redes; e dos leitores ubíquos, que são uma espécie de interseção de ambos que carregam a obra no celular, fazendo leituras, resenhas, comentários.

Minhas inquietações partem das minhas memórias afetivas, uma vez que a leitura e a contação de histórias sempre fizeram parte da minha vida. Minha mãe, analfabeta, não conhecia as letras escritas, mas conhecia as letras da vida. Todos os dias, ao cair da tarde, ela nos fascinava com as letras de sua vida, com as histórias vividas, inventadas e recontadas. Ela juntava suas filhas e nos apresentava histórias da Serra da Mantiqueira/MG, perto de onde nasceu, rememorando lembranças das aventuras de menina da roça.

Algumas vezes, ela chegava a dramatizar contos de fadas, com vozes, caras e bocas. Quando fui para a escola, o fascínio pelas letras não diminuiu, mas deu lugar a tantas lições que nem todos os dias conseguia ouvir as histórias e aos poucos, a contação foi diminuindo e se limitando a alguma lembrança em um almoço de domingo. Na época, eu não sabia, mas minha mãe nos apresentava eventos de letramento que foram fundamentais para a construção de minha identidade leitora e foram responsáveis também pela minha escolha profissional.

No desenvolvimento da pesquisa, o uso da 3^a pessoa será padronizado. O uso da primeira pessoa e a referência aos meus primeiros eventos de letramento constam nesta introdução, porque, primeiro, a análise proposta oportuniza a professora e autora dessas linhas fazer um exercício reflexivo sobre a sua própria experiência docente. Segundo, porque as cenas descritas são raramente vistas na atualidade; com a inserção dos aparatos tecnológicos, em todos os momentos da vida, a relação do indivíduo e o texto passou a ser mediada pela tela. Isso me ajuda a demonstrar que as tecnologias digitais mudaram o modo como o indivíduo se relaciona com a família, com os amigos, com a escola e com o mundo do trabalho. Consequentemente, mudaram a forma como as pessoas leem. Com essa mudança, as práticas de letramento, antes uma atividade da família e da escola, passaram a ser uma atividade comum nas plataformas digitais.

Ainda no colégio, deparei-me com essa obra enigmática. Logo nas primeiras páginas, descobri que Machado de Assis não escreve para ser lido, mas para fazer-nos ler nossas próprias inquietações. Como aluna, eu não o li apenas para cumprir o rito escolar. Enquanto aprendiz, mergulhei verdadeiramente nas lembranças de Brás Cubas e senti-me como sua confidente. Aquela que ouvia e lia suas narrativas com a mesma atenção da menina que ouvia histórias no seio familiar.

Não entendia, obviamente, “algumas rabugens de pessimismo” (Assis, 1997, p. 12) ou o que seria “um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade” (Assis, 1997, p. 15), mas reconhecia que a leitura poderia e pode aliviar e evitar muitas dores. Na graduação em Letras, aprofundei esse olhar crítico para a linguagem e para a literatura. As leituras de Freire (1989) fortaleceram em mim a compreensão de que educar é um ato político que nunca pode se reduzir à mera transmissão de conteúdo. Essa perspectiva foi a base da minha prática docente.

Passei a ver cada sala de aula como espaço de diálogo, no qual estudantes aprendem e compartilham suas leituras de mundo. Hoje, o contexto digital trouxe à obra notoriedade e interesse de um grande público, gerando um interesse muito maior que as débeis tentativas dessa professora de literatura conseguiram despertar em 25 anos de tentativas.

Voltar à universidade em que fiz a minha graduação e integrar um programa de pós-graduação Stricto Sensu me oportuniza pensar minha pesquisa como o encontro entre experiência pessoal, prática docente e reflexão teórica. Sou uma professora-pesquisadora que não idealiza nem romantiza o uso de tecnologias, mas procura compreender suas contradições e possibilidades, inspirada por uma orientadora que vive a pesquisa com profundo respeito e

encaminhamentos éticos. É por esse motivo que pretendo desenvolver esta pesquisa baseada nesses pilares.

Pensar a pesquisa a partir da viralização do vídeo sobre a obra no TikTok representou, para mim, um feito surpreendente e instigante, pois o autor da obra em quadro é responsável por dois feitos intrigantes em diferentes momentos históricos. Primeiro, em 1881, inaugura uma nova maneira de apresentar o foco narrativo, rompendo com a tradição literária romântica. Segundo, em 2024, por meio das redes sociais, ele contribui para a construção de uma nova forma de apreciação da leitura.

Esse fenômeno me fez perguntar se isso representa, de fato, letramento literário ou apenas uma performance digital. Ele também me fez querer saber que tipo de leitura está sendo feita no contexto digital e, consequentemente, o que move os leitores digitais a resenhar a obra. Saber se seriam eles tocados pela ironia machadiana ou seduzidos pela estética da viralização. Afinal, entre o “like”, o “li”, o “abandonei” e o “resenhei” há uma imensidão de ideias que precisam ser conhecidas e analisadas.

As questões, pensadas anteriormente, partem do olhar observador da professora, pesquisadora. Nascem dos meus anos de experiências em sala de aula. Como professora da rede pública, vivenciando inúmeras vezes a contradição entre o que se propõe nos documentos curriculares e o que efetivamente se realiza na prática pedagógica. Ainda hoje, a literatura é, na maioria das escolas, tratada como recurso para aferição de competências gramaticais. Quando não, como item periférico, inserido entre o ensino da oração subordinada e a interpretação literal.

O texto, assim, é fragmentado. Lê-se para responder, para acertar e para copiar. Não se lê para sentir, para interpretar, para se confrontar com o outro e consigo mesmo. Nessas práticas, o que se observa é uma Pedagogia da linguagem centralizada na forma e que anula a experiência leitora e silencia a experiência estética e crítica que a leitura provoca. Exercícios de identificação de narrador, listas de vocabulário, testes sobre tempo e espaço narrativo ocupam o momento do diálogo e da imaginação.

Na Skoob, como mostram as resenhas, Machado de Assis é lido e debatido por diferentes pessoas em diferentes recortes temporais. Assim, as práticas de letramento na plataforma se apresentam como uma oportunidade para que o usuário/leitor possa começar a incentivar seguidores a contar a história da leitura literária, da leitura ubíqua, da leitura colaborativa, da leitura dos clássicos, da leitura por prazer, da leitura pela qualidade da obra e da leitura pelas reflexões que ela suscita; por esse motivo, a presente pesquisa se faz relevante.

Além disso, ela é importante uma vez que, mais de um século depois da publicação da obra, o fenômeno digital ressignifica a relação entre obra, autor e público no contexto digital. O fenômeno não é simples. Ele revela como a Cultura Digital redefine os modos de acesso ao literário, retirando o centro da leitura da escola para a tela e da crítica especializada para a resenha como comentário de múltiplos significados.

É diante desse cenário que a escolha pela investigação de práticas de letramento literário fora do espaço escolar se justifica. A decisão de analisar a Plataforma Skoob como território discursivo não se dá por fascínio pelas redes, mas por necessidade metodológica. Ali, leitores produzem sentidos e constroem interpretações sobre obras literárias. Se na escola a leitura ainda é, muitas vezes, uma tarefa obrigatória, nesses ambientes digitais, ela se apresenta como prática socialmente partilhada e voluntária.

Nesse processo de mudança do olhar, da escola para as práticas digitais, é preciso manter a escuta crítica e perguntar se essas manifestações configuram, de fato, letramento literário ou se apenas apresentam performances de leitura mais voltadas à sociabilidade do que à experiência estética. A esse respeito, Carlos Drummond de Andrade, em carta a João Cabral de Melo Neto escrita em janeiro de 1942, provoca: “Mas o povo não lê poesia... Quem disse? Não dão ao povo poesia. Ele, por sua vez, ignora os poetas” (Andrade, 1942).

Tal provocação questiona o distanciamento entre a arte literária e o cotidiano dos sujeitos, chamando atenção para a necessidade de refletir sobre o propósito da Literatura, seus espaços de circulação e os indivíduos que dela se apropriam. Se parte do público não se enxerga na poesia ou na Literatura, talvez seja porque as formas tradicionais de mediação literária não os reconheçam como leitores. Na carta, Carlos Drummond de Andrade (1942) exorta: “as experiências se realizarão dentro e fora de nós, e haverá possibilidade de progredir na aventura poética. O essencial mesmo é viver e acreditar na força formidável da vida que é nosso alimento e nosso material de trabalho”. Com essas palavras, o poeta afirma que a escrita carrega em si o desejo de comunicação, independente da reação do público.

Assim, esta introdução apresenta uma pesquisa que olha para as práticas de leitura na Cultura Digital, sem hierarquizações ou romantizações, reconhecendo que as práticas de leitura não são homogêneas nem isentas de contradições. No desenvolvimento desta investigação, as interações dos leitores na Plataforma Skoob são descritas e analisadas, problematizando os sentidos produzidos pelas resenhas publicadas e questionando em que medida essas experiências contribuem para um letramento literário crítico.

Para alcançar esse objetivo, além desta introdução e das considerações finais, esta pesquisa apresenta quatro capítulos: o primeiro discute as concepções de letramentos literário,

digital e crítico, e começa estabelecendo a distinção entre Alfabetização e Letramento, por considerar necessária a precisão dos usos dos conceitos, considerando a pluralidade das práticas de letramento e suas implicações para a formação de leitores. Para tanto, as discussões se fundamentam em Rojo e Moura (2019), Soares (1998, 2002, 2004, 2017), Street (2014), Kleiman (2014), Cosson (2021), Paulino e Cosson (2009), Ferreiro (1992), Bakhtin (1997), Freire (1987, 1989), Tfouni (2015) e Paulino (2001, 2004).

Em seguida, o segundo capítulo analisa a Cultura Digital e o fenômeno da viralização da obra como mediador contemporâneo da recepção literária, discutindo as plataformas digitais como espaços de socialização do literário. Bakhtin (1997), Rojo e Moura (2019), Paulino (2001), Cosson (2021), Kleiman (2014), Santaella (2014), Santaella e Kaufman (2024), Street (2014), Soares (2002), Freire (1989), Almeida (2024) e demais autores contemporâneos fundamentam esse capítulo com reflexões teóricas e práticas.

O terceiro capítulo é dedicado à revisão de literatura e à descrição dos caminhos metodológicos da pesquisa. Ademais, detalha os fundamentos da netnografia, tornando visível o modo como a investigação usa referenciais sobre letramento literário, letramento digital e cultura digital para estabelecer conexão entre a fundamentação teórica e o corpus empírico. Ele prepara o leitor para a abordagem qualitativa, de caráter exploratório e de procedimentos bibliográficos e netnográficos, assegurando a legitimidade dos resultados, pois revela que a coleta e a análise das resenhas não se deram de maneira aleatória, mas orientadas por categorias previamente definidas. Para tanto, dialoga com autores como Kozinets (2014) Kleiman (2014), Rojo e Moura (2019) e Ribeiro (2020) que sustentam a análise crítica das resenhas como eventos de letramento situados em práticas sociais contemporâneas. O terceiro capítulo funciona como eixo de mediação entre teoria e análise, garantindo que as interpretações propostas não sejam apenas impressões, mas construções críticas apoiadas em um percurso metodológico.

Por fim, o quarto capítulo realiza a análise das práticas de leitura na Plataforma Skoob, mapeando as interações dos usuários em torno de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, examinando como essas resenhas evidenciam modos de apropriação e ressignificação da obra. Para tanto, são mobilizadas as contribuições de Rodrigues, Flexor e Aneas (2020), Caldeira, Rodrigues e Ayres (2022), Bourdieu (1998), Kozinets (2014), Cosson (2021), Paulino (2001, 2004), Soares (2004, 2017), Santaella (2013), dentre outros. O capítulo reúne a apresentação da obra, a descrição metodológica da pesquisa e a análise das resenhas selecionadas.

Essa estrutura busca garantir a articulação entre a fundamentação teórica, a análise empírica e a reflexão crítica sobre os dados, compondo um percurso investigativo que descreve as práticas observadas e mostra as categorias tradicionais de leitura, letramentos e crítica sob a perspectiva das transformações culturais, próprias da Cultura Digital. Assim, a pesquisa inicia com a problematização conceitual dos letramentos, avança para a análise das implicações da Cultura Digital e finaliza com a interpretação das práticas discursivas dos leitores na plataforma escolhida, de modo a analisar as ambivalências do letramento literário na Cultura Digital.

CAPÍTULO 1 LETRAMENTO LITERÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Antes de existir computador existia tevê. Antes de existir tevê existia luz elétrica. Antes de existir luz elétrica existia bicicleta. Antes de existir bicicleta existia enciclopédia. Antes de existir enciclopédia existia alfabeto. Antes de existir alfabeto existia a voz. Antes de existir a voz existia o silêncio. O silêncio foi a primeira coisa que existiu um silêncio que ninguém ouviu (O Silêncio, de Arnaldo Antunes, 1997).

Para fazer a análise das resenhas postadas na Plataforma Skoob, é necessário estabelecer a distinção entre Alfabetização e Letramentos, pois a discussão sobre alfabetização e leitura sempre esteve presente nas atividades acadêmicas. Todavia nos últimos anos, segundo Cosson (2021), termos como Letramento, Letramento Literário, Letramento Digital, Letramento Crítico e Multiletramentos têm ocupado lugar de destaque nos espaços acadêmicos. Isso ocorre devido à necessidade de explicar os fenômenos relacionados à linguagem em suas múltiplas dimensões, sua aquisição, suas representações, seus usos e suas implicações sociais, especialmente, quando observadas a partir da incorporação de tecnologias digitais como mediadoras das práticas de linguagem.

Essa ação é necessária uma vez que o estudo visa a refletir sobre o papel do letramento literário na formação de leitores críticos em meio à Cultura Digital e não há como sustentar essa discussão sem que os termos fundamentais da análise estejam devidamente definidos e contextualizados. Dessa forma, o presente capítulo busca estabelecer as bases teóricas para analisar o papel do Letramento Literário na formação de leitores críticos no contexto da Cultura Digital, tendo como objeto específico as resenhas publicadas na Plataforma Skoob sobre a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Assim sendo, a organização deste capítulo obedece à seguinte estrutura: a seção 1.1 apresenta a distinção entre Alfabetização e Letramento, articulando-a às novas práticas de leitura desenvolvidas em ambientes digitais, nos quais a decodificação da escrita já não basta diante da complexidade de textos multissemióticos e multimodais (Rojo; Moura 2019). A seção 1.2 aprofunda o conceito de Letramento enquanto prática social e situada, discutindo-o a partir da Cultura Digital, em que o uso da linguagem se dá em redes, plataformas e espaços colaborativos de produção de sentidos (Santaella, 2021). Por fim, a seção 1.3 desenvolve o conceito de Letramento Literário e suas implicações para a formação do leitor crítico, estabelecendo conexões com o contexto das práticas de recepção literária em plataformas

digitais, em que a circulação de resenhas, mostra tanto a dimensão estética da leitura quanto sua postura crítica (Rodrigues; Flexor; Aneas, 2020).

1.1 Alfabetização e letramento: uma distinção necessária

A leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade, com seus sonhos, seus devaneios e sua experiência (Queirós, 1993).

Conforme Rojo e Moura (2019), o termo Letramento precisa ser compreendido como distinto da Alfabetização. É justamente por causa dessa reflexão que se faz necessário, no âmbito desta pesquisa, separar com precisão tais conceitos. Isso porque no passado, reconhecer as letras e desenhá-las era um exercício pleno de cidadania. O detentor dessas habilidades se destacava entre os demais cidadãos porque possuía um poder que poucos possuíam: sabiam ler e escrever e não eram analfabetos. A escola tinha a tarefa específica de desenvolver essas habilidades de forma padronizada a fim de diminuir os índices de analfabetismo. As atividades escolares eram repletas de cópia, memorização e reprodução.

Hoje, não basta reconhecer e reproduzir as letras. A escola precisa proporcionar ao aluno atividades que o habilitem a reconhecer e produzir sentidos. Precisa buscar o letramento, a capacidade de ler, escrever e fazer uso desses conhecimentos em situações reais. De acordo com Soares (2002, p. 12), trata-se de “alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem”.

Como sugerem Rojo e Moura (2019), é ingênuo acreditar que a alfabetização isoladamente promove transformações sociais significativas, pois apenas o domínio do código não garante o estabelecimento de trocas simbólicas. Os autores apontam a distinção dos dois termos, dialogando com estudiosos como Freire (1987), Soares (2017) e Tfouni (2015), e apresentam a origem do termo letramento a partir da obra de Mary Kato, publicada em 1986.

Soares (2017) também demonstra a necessidade de diferenciar os dois processos: “é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua (oral e escrita) de um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita); este último é que, sem dúvida, nunca é interrompido” (Soares, 2017, p. 18). Ou seja, o processo de Alfabetização diz respeito à aquisição dos saberes relacionados ao ato de ler e de escrever como técnica que ocorre, na maioria dos casos, na escola por um determinado tempo da escolarização elementar. Refere-se ao desenhar e ao decodificar das letras. Já o letramento refere-se às interações comunicativas que acontecem independentemente da aquisição das habilidades de ler e escrever e perdura por

toda a vida, nos processos de interações comunicativas. Essa distinção, segundo Tfouni (2015), reside no fato de que “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade” (Tfouni, 2015, p. 20). É nesse sentido que Kleiman (2014) explica que o termo letramento passou a circular no meio acadêmico como forma de distinguir as reflexões sobre os efeitos sociais da escrita daquelas restritas à alfabetização, marcada por uma perspectiva escolar que enfatiza apenas as habilidades individuais de ler e escrever. Especialmente porque o letramento refere-se às interações linguísticas e socioculturais que ocorrem, mesmo que o sujeito não saiba ler e escrever.

Soares (2017) reforça a complexidade do processo de alfabetização ao afirmar que ele “envolve diferentes facetas. Faceta linguística, faceta interativa, faceta sociocultural, faceta política” (Soares, 2017, p. 28). Já Ferreiro (1992) explica que o contato com o letramento se inicia muito antes da escolarização formal. Ela se dá por meio da participação ativa na escuta das histórias infantis, na leitura das ilustrações dos livros, nas tentativas de ditar interpretações de placas, desenhos ou mensagens a adultos ou a crianças mais próximas com quem se relacionam através da linguagem. No contexto dessa pesquisa, acrescenta-se a capacidade de entender símbolos e figuras presentes nas telas, com as quais muito prematuramente começam a interagir.

Esse contato evidencia que o letramento antecede a alfabetização e permanece após ela. Isso significa que o letramento não se esgota com a alfabetização, mas a pressupõe e a transcende. Freire (1989) já antecipava essa discussão ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (Freire, 1989, p. 9), indicando que o ato de ler implica uma visão crítica da realidade social.

Por conseguinte, pode-se entender que o letramento não é decodificação de símbolos, tampouco um mero juntar de letras para formar sílabas e palavras. É, acima de tudo, a possibilidade de dar sentido aos diversos enunciados que não se resumem ao texto escrito e extrapolam as possibilidades de comunicação iconográficas, miméticas e sensoriais. Enquanto a alfabetização se ocupa em preparar o indivíduo para reproduzir as letras e os sons das palavras, o letramento capacita-o para interagir. É por isso que a exposição das ideias dos autores sobre alfabetização e letramento, aqui apresentada, revela que os dois termos são inerentes.

Essa revelação é comprovada pela observação de que antes mesmo de aprender a ler e a escrever, o indivíduo é apresentado ao universo letrado por meio de conversas, contos de fadas, histórias, cumprimentos, músicas, placas e ícones. Ou seja, ele já participa de eventos de

letramento. Situações em que a linguagem escrita se faz presente e significativa. Mesmo sem que haja domínio técnico do código, ele já domina a fantasia, o gosto em leituras que não constam de letras e papel, mas de duendes e fadas, Papai Noel e Bicho Papão. Ou seja, domina a redação oral; o criador e o contador de histórias que cada indivíduo guarda dentro de si, as mentiras que parecem verdades e que são reproduzidas em suas interações.

Por outro lado, é importante destacar que, uma vez conhecido o sistema alfabetico, o letramento não cessa. Ele persiste e se transforma, acompanhando a inserção do sujeito em novas práticas sociais, educativas, profissionais e tecnológicas. Como ressalta Soares (2017), letrar-se é participar de práticas sociais da leitura e da escrita em contextos específicos. O que, na contemporaneidade, inclui desde a leitura de textos escolares até a produção de conteúdos em redes sociais, blogs, fóruns e ambientes virtuais de aprendizagem.

A fim de tornar mais evidente a distinção entre os conceitos, bem como explicitar a perspectiva adotada nesta pesquisa, apresenta-se, a seguir, o quadro 1, elaborado com base nas contribuições teóricas de Street (2014), Kleiman (2014), Soares (2004), Rojo e Moura (2019) e Paulino (2004). O objetivo é destacar as diferenças estruturais entre os dois processos e evidenciar suas naturezas distintas e, ao mesmo tempo, complementares, conforme sustentado ao longo da discussão anterior.

Quadro 1: Alfabetização x Letramento

| ASPECTOS | ALFABETIZAÇÃO | LETRAMENTO |
|-------------------------------------|--|--|
| Prioridade | Apropriação do sistema de escrita alfabetica e ortográfica. | Inserção crítica em práticas sociais de leitura e escrita. |
| Natureza do processo | Processo linguístico, psicomotor e pedagógico. | Processo histórico, social, cultural, ideológico e contínuo. |
| Contexto de ocorrência | Principalmente escolar e formal | Diversos espaços sociais (família, escola, mídias, trabalho). |
| Ênfase na aprendizagem | Aprender a ler e escrever convencionalmente (domínio do código). | Interpretação, autoria, leitura crítica, participação discursiva. |
| Relação com o código escrito | Ênfase na decodificação de grafemas e fonemas. | Linguagem como prática social situada e multimodal. |
| Dimensão social | Individual, centrada no desempenho do sujeito. | Coletiva, plural, situada em comunidades e culturas letradas. |
| Temporalidade | Delimitada: tem início, meio e fim. | Contínua. |
| Agente de mediação | Professor (como instrutor técnico). | Mediadores diversos (família, professor, colegas, redes, tecnologias). |
| Finalidade | Domínio funcional da escrita e da leitura. | Formação cidadã, emancipação, protagonismo, leitura do mundo. |
| Exemplo típico | Copiar palavras, formar sílabas, escrever frases simples. | Publicar resenhas, comentar textos, reinterpretar obras em redes digitais. |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Street (2014), Kleiman (2014), Soares (2004), Rojo e Moura (2019) e Paulino (2004).

Como se observa no quadro 1, a Alfabetização concentra-se predominantemente na apropriação do sistema alfabetético, com ênfase na decodificação e no domínio técnico do código. O Letramento, por sua vez, assume natureza social, ideológica e contínua, manifestando-se em práticas concretas de leitura e de escrita nos mais diversos contextos culturais. Essa distinção não implica oposição. Ao contrário, revela a interdependência entre os dois processos. A Alfabetização fornece as bases estruturais para que o sujeito acesse a linguagem escrita, enquanto o Letramento amplia essas possibilidades, inserindo o leitor nas dinâmicas discursivas da vida social.

Portanto, Alfabetização e Letramento não podem ser tratados como fases isoladas ou processos excludentes. São dimensões complementares e interdependentes da formação do sujeito leitor, como sintetiza Kleiman (2014). Sua articulação é indispensável para a formação de leitores críticos, capazes de compreender e transformar os discursos que os atravessam, assegurando o direito à linguagem como técnica, como prática viva, situada, social e política.

1.2 Letramento como prática social situada

As palavras não nascem amarradas, elas saltam, se beijam, se dissolvem, no céu livre por vezes um desenho, são puras, largas, autênticas, indevassáveis (Carlos Drummond de Andrade, 1945).

Estabelecida a interdependência entre Alfabetização e Letramento, cabe agora aprofundar a compreensão do Letramento como prática social situada. Essa prática refere-se ao reconhecimento do letramento presente nos contextos sociais, culturais, históricos e institucionais. Essa concepção foi consolidada por autores como Street (2014), Kleiman (2014) e Soares (2002) e isso significa que os modos de ler e escrever variam conforme o meio, os objetivos, os participantes e os valores de cada comunidade.

Esse reconhecimento se apresenta como um elemento base para a análise proposta nesta pesquisa. Parte-se do pressuposto de que o Letramento figura como uma prática histórica, marcada por relações de poder e pelos usos da linguagem em diferentes contextos socioculturais. Assim, as práticas escolares que historicamente serviram de parâmetro para definir quem era ou não considerado letrado, aparecem apenas como uma entre as muitas possibilidades de práticas de letramento. Por serem dominantes, acabam impondo determinadas habilidades e restringindo outras, fixando modos específicos de apropriação da escrita.

Nessa direção, quando se propõe a análise para o ambiente digital, percebe-se que a escrita, antes limitada, quase que exclusivamente, ao espaço escolar, adquire novas formas de circulação, interpretação e apropriação, como acontece na Plataforma Skoob. É nesse espaço de sociabilidade literária que leitores de *Memórias póstumas de Brás Cubas* produzem sentidos para a obra de Machado de Assis, ora reiterando o modelo escolar de leitura obrigatória, ora rompendo com ele, ao criar formas de engajamento e crítica.

Essa conceituação aponta que a prática social é constitutiva de linguagem e a linguagem é, por natureza, dialógica (Bakhtin, 1997). Sua produção de sentido ocorre em situações concretas de interação entre os sujeitos, mediadas por contextos culturais específicos. Nessa perspectiva, o letramento faz parte de um processo contínuo de interação com textos e interlocutores. Além disso, o Letramento não se restringe ao ambiente escolar, embora este constitua um espaço oportuno para seu desenvolvimento. Ao se analisar o conceito de letramento para além do domínio técnico, amplia-se a compreensão da escrita como prática social. O que se torna ainda mais expressivo quando se analisa os usos da linguagem em ambientes digitais, como as publicações das resenhas na Skoob.

A esse respeito, Kleiman (2005) expressa preocupação ao formular perguntas provocativas se era preciso ensinar o letramento e se não bastava ensinar a ler e a escrever. A resposta, embora aparentemente simples, carrega implicações significativas para a prática pedagógica. Ensinar letramento é formar leitores do mundo, sujeitos capazes de atribuir sentidos, interpretar criticamente os discursos, reconhecer os contextos e agir sobre eles.

Quando uma criança, um jovem ou um adulto aprende a ler e a escrever, não se limita a adquirir um código, mas passa a conhecer as práticas de letramento que circulam na sociedade, estando em constante processo de letramento. Se, no passado, tais usos estavam visíveis em placas de ônibus, vitrines de lojas e anúncios de supermercado. Hoje, se atualizam nas telas digitais, em posts, memes, resenhas e comentários que compõem a paisagem do ciberespaço.

Seguindo esse raciocínio, a Cultura Digital expande os espaços de leitura e escrita, transformando práticas como fazer resenhas para publicá-las na Plataforma Skoob em formas legítimas de apropriação da linguagem escrita, em que o sujeito produz sentidos sobre obras, tais como *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Essa perspectiva pressupõe reconhecer que cada espaço de atuação social, seja profissional, digital, literário, religioso ou acadêmico, demanda do sujeito diferentes modos de ler, escrever, interpretar e significar.

Na Cultura Digital, tais práticas se materializam de forma particularmente intensa, uma vez que as redes sociais, fóruns e plataformas de leitura apresentam-se como espaços de circulação de discursos e de disputas de sentidos. Assim, ao analisar as resenhas de *Memórias*

póstumas de Brás Cubas na plataforma, torna-se possível observar como leitores se apropriam da obra machadiana como exercício estético e como prática discursiva que revela posições, pertencimentos e modos de engajamento característicos da lógica da Cultura Digital.

Nesse sentido, é pertinente lembrar que a dimensão ideológica do Letramento, destacada por Street (2014), contrapõe-se ao que o autor denomina modelo autônomo, no qual a escrita é vista como uma técnica neutra, desvinculada dos contextos sociais de uso. No modelo ideológico, defendido pelo autor, as práticas de Letramento são sempre contextualizadas, permeadas por relações de poder e construções culturais específicas.

No ambiente digital pesquisado, há resenhas que se aproximam do modelo autônomo, pois se limitam a resumir o enredo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* ou identificar elementos narrativos como tempo, espaço e narrador, repetindo a lógica escolar de leitura como exercício técnico. De outro, encontram-se resenhas que exemplificam o modelo ideológico, ao relacionar o pessimismo do narrador às desigualdades sociais brasileiras, ao questionar a obrigatoriedade da leitura no currículo ou ainda ao dialogar com a viralização da obra no TikTok. Nessas práticas, a leitura não se restringe à decodificação, mas integra as condições socioculturais na construção da experiência literária.

Além disso, a compreensão do Letramento como prática social situada também dialoga com a perspectiva dos multiletramentos, analisada por Rojo e Moura (2019). Os autores destacam a necessidade de considerar a multiplicidade de linguagens, mídias e culturas que caracterizam a sociedade contemporânea, ampliando a noção de texto para além do verbal e reconhecendo a importância da multimodalidade e das tecnologias digitais nos processos de significação da linguagem.

Portanto, é essa concepção de Letramento, como prática social, plural, situada e crítica que fundamenta as reflexões deste trabalho. No item seguinte, será apresentado o conceito de letramento literário, compreendido como uma prática capaz de promover o prazer estético da leitura e desenvolvimento de uma postura crítica e sensível frente aos discursos que constituem e os textos que os atravessam, especialmente em ambientes digitais como a Plataforma Skoob são capazes de estabelecer relações entre os textos literários e seus contextos de produção e recepção.

1.3 Letramento Literário: formação do leitor crítico

A palavra é o meu domínio sobre o mundo.
(Clarice Lispector, 2018)

A partir das concepções de Letramento como prática social e da compreensão da Alfabetização como processo constitutivo, porém insuficiente, para a inserção plena do sujeito no universo da linguagem escrita, chega-se ao conceito central desta pesquisa. Se letrar-se significa participar criticamente dos usos sociais da escrita, o Letramento Literário consiste em um modo específico de apropriação da linguagem. Aquele que se dá por meio da literatura.

Nesse contexto, a literatura apresenta-se como linguagem simbólica, estética e plural, atravessada por discursos, ideologias e disputas de sentido. Ela estabelece relações diversas entre leitor, linguagem, fruição, ambiguidade, polissemia, imaginação e senso crítico, constituindo um espaço de formação de leitores. Essa concepção significa transcender o ensino centrado na mera identificação de recursos estilísticos, estruturas narrativas ou contextos históricos, privilegiando a formação de leitores capazes de experienciar a literatura como produção de sentido.

Trata-se de retirar o olhar da decodificação para uma abordagem que favoreça o envolvimento estético e a construção ativa de interpretações. Ao discutir os fundamentos do Letramento Literário, Cossen (2015) propõe um modelo de formação do leitor que articula quatro eixos interdependentes: o desenvolvimento da competência leitora, o acesso a acervos diversificados, a formação de uma comunidade de leitores e a mediação docente. Esses elementos não são excludentes nem hierárquicos, mas complementares. Um sujeito não se torna leitor literário apenas pelo acúmulo de livros lidos, mas pela forma como ele participa de práticas de leitura mediadas, dialogadas e socialmente significativas.

Nessa perspectiva, Sousa (2023), apresenta uma proposta pedagógica de leitura subjetiva e escrita criativa, defendendo que o envolvimento pessoal do leitor com o texto é elemento essencial para sua apropriação. A autora utiliza diários de leitura como instrumentos que permitem acessar o percurso interpretativo dos estudantes, enquanto as reescritas criativas funcionam como práticas de autoria e transformação da obra lida.

Segundo Sousa (2023), Graça Paulino, pioneira no uso da expressão Letramento Literário no Brasil, desenvolve uma abordagem que valoriza o papel do leitor no processo de interpretação. Em sua perspectiva, o Letramento Literário envolve práticas que desenvolvem a sensibilidade, a criticidade e a consideração da resposta do leitor, exigindo um ensino que ultrapasse a análise estrutural e reconheça a experiência de leitura como campo de produção de subjetividades.

A abordagem de Sousa (2023) articula-se com o que Kleiman (2014) denomina “práticas socialmente situadas de leitura e escrita”, ao propor um ensino de literatura ancorado em práticas concretas, sensíveis à diversidade dos sujeitos e aos contextos de produção e

recepção textual. Ao inserir os estudantes em uma comunidade de leitores, a autora evidencia que o Letramento Literário não é um processo técnico, mas formativo, capaz de ativar dimensões cognitivas, afetivas e sociais do sujeito.

É relevante estabelecer uma conexão entre essa perspectiva e a distinção proposta por Street (2014) entre os modelos autônomo e ideológico de Letramento. Aplicada ao campo literário, tal distinção permite reconhecer que o Letramento Literário não constitui uma habilidade neutra, mas uma prática carregada de valores, perspectivas e implicações sociais. Ao ler literatura, o sujeito também lê o mundo e, ao reescrevê-lo, também o reinventa.

Essa concepção dialoga com as críticas de Rojo (2009) às práticas escolares que tratam a leitura como exercício técnico e descontextualizado, reduzindo o texto literário a um objeto decorativo ou instrumento de avaliação. A autora denuncia o distanciamento entre a leitura escolar e as práticas reais de linguagem, ressaltando que a escola tende a reproduzir desigualdades ao ignorar as múltiplas formas de letramento que circulam fora dela. Para Rojo (2009), é imprescindível que o ensino se abra à pluralidade de linguagens e mídias, incorporando os letramentos digitais e culturais que já fazem parte da experiência dos estudantes, reconhecendo-os como leitores em múltiplos espaços e práticas sociais.

A compreensão das práticas de leitura na Plataforma Skoob exige articulação entre os conceitos de letramento literário e as especificidades da recepção em ambientes digitais. Paulino (2004) enfatiza que o letramento literário pressupõe formação de leitores capazes de fruir esteticamente o texto e de posicionar-se criticamente diante dele, reconhecendo marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade e contexto histórico de produção. Na Cultura Digital, essas competências se manifestam de modo híbrido, como demonstram as resenhas analisadas, nas quais leitores mobilizam tanto repertórios escolares quanto referências da cultura de massa para construir interpretações.

Assim, as resenhas publicadas na Skoob não podem ser avaliadas pelos mesmos critérios da crítica acadêmica ou da leitura escolar, mas devem ser analisadas considerando as condições específicas de produção discursiva em plataformas digitais. Rojo e Moura (2019) ampliam essa perspectiva ao argumentar que os multiletramentos contemporâneos articulam múltiplas linguagens e modalidades semióticas, exigindo do leitor competências que transcendem a decodificação verbal. As resenhas exemplificam essa multiplicidade ao usar elementos como caracteres especiais, emojis e frases de efeito.

Para aprofundar a compreensão sobre o conceito de Letramento Literário, apresenta-se a seguir o quadro 2, que sintetiza as contribuições teóricas de diferentes autores, com base na análise proposta por Sousa (2023). Essas contribuições fundamentam a análise das resenhas

publicadas na Plataforma Skoob sobre a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, objeto específico desta pesquisa.

Quadro 2: Letramento Literário

| AUTOR(A) | CONCEITO | ÊNFASE | CONTRIBUIÇÃO PRINCIPAL |
|------------------|---------------------------------------|---------------------------------|--|
| Rildo Cosson | Letramento como prática social | Formação crítica e cidadã | Integra leitura estética e formação ética do leitor. |
| Graça Paulino | Prática de apropriação e subjetivação | Experiência do leitor | Valoriza a resposta do leitor e a construção do sentido. |
| Marisa Lajolo | Prática cultural situada | História da leitura | Relação entre literatura, escola e sociedade. |
| Regina Zilberman | Instrumento de mediação | História da literatura e ensino | Importância da crítica literária na formação escolar. |
| Annie Rouxel | Leitura como escuta e subjetividade | Processo estético e afetivo | Leitura literária como construção da subjetividade. |
| Cecilia Bajour | Leitura como escuta sensível | Mediação e subjetividade | Relação dialógica entre leitor, texto e mediador. |
| Aidan Chambers | Letramento como diálogo | Círculo de leitura | Método de perguntas para ativar o envolvimento leitor. |
| Pierre Bayard | Desconstrução da leitura obrigatória | Liberdade do leitor | Direito ao não ler; crítica à escola tradicional. |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Sousa (2023).

A análise do quadro 2 revela a riqueza e a complexidade do conceito de Letramento Literário que integra dimensões pedagógicas, socioculturais, subjetivas e políticas. Essa multiplicidade de perspectivas permite compreender o Letramento Literário como um processo que vai além da mera decodificação de textos literários. No contexto desta pesquisa, é importante investigar como os usuários interagem com a obra que sentidos produzem que leituras manifestam e que vínculos estabelecem com o texto e com os outros. A hipótese que se vislumbra é que, mesmo fora dos limites formais da escola, essas práticas de leitura e escrita digital configuram eventos de Letramento Literário, com potencial formativo e crítico.

1.4. Ensino de literatura, leitura literária e Letramento Literário

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos (João Cabral de Melo Neto, 2008).

A discussão sobre o papel da literatura na educação é marcada por uma multiplicidade terminológica que frequentemente gera confusões teóricas e metodológicas entre educadores e

pesquisadores. Os termos ensino de literatura, leitura literária e Letramento Literário são muitas vezes utilizados como sinônimos ou conceitos intercambiáveis, apesar de abarcarem dimensões distintas da relação entre literatura e educação.

Cosson (2021, p. 74) aponta a necessidade de explicar esses conceitos “as operações de desambiguação se tornam cada vez mais necessárias para aprofundar definições e permitir o avanço da reflexão para além do uso comum”. O objetivo dessa desambiguação não é “erguer barricadas entre os termos, mas tão somente demonstrar que, apesar de seus campos semânticos convergirem em vários contextos, há diferenças a serem observadas no emprego de cada termo” (Cosson, 2021, p. 75).

A trajetória histórica do ensino de literatura remonta à Antiguidade, quando “os textos que hoje reconhecemos sob o estatuto de literário são usados como material de ensino” (Cosson, 2021, p. 75). Desde a Grécia Antiga, passando pelo mundo helenístico, pelas escolas romanas e medievais, até o ensino das línguas modernas, a literatura sempre ocupou lugar central na educação, embora com diferentes funções e abordagens. Como destaca Cosson (2021), o ensino de literatura historicamente se bifurcou em duas abordagens principais, sintetizadas no quadro 3:

Quadro 3: Dimensões do Ensino de Literatura

| Dimensão | Características | Implicações Pedagógicas |
|---|--|---|
| Literatura como matéria para ensino da leitura e escrita | Subordinada ao ensino da língua materna; textos literários como fragmentos descontextualizados; literatura como modelo de uso correto da língua; referências retiradas de um passado distante. | Exercícios de composição, memorização e ilustração; posição aparentemente privilegiada, mas dedicado ao ensino da escrita; ênfase em aspectos linguísticos e morais. |
| Literatura como saber específico | Ênfase à história da literatura; organização histórica em períodos/estilos; obras como exemplos desses períodos; ênfase na identidade nacional; exclusivo do ensino secundário. | Ensino sobre a literatura, não da literatura; abordagem cronológica e historiográfica; valorização do cânone nacional; deslocamento do campo da aprendizagem da escrita para o campo da história. |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Cosson (2021)

Na primeira abordagem, a literatura é subordinada ao ensino da língua materna, com os textos literários funcionando primordialmente como material para exercícios linguísticos. Como observa Cosson (2021, p. 77): “Enquanto matéria, o ensino de literatura é confundido com ou mais propriamente subordinado ao ensino de língua materna, seguindo de forma ainda mais empobrecida a abordagem formalista e moralista com que os jesuítas se apropriaram da tradição vinda do mundo clássico”. Nessa perspectiva, os textos literários são apresentados de

forma fragmentada e descontextualizada, como referências do uso correto da língua escrita, especialmente de um passado que lhes dava autoridade linguística e moral.

A segunda abordagem trata a literatura como um saber específico, centrado na história da literatura. Neste caso, nota-se a organização cronológica de autores e obras em períodos ou estilos artísticos, com ênfase na construção da identidade nacional. Como afirma Cosson (2021, p. 77), “trata-se, essencialmente, de um ensino sobre a literatura e não da literatura que sai da alcada da aprendizagem da escrita e passa para o campo da história”.

No Brasil, essa bifurcação materializou-se institucionalmente na separação entre as disciplinas de Português e Literatura Brasileira. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, especialmente após a década de 1960, o ensino da literatura passou por transformações significativas, resultando em um progressivo apagamento no contexto escolar (Cosson, 2021).

Este processo intensificou-se com a abertura do material de leitura escolar para outros tipos de texto, como aqueles oriundos da comunicação de massa, e com a crescente instrumentalização do ensino da língua para usos pragmáticos da escrita. Segundo Cosson (2021, p. 81), “a expressão ‘leitura literária’ recobre práticas de leitura imbricadas que acompanham a história da escrita” que podem ser sistematizadas conforme o quadro a seguir:

Quadro 4: Dimensões da Leitura Literária

| Dimensão | Características | Implicações Pedagógicas |
|-------------------------------------|---|---|
| Leitura literária horizontal | Destaque para a formação do leitor em geral; capacidade de decifrar e compreender signos; literatura como incentivo à aprendizagem; ênfase no hábito e gosto pela leitura. | Desenvolvimento de atividades de leitura como lazer; preocupação com a continuidade da leitura após a escola; formação de um leitor capaz de utilizar a escrita em diversos contextos. |
| Leitura literária vertical | Formação do leitor literário específico; leitura como modo específico de ler; diferentes abordagens, centrada no autor, texto, leitor ou contexto; análise de texto, contexto e intertexto. | Desenvolvimento de habilidades específicas de análise; formação para reconhecer especificidades do texto literário; aprendizagem de convenções e protocolos de leitura literária; ênfase na experiência estética e na capacidade crítica. |
| Determinada pelo texto | Valorização de textos específicos (clássicos, obras canônicas); ênfase nos valores culturais, estéticos ou identitários. | Seleção criteriosa do corpus literário; ênfase nas características especiais dos textos escolhidos. |
| Determinada pelo modo de ler | Preocupação com a relação leitor-texto; leitura como experiência única; ênfase na transação entre leitor e texto. | Desenvolvimento de estratégias específicas de leitura; ênfase no processo interpretativo; valorização da experiência subjetiva da leitura. |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Cosson (2021).

A leitura literária horizontal considera a formação do leitor em geral. Utiliza a leitura literária como um meio para formar um indivíduo “capaz de decifrar e compreender os signos da escrita, fazendo uso deles em variados contextos” (Cosson, 2021, p. 82). Nesta perspectiva,

a literatura funciona como incentivo, inicialmente, à aprendizagem da escrita e, posteriormente, como reforço para manter o contato com a cultura escrita, com ênfase nas questões de hábito e gosto pela leitura.

A leitura literária vertical objetiva a formação do leitor literário específico, considerando “que a leitura literária é um modo específico de ler (concepção mais forte) ou que exige uma determinada postura frente ao texto literário (concepção mais fraca)” (Cosson, 2021, p. 82). Essa abordagem pode ser entendida por meio de diferentes perspectivas teóricas, seja centrada no autor, no texto, no leitor ou no contexto.

Cosson (2021) também distingue abordagens que identificam a leitura literária com a leitura de determinados textos valorizados por razões culturais, estéticas ou identitárias e abordagens que a consideram um modo específico de ler, independentemente dos textos. No primeiro caso, a ênfase recai sobre as características especiais dos textos. No segundo, sobre a relação que o leitor estabelece com eles.

Entre os teóricos que fundamentam a concepção da leitura literária como um modo específico de ler, destacam-se autores como Rosenblatt (2002 [1938]), Iser (1978), Fish (1995) e Culler (1981), conforme citados por Cosson (2021, p. 82). A primeira concepção compreende a leitura como uma experiência única e resulta da transação entre leitor e texto. A segunda, enfatiza o preenchimento de vazios textuais que produzem o efeito estético. A terceira, valoriza a aplicação de regras de interpretação construídas em comunidades de leitores e a quarta concepção aponta para a necessidade de o leitor mobilizar um conjunto de convenções literárias para ler os textos.

Diante do exposto, o conceito de Letramento Literário surge como uma tentativa de equilibrar os componentes “Letramento” e “literário”, transcendendo a definição generalista de “Letramento que se faz com textos literários”. Paulino e Cosson (2009) definem o Letramento Literário como “a apropriação literária da literatura”, ressaltando a importância do contato com obras literárias e do modo literário de lê-las. O quadro 5 sistematiza as principais dimensões deste conceito:

Quadro 5: Dimensões do Letramento Literário

| Dimensão | Características | Implicações Pedagógicas |
|-------------------|---|--|
| Conceitual | Apropriação literária da literatura; equilíbrio entre os termos letramento e literário; transcendência da definição generalista; letramento como processo de construção de sentidos; literário como linguagem que significa simbolicamente. | Reconhecimento da especificidade do literário; valorização tanto do texto quanto do modo de ler; abordagem que integra diferentes perspectivas teóricas. |

| Dimensão | Características | Implicações Pedagógicas |
|---------------------------------|---|---|
| Como paradigma de ensino | Substitui modelos tradicionais; parte de movimento de renovação internacional; ênfase na leitura literária como modo específico; reconhecimento do literário como modo específico de ler. | Transformação das práticas pedagógicas; integração com outras concepções de letramento; atualização necessária frente às novas tecnologias. |
| Pressupostos pedagógicos | Contato direto do aluno com o texto; compartilhamento em comunidade de leitores; desenvolvimento da competência literária; valorização da experiência individual e intransferível; ausência de leitura única e correta. | Centralização no aluno e não no conteúdo; sistematização de oportunidades de leitura; ampliação do repertório e aprofundamento do modo de ler. |
| Metodologia | Leitura responsiva (registro da resposta do leitor); prática interpretativa (sistematização e aprofundamento); análise de texto, contexto e intertexto; diversidade de formas e suportes. | Variedade de atividades pedagógicas; equilíbrio entre experiência pessoal e compartilhada; práticas que valorizam o vínculo texto-leitor; desvelamento das camadas de sentido do texto. |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Cosson (2021).

O quadro 5 apresenta que o letramento literário “refere-se a um repertório ou mais propriamente à linguagem que é usada para significar simbolicamente nas palavras, e requerendo apenas palavras, nossa experiência de ser e estar no mundo” (Cosson, 2021, p. 86). No campo educacional, o Letramento Literário constitui um paradigma de ensino que substitui tanto a parceria tradicional entre literatura e norma linguística quanto a história da literatura como forma de conhecimento pela leitura literária (Cosson, 2021). Esse paradigma fundamenta-se em pressupostos como o contato direto do estudante com o texto. Além de abordar o compartilhamento das leituras em uma comunidade de leitores e o desenvolvimento da competência literária.

Metodologicamente, o Letramento Literário concretiza-se através da leitura responsiva que consiste no registro da resposta do leitor ao texto, e da prática interpretativa que envolve a sistematização e o aprofundamento analítico dessa resposta. Como mostra Cosson (2021), a leitura responsiva consiste no registro da resposta que a literatura suscita no leitor, podendo assumir as mais diversas formas e usar os mais diversos suportes, desde que nunca se perca ou obscureça o elo entre o texto e o leitor. A prática interpretativa, por sua vez, demanda uma sistematização e um aprofundamento analítico dessa resposta, observando o texto, o contexto e o intertexto como objetos da leitura literária.

A desambiguação conceitual proposta por Cosson (2021) traz importantes implicações para as práticas pedagógicas relacionadas à literatura na educação. Em primeiro lugar, o autor mostra a necessidade de os educadores terem profundo entendimento sobre qual dimensão da relação literatura-educação estão privilegiando em suas práticas. Se é o ensino de literatura como conteúdo histórico-literário, se é a leitura literária como formação do leitor ou formação do leitor literário, ou o Letramento Literário como apropriação literária do texto.

O reconhecimento das especificidades de cada conceito também auxilia na compreensão das transformações históricas do ensino de literatura e na elaboração de propostas que busquem superar seu progressivo apagamento no contexto escolar. Além disso, contribui para a definição mais precisa dos objetivos pedagógicos relacionados à literatura, permitindo um alinhamento mais efetivo entre esses objetivos e as estratégias de ensino adotadas.

Por essa via, a perspectiva do Letramento Literário oferece uma alternativa para a renovação do ensino de literatura, ao integrar elementos das abordagens anteriores em uma perspectiva que valoriza tanto o contato direto com os textos quanto o desenvolvimento de um modo específico de leitura, em um movimento que vai do individual ao coletivo e que considera a literatura como uma forma singular de dar sentido à experiência humana.

1.5 Letramento literário e a formação do leitor crítico: possibilidades e desafios

Chega mais perto e contempla as palavras.
 Cada uma
 tem mil faces secretas sob a face neutra
 e te pergunta, sem interesse pela
 resposta, pobre ou terrível que lhe deres:
 Trouxeste a chave?
 (Carlos Drummond de Andrade, 1945)

A análise das delimitações conceituais entre Alfabetização, Letramento, ensino de Literatura, Leitura literária e Letramento Literário revela que, apesar das convergências entre esses termos, há diferenças significativas que precisam ser observadas para uma compreensão mais precisa do lugar da literatura na formação do leitor crítico. Isso ocorre porque o ensino de literatura, historicamente dividido entre o ensino da língua e a história literária, enfrenta transformações que fragilizam sua presença como componente curricular autônomo. O que leva a um progressivo apagamento de sua função formativa. A leitura literária que deveria contemplar tanto a formação do leitor em geral quanto a do leitor literário específico, acaba sendo reduzida a exercícios técnicos ou a um inventário de datas e estilos.

Nesse cenário, a responsabilidade de despertar o interesse pela literatura sai da escola para as plataformas digitais, encontrando diferentes espaços de mediação literária. É nesse ambiente que obras como *Memórias póstumas de Brás Cubas* reaparecem com força, ressignificadas por resenhas, comentários e debates na Skoob ou mesmo por fenômenos de viralização no TikTok.

Se, por um lado, a Cultura Digital amplia o acesso e possibilita múltiplos modos de ler, por outro, não garante a formação de leitores críticos, já que muitas práticas se limitam à

superficialidade do consumo imediato. A ausência de um ensino sistemático de literatura na escola não é compensada integralmente pelos ambientes digitais, ainda que eles revelem novas possibilidades de apropriação da obra literária.

O Letramento Literário se apresenta como um paradigma que busca equilibrar os componentes Letramento e Literário, enfatizando a apropriação da literatura enquanto linguagem e fundamentando-se no contato direto com o texto, no compartilhamento das leituras e no desenvolvimento da competência literária. Esse conceito oferece uma perspectiva promissora para analisar as práticas de leitura literária em ambientes digitais, como as resenhas publicadas na Plataforma Skoob sobre a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Ao adotar o conceito de Letramento Literário digital como prática social situada, esta pesquisa busca compreender como se constitui o leitor literário na contemporaneidade, em meio às múltiplas linguagens, suportes e contextos que atravessam sua experiência com os textos. A Literatura, nesse cenário, permanece como espaço de resistência, escuta, criação e crítica; e o Letramento Literário, como caminho para formar leitores que decifram palavras e se dispõem a reinventar o mundo por meio delas.

Diante do exposto, é necessário destacar que nem toda prática de leitura em ambientes digitais configura, de fato, uma experiência de letramento literário ou crítico. Embora o acesso à literatura esteja potencialmente ampliado pelas plataformas, como a Skoob, isso não garante, por si só, a formação de leitores capazes de interpretar, refletir e questionar os discursos veiculados. O letramento crítico pressupõe uma prática social que vai além da decodificação ou do consumo textual, exigindo uma atitude de confronto, apropriação e produção de sentido. Assim, a pesquisa também traz a hipótese de que as interações digitais podem tanto ampliar quanto limitar os modos de leitura, a depender das formas como são vivenciadas pelos sujeitos e dos sentidos que atribuem às obras lidas.

No cenário contemporâneo, em que obras clássicas são redescobertas por meio de mecanismos algorítmicos e tendências digitais, impõe-se a necessidade de revisitar os conceitos inerentes às práticas leitoras atuais. Primordialmente, porque o que se observa, muitas vezes, é a reprodução de percepções rasas, herdadas de resenhas alheias, ou filtradas por avaliações automatizadas.

Esse cenário lembra a já referida carta de Carlos Drummond de Andrade (1942) “a literatura tem uma porta hermeticamente fechada para o povo”. Isso porque apenas o acesso digital não rompe essa barreira simbólica e histórica. Ao contrário, pode reafirmá-la quando a leitura se torna mero instrumento de autopromoção ou ranqueamento. Por isso, mais do que identificar a presença da literatura nas plataformas, é preciso interrogar os modos como ela é

lida e verificar se esses modos, de fato, promovem o exercício da crítica ou apenas reforçam práticas de consumo.

Por esse motivo, a proposta desta pesquisa, ao se debruçar sobre as resenhas publicadas na Plataforma Skoob sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, parte do pressuposto de que a leitura literária na Cultura Digital precisa ser compreendida em sua complexidade, sem idealizações. Assim, a análise das resenhas busca identificar a presença (ou a ausência) de elementos argumentativos, estéticos e reflexivos que evidenciem o engajamento crítico com o texto literário.

Ao discutir o letramento literário como um processo formativo, é imprescindível considerar que a literatura, ao longo do tempo, ocupou diferentes lugares na escola e na sociedade. Mais do que uma manifestação estética ou um objeto de culto canônico, a literatura pode ser compreendida como uma prática discursiva que forma sujeitos e produz sentidos sobre o mundo. Nesse ponto, as contribuições de Graça Paulino (2001) são importantes, pois a autora propõe uma concepção de letramento literário que não se reduz ao gosto pela leitura, tampouco à espontaneidade.

Para Graça Paulino (2001), a leitura literária exige mediação qualificada, sensível e atenta à complexidade dos textos e dos sujeitos. A escola, nesse modelo, pode e deve formar leitores literários, desde que o faça com base em práticas dialógicas que articulem sensibilidade estética, reflexão crítica e escuta ativa. É nesse equilíbrio entre o prazer do texto e a consciência do mundo, como defende Freire (1987), que se situa o letramento literário como experiência formativa.

Nessa linha de raciocínio, desenvolver o letramento literário digital é despertar o gosto, a sensibilidade e o fascínio em descobrir os sentidos em cada imagem, símbolo, palavra, frase, parágrafo, seção, livro, filme, ícone. Encontrar sentido até no que não foi escrito, não foi dito, mas sugerido; ocultar e revelar; instigar o aprendiz a retirar do texto lido – que não se resume à folha escrita – o efeito mágico das palavras. Trata-se de um poder de quem, mesmo não dominando sistema linguístico padrão, domina a criatividade de ouvir e de contar histórias, entendê-las, modificá-las, analisá-las.

Por isso, ao analisar as resenhas publicadas em plataformas digitais como a Skoob, é preciso evitar tanto a idealização quanto a negação dessas práticas. A leitura digital não é inferior ou superior à leitura escolar. Ela é outra. Marcada por lógicas próprias da Cultura Digital. Enquanto a escola organiza a leitura dentro de parâmetros formais, hierarquizados e vinculados a currículos e avaliações, a leitura digital se estrutura em ambientes mais fluidos, atravessados por algoritmos, interações rápidas e dinâmicas colaborativas.

No espaço escolar, a leitura literária ainda é frequentemente associada a obrigações, como a identificação de narradores, períodos literários ou características de estilo. Práticas que restringem a experiência estética e crítica do texto. Já no ambiente digital, a leitura ocorre em meio a resenhas, comentários e curtidas, configurando uma prática social em rede, muitas vezes mais próxima do cotidiano dos sujeitos. As especificidades da leitura digital incluem sua natureza multissemiótica. Palavras convivem com imagens, vídeos, memes e hiperlinks. Sua lógica participativa permite ao leitor consumir, produzir sentidos, comentar e interagir com outros leitores.

Diferentemente da linearidade exigida nas práticas escolares, a leitura digital é fragmentada, hipertextual, conectada a outras mídias e marcada pela velocidade da circulação de informações. Isso pode ampliar a experiência literária, como ocorre quando resenhas sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas* na Skoob dialogam com discussões no TikTok ou no Instagram. Dessa forma, a leitura digital não substitui a escolar, mas questiona seu papel.

Ela aponta para novos modos de engajamento com a literatura e coloca em evidência as lacunas deixadas pela escola. Nesse contexto, a presente pesquisa questiona os sentidos produzidos nas resenhas, verificando se nelas vislumbram-se operações críticas, interpretações singulares e reações estéticas. Desse modo, é preciso olhar a leitura digital de forma crítica, uma vez que ela, pode tanto ampliar repertórios quanto empobrecer experiências, a depender do modo como é vivida e do grau de consciência que os sujeitos desenvolvem sobre ela.

A literatura, quando reduzida a produto de vitrine, perde sua força de interrogação e suas possibilidades de ser entendida como recriação do real. O leitor, quando transforma o livro em mercadoria de avaliação superficial, também perde a chance de ser interpelado pelo texto, de se transformar ou de resistir às transformações impostas por outrem. Assim, pensar o letramento literário na Cultura Digital exige cuidado.

Cabe à pesquisa observar esses espaços com atenção, reconhecendo suas potencialidades e seus limites. A análise das resenhas da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* na Plataforma Skoob é uma tarefa que avalia se as práticas ali encontradas promovem a construção de sentidos próprios e o posicionamento crítico. É importante, ainda, compreender que nem toda leitura, tampouco toda prática de leitura, leva ao desenvolvimento de uma consciência crítica ou estética.

A leitura pode ser superficial, desatenta e apenas informativa. A leitura crítica é aquela que se aprofunda que relaciona que interroga o texto e o contexto em que ele foi produzido e está sendo lido. Um leitor crítico entende o texto e se posiciona diante dele, assume uma atitude de análise, questionamento e reconstrução dos sentidos. Dessa forma, a discussão apresentada

até aqui permite compreender que o letramento literário, para além do contato com o texto ficcional, envolve o modo como esse texto é lido.

A pesquisa, ao tratar da formação de leitores críticos, trata de uma competência que vai além do domínio da norma culta ou da interpretação correta de um enunciado. Ou seja, a experiência literária não pode ser reduzida à tarefa de identificar figuras de linguagem ou reconhecer escolas literárias. Ela deve provocar questionamentos internos e ampliar as perspectivas, propiciando a construção de sentidos. A leitura literária se torna formativa quando faz o leitor pensar sobre si, sobre o outro, sobre a sociedade e, justamente por isso, ela se aproxima da noção de criticidade.

O leitor crítico é aquele que, ao ler, consegue estabelecer relações, perceber os não ditos, questionar o que está implícito, posicionar-se diante do texto e da realidade. Por isso, não é possível separar o letramento literário da formação do leitor crítico. Eles são inerentes, uma vez que essa leitura do mundo (Freire, 1989), independente da escolarização, passa pela leitura escolar e perpassa a leitura da literatura. É com esse entendimento que se justifica a escolha do conceito de letramento literário para este trabalho.

A proposta é investigar se as resenhas publicadas pelos usuários da Plataforma Skoob, em relação à obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, contribuem para a construção de sentidos mais elaborados, mais autônomos, mais reflexivos sobre a obra e, por consequência, sobre a realidade. Contudo, é necessário afirmar que o simples fato de publicar uma resenha não é garantia de uma leitura crítica. Muitas vezes, as resenhas apresentam repetições de fórmulas prontas e reproduzem frases de efeito.

Nesse sentido, as ideias apresentadas nesta seção mostram que, para que o letramento literário cumpra seu papel formativo, é necessário que as práticas de leitura estejam vinculadas a contextos significativos, a situações de interlocução reais, a processos de mediação que valorizem a escuta, a autoria e a diversidade de interpretações. Não se trata apenas de ler, mas de desenvolver a capacidade de perceber o que a leitura pode provocar. Por outro lado, também é verdade que o ambiente digital pode favorecer o surgimento de práticas significativas de leitura e de produção de sentidos, desde que haja condições para isso.

A presença do outro, os comentários, os debates, a diversidade de posicionamentos e a possibilidade de responder e ser respondido configuram um cenário rico para o exercício da leitura crítica. É válido lembrar que no contexto contemporâneo, essas práticas de leitura não ocorrem mais exclusivamente no espaço escolar ou em ambientes impressos. Elas se desdobram em novas formas, mediadas por telas.

É nesse cenário que se insere a próxima seção, cuja proposta é aprofundar a discussão sobre a Cultura Digital, as características do letramento digital e o fenômeno da plataformização da leitura. Essa abordagem ajuda a compreender como os sujeitos leem, interagem e produzem sentidos sobre obras literárias em ambientes mediados por tecnologias digitais. Essa proposta visa a compreensão de leitura e escrita como práticas sociais que são os elementos principais desta pesquisa.

Nesse sentido, Cosson (2015) acrescenta que a formação de leitores literários exige mediações intencionais, capazes de articular a fruição estética à reflexão crítica. Essa dimensão crítica significa entender a literatura como discurso situado, inseparável das condições históricas, sociais e políticas que a produzem e que ela própria problematiza. Neste trabalho, adota-se a definição de leitor crítico como aquele que, além de fruir o texto, é capaz de interpretá-lo sob o ponto de vista de seu contexto de produção, reconhecer suas estratégias discursivas e relacioná-lo a outras obras, gêneros e discursos.

Assim, alguns indicadores concretos orientam a análise que será realizada no segundo capítulo: referência explícita a aspectos estéticos ou estruturais; articulação entre elementos textuais e contexto histórico/social; uso de intertextualidade e diálogo com outras obras ou autores; e capacidade de problematizar o texto, indo além da mera avaliação subjetiva.

Além disso, a incorporação da dimensão digital a esse debate é imprescindível, uma vez que o letramento digital envolve o domínio técnico de recursos e a capacidade de participar criticamente das práticas de leitura e escrita mediadas por tecnologias. Dessa forma, é necessário ampliar essa reflexão e discutir a leitura em redes sociais, que, em grande parte, privilegia a performance visível do ato de ler em detrimento da interpretação da leitura.

Essa constatação é particularmente relevante para a análise das resenhas na Skoob, nas quais a lógica de visibilidade e engajamento pode influenciar tanto o conteúdo quanto a forma das produções. Portanto, esta seção estabelece as bases conceituais para a análise subsequente. Ao articular o letramento literário e o digital, comprehende-se que a formação de leitores críticos em ambientes como a Skoob dependerá de como esses dois eixos se encontram na prática. A investigação busca identificar se, no caso de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, essa interseção resulta em apropriação crítica da obra ou se prevalecem padrões de consumo imediato. Os conceitos aqui apresentados serão retomados nas seções seguintes, sustentando a leitura crítica das evidências empíricas coletadas.

CAPÍTULO 2 CULTURA DIGITAL E LETRAMENTOS: O QUE A VIRALIZAÇÃO DE UM CÂNONE LITERÁRIO REVELA SOBRE A LEITURA CRÍTICA?

Há trabalho mais definitivo, há ação
mais absoluta do que essa de aproximar o
homem do livro?
(Bartolomeu Campos de Queirós, 1993)

No capítulo anterior, elaborou-se a necessária distinção entre Alfabetização e Letramento a fim de usar adequadamente os termos que são importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao avançar nos estudos sobre a Cultura Digital e sobre o fenômeno da viralização da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, pretende-se mostrar como os letramentos literários e digitais estão imbricados, uma vez que usar a tela cotidianamente faz parte das habilidades que reconfiguram o modo de viver, de trabalhar e de reagir às questões sociais. A leitura, enquanto prática social situada, passa pela mesma reconfiguração, conforme Santaella (2013, p. 19):

Se a aquisição do conhecimento implica a aprendizagem, o que brota aí é aquilo que venho chamando de aprendizagem ubíqua e o tipo de aprendizado que se desenvolve é aberto, individual ou grupal, podendo ser obtido em quaisquer ocasiões, eventualidades, circunstâncias e contextos. Sua característica mais marcante encontra-se na espontaneidade. Em qualquer lugar que o usuário esteja, brotando uma curiosidade ocasional, esta pode ser instantaneamente saciada e, se surgir uma dúvida a respeito de alguma informação, não faltam contatos pessoais também instantâneos para resolvê-la, criando-se assim um processo de aprendizagem colaborativa.

Com base nessa perspectiva, este capítulo busca refletir sobre os conceitos de Cultura Digital, letramento literário, letramento literário digital e plataformação, a partir da análise dos estudos de Santaella e Kaufman (2024), Santaella (2003, 2013), Rojo e Moura (2019), Cosson (2021). Pretende-se mostrar que conceito de letramento literário digital nasce da junção entre as práticas tradicionais de leitura literária e as dinâmicas específicas da Cultura Digital. Não se trata de uma simples transposição do letramento literário para suportes digitais, mas da constituição de um campo de competências que articula a sensibilidade estética com a fluência tecnológica.

O debate sobre letramento literário e letramento digital, embora frequentemente associado, não pode ser confundido. O primeiro refere-se à apropriação da literatura enquanto experiência estética e social, capaz de formar sujeitos críticos (Cosson, 2015). O segundo, discutido por Kleiman (2014) e Rojo e Moura (2019), diz respeito às práticas sociais de leitura e escrita mediadas por tecnologias digitais que envolvem múltiplas linguagens e formatos

multimodais. Ainda que ambos os campos dialoguem, é necessário reconhecer que não se trata de fenômenos idênticos, mas de dimensões que, em ambientes digitais, se entrelaçam.

É nesse ponto e com base nas ideias dos autores (Santaella; Kaufman, 2024; Santaella, 2003, 2013; Cosson, 2021), que esta pesquisa propõe o conceito de letramento literário digital, compreendido como o conjunto de práticas de leitura, escrita e interpretação da literatura realizadas em espaços digitais, em que a especificidade estética do texto literário se encontra atravessada pelas condições de circulação, mediação e interação social próprias da cultura digital. Trata-se de um fenômeno híbrido. Temos a centralidade da literatura como linguagem artística que instiga a reflexão crítica e temos a sua ressignificação em ambientes platformizados.

Dessa forma, o letramento literário digital não se resume a soma de letramento literário e digital, mas uma prática situada, marcada pelas especificidades do contexto digital. Ao mesmo tempo em que pode favorecer a democratização do acesso à literatura e a ampliação de vozes leitoras, também há o risco de reduzir a experiência estética a um consumo superficial, guiado por modismos.

No contexto desta pesquisa, esse conceito será tomado como orientador da análise, pois permite problematizar em que medida a recepção da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, na Skoob, contribui efetivamente para a formação de leitores críticos ou apenas reforça práticas de leitura velozes, fragmentadas e orientadas pelo capital simbólico da visibilidade.

É importante ressaltar que a Cultura Digital, na qual esta pesquisa se apresenta, não pode ser compreendida apenas como um espaço democrático e neutro de circulação de ideias. Ela se refere a um sistema complexo, atravessado por disputas simbólicas, interesses comerciais e dinâmicas algorítmicas que interferem, de maneira decisiva, nas formas de leitura, de escrita e de interação. Essas mediações não se limitam a alterar o suporte ou a ampliar o acesso. Elas reconfiguram os próprios modos de recepção e construção de sentido.

Santaella (2013) sugere que a Cultura Digital trabalha a promessa de participação e as formas sutis de captura da atenção e de controle informacional. Nesse mesmo sentido, Rodrigues, Flexor e Aneas (2020) observam que a platformização da leitura passa a concorrer com a dimensão estética e interpretativa do texto. Assim, o fenômeno de popularização de *Memórias póstumas de Brás Cubas* nas plataformas digitais deve ser compreendido, ao se questionar esses aspectos. A viralização da obra, após a fala de uma influenciadora, atraiu novos leitores, foi atravessado pelas lógicas algorítmicas da Cultura Digital no TikTok e reverberou na plataforma em estudo. A questão que se coloca é se esse acesso ampliado resultou, de fato,

em leituras críticas, capazes de dialogar com a complexidade estética e a ironia que caracterizam a obra de Machado de Assis.

É importante destacar que a lógica da plataformização ajuda a compreender tanto o alcance quanto as limitações desse fenômeno. Regidas por algoritmos que priorizam conteúdos de alto potencial de engajamento, plataformas como o TikTok tendem a destacar resenhas mais performáticas, de apelo imediato, em detrimento de análises consistentes e fundamentadas. Com isso, a relevância literária disputa espaço com a relevância algorítmica e o aprofundamento interpretativo.

Assim, no contexto da Skoob, a leitura de *Memórias póstumas de Brás Cubas* pode ser influenciada pela lógica algorítmica do TikTok mesmo que em detrimento da densidade literária ou da análise aprofundada da obra. Essa constatação não implica adotar uma postura excludente ou estabelecer fronteiras rígidas entre o que é legítimo ou ilegítimo em termos de leitura. O que se observa é que a mesma infraestrutura que amplia o acesso também consolida padrões de consumo fragmentado e de recepção superficial, muitas vezes descontextualizada.

Nesse cenário, a leitura se transforma em performance, um tipo de espetáculo em que o ato de ler passa a valer tanto ou mais pelo modo como é exibido do que pela experiência estética e crítica com o texto. Nesse contexto, se as resenhas na Skoob, se ajustarem à lógica algorítmica, elas assumirão um tom de show.

É por esse motivo que o fenômeno da viralização deve ser problematizado como parte de um processo mais amplo de circulação literária em ambientes digitais que reverbera em outros espaços. Espera-se identificar em que medida o aumento de popularidade recente da obra se traduziu em interpretações críticas ou se foi absorvido pela lógica da leitura voltada mais à autopromoção e ao acúmulo de interações do que à reflexão literária.

É importante destacar que as práticas próprias da Cultura Digital fazem parte do letramento digital e usar plataformas de leitura como a Skoob exemplifica o que Santaella (2003) identifica como características intrínsecas da Cultura Digital: a dispersão, a fragmentação e a individualização do consumo cultural. A autora ressalta: “Com possibilidade de busca dispersa, fragmentada e individualizada de mensagens e informações, as mídias digitais acabaram por criar uma Cultura Digital” (Santaella, 2003).

Na Skoob, a visibilidade das resenhas não é determinada diretamente por algoritmos, mas as interações dos usuários são importantes para aumentar a quantidade de curtidas e comentários nas resenhas publicadas, criando economia da atenção que favorece tanto textos performáticos quanto textos de análises densas.

No caso analisado, a viralização de *Memórias póstumas de Brás Cubas* evidencia como recomendações algorítmicas em uma plataforma, como o TikTok, repercutem em outras, como a Skoob e Amazon, criando circuitos de legitimação cultural que transcendem fronteiras nacionais e linguísticas. A limitação desta análise consiste em não ter acesso aos algoritmos específicos da Skoob, impossibilitando análise técnica de como curtidas e comentários são usados. Estudos futuros poderiam adotar perspectiva etnográfica digital mais robusta, incluindo entrevistas com desenvolvedores da plataforma ou análise experimental de como variações nas interações afetam a visibilidade dos conteúdos.

Ao refletir sobre o impacto das inovações tecnológicas na cultura, Umberto Eco (1993) propôs uma imagem que permanece atual. A divisão entre os apocalípticos que veem a tecnologia como uma ameaça à integridade da cultura, e os integrados que a celebram como caminho inevitável para o progresso. Embora formulada no contexto de debates sobre a cultura de massas, essa metáfora se ajusta com precisão às discussões sobre a Cultura Digital, em que a leitura literária migra para ambientes mediados por plataformas, algoritmos e redes sociais e essa migração suscita discussões semelhantes à travada entre apocalípticos e integrados.

Há os que defendem esse movimento da leitura do livro para as telas como curso natural do desenvolvimento tecnológico e os que abominam a ideia dessa movimentação por acreditarem que a leitura deve ser contemplativa, longe de qualquer aparato tecnológico. A polarização sugerida por Eco (1993) revela modos distintos de conceber a relação entre tecnologia e práticas culturais. Os apocalípticos veem as redes sociais e as plataformas digitais como instrumentos que promovem a diluição da experiência literária, reduzida a fragmentos de consumo rápido, enquanto os integrados enxergam nelas a promessa de democratização do acesso e de ampliação dos públicos. Nenhuma dessas posições, no entanto, basta para compreender a complexidade do fenômeno, especialmente quando se trata de analisar práticas concretas de leitura em espaços como a Skoob.

É nesse ponto que se situa esta pesquisa, pois não pretende aderir a um dos polos, mas reconhecer que a tecnologia não é boa, tampouco má, ela carrega consequências culturais que dependem de como é apropriada socialmente (Eco, 1993). No caso da leitura literária, isso significa investigar o alcance, a velocidade da circulação de obras e as formas de apropriação, interpretação e debate que são próprias desses espaços.

Além disso, nesse contexto, a Cultura Digital é, simultaneamente, espaço de oportunidades de disseminação de ideias e de ocultação delas. Por um lado, apresenta possibilidades para novas mediações, encontros entre leitores e circulação global de textos. Por outro, determina o que dizer, o que ler, ao promover lógicas de visibilidade, algoritmos de

recomendação e dinâmicas de viralização. Ao adotar essa perspectiva, evita-se a armadilha de avaliar a Cultura Digital apenas pelo prisma da euforia ou da resistência.

A leitura de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e sua recente ascensão a fenômeno de vendas impulsionado pela influenciadora estrangeira exige uma abordagem que, considere o papel das plataformas e reconheça as implicações culturais e educativas desse tipo de mediação. Isso orientará a leitura das seções que seguem, nas quais a Cultura Digital, a viralização e a plataformização serão analisadas como elementos centrais para compreender a recepção literária na Plataforma Skoob.

Especialmente porque a recepção da literatura no século XXI é apresentada por mediações tecnológicas que reconfiguram os modos de acesso às obras e as formas de interação e de atribuição de valor a elas. A Cultura Digital se solidifica, como afirma Santaella (2013), em um contexto de ubiquidade, no qual as tecnologias digitais se incorporam ao cotidiano de forma quase invisível, determinando práticas sociais, cognitivas e comunicacionais e propondo que a leitura seja pensada em ambientes hiperconectados e multissemióticos.

Nesse cenário, a circulação de um cânone literário, motivado pelo episódio da viralização do romance, se apresenta como um exemplo evidente de como a Cultura Digital influencia os modos de leitura da atualidade. O vídeo de Novak (, 2024) levou a literatura brasileira para públicos que talvez jamais tivessem contato com ela e suscitou questões sobre a profundidade e a natureza dessa propagação literária.

O ambiente em que esse tipo de difusão ocorre é marcado pela plataformização na qual a lógica algorítmica direciona conteúdos a públicos específicos, priorizando engajamento e visibilidade sobre densidade interpretativa. Nesse contexto, o letramento crítico não pode ser reduzido a saber-poder produzir uma crítica sobre determinado fato, mas implica questionar as possibilidades de narrativas que são permeadas por interações diversas e vividas em determinados contextos culturais e midiáticos.

No caso das redes sociais literárias, há o risco de que a mediação se restrinja ao consumo de resenhas rápidas ou fragmentos da obra, substituindo a experiência integral de leitura por uma percepção mediada. Dessa maneira, a lógica de viralização também se estende a plataformas como a Skoob. Embora a plataforma constitua um espaço de trocas e de memória leitora, Kleiman (2014) lembra que o letramento envolve participar das práticas sociais em que se usa a escrita com vistas a ampliar repertórios e desenvolver estratégias de compreensão.

Isso significa que, sem atividades que promovam aprofundamento interpretativo e reflexão crítica, a interação na plataforma não ultrapassa o nível da socialização superficial. Apenas reproduz o que Street (2014) chama de eventos de não letramento. É por esse motivo

que a perspectiva dos multiletramentos (Ribeiro, 2020) reforça que a pedagogia do letramento, para ser efetiva na contemporaneidade, deve contemplar a diversidade cultural e linguística e a multiplicidade de formas textuais, incluindo as mediadas por tecnologias digitais.

Nesse sentido, pensar a recepção de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, nas plataformas digitais exige reconhecer, como coloca Street (2014) que todo letramento é ideológico. Ele se ancora em práticas sociais situadas e carrega valores, normas e relações de poder. É possível observar que no contexto da recepção literária, a platformização introduz novas formas de mediação. É uma mudança de suporte em que a experiência de leitura em ambientes como a Skoob influencia o que se lê, como se lê e o que se comenta sobre o que foi lido.

Nesse sentido, o letramento crítico, implica ir além da produção de opinião ou da replicação de discursos hegemônicos. Exige uma prática contra-hegemônica de inclusão de multiplicidade de discursos que permita compreender a plurissignificação de narrativas. Essa prática é necessária para evitar que a Cultura Digital estimule o consumo rápido e contínuo de conteúdos, sem aprofundamento e análise. Autores como Paulino (2001), Cosson (2015) e Paulino e Cosson (2009) reforçam que o letramento literário não se limita ao contato com o texto, mas envolve a apropriação significativa de seus sentidos, articulando fruição estética e posicionamento crítico.

Rojo e Moura (2019), ao inserir o letramento literário na perspectiva dos multiletramentos, ampliam o olhar para a multiplicidade de linguagens e de contextos socioculturais presentes na leitura mediada por plataformas. Street (2014) reforça a ideia de que todo letramento é ideológico e requer consciência crítica das mediações. Sendo assim, a Cultura Digital representa uma transformação estrutural nos modos de produção, circulação e apropriação do conhecimento. Como observa Santaella (2013), vive-se uma cultura ubíqua caracterizada pela dissolução das fronteiras entre espaços públicos e privados, trabalho e lazer, presencial e virtual. Essa ubiquidade se manifesta nas práticas de leitura que agora se distribuem por uma multiplicidade de dispositivos, plataformas e contextos.

A Plataforma Skoob, objeto empírico desta pesquisa, exemplifica essa reconfiguração. Ao combinar biblioteca pessoal e rede social, ela facilita a propagação de livros, a publicação de resenhas, a atribuição de notas, a construção de listas temáticas, a interação com outros leitores. Essas práticas criam um ambiente em que a literatura é simultaneamente preservada em sua especificidade estética e inserida nas dinâmicas de sociabilidade digital.

Assim, a leitura digital desenvolve diversas competências. Dentre elas, a capacidade de navegar entre múltiplas fontes, estabelecer conexões intertextuais e participar de comunidades

interpretativas que enriquecem a experiência. Isso acontece quando leitores casuais, estudantes, professores, críticos profissionais e influenciadores digitais compartilham o mesmo espaço discursivo, produzindo uma heterogeneidade de registros e expectativas.

Ações que democratizam o acesso ao debate literário, permitindo que vozes tradicionalmente excluídas dos circuitos críticos ganhem visibilidade. A viralização de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ilustra essa afirmação. O interesse global pela obra gerou milhares de comentários e resenhas que vão desde análises criteriosas da ironia machadiana até avaliações baseadas exclusivamente em critérios de entretenimento e de simples comentários sobre a viralização.

Essas ações demonstram que as plataformas digitais revelam essa democratização ao criar espaços onde múltiplos leitores empíricos interagem, produzindo uma sobreposição de interpretações. Isso instiga pesquisadores a pensar em até que ponto a mediação algorítmica respeita a composição estrutural da obra literária e pensar na resposta é uma atividade complexa. Especialmente, porque os algoritmos funcionam como curadores eficientes, conectando leitores a obras que provavelmente apreciarão. Ao mesmo tempo em que criam bolhas interpretativas que limitam a diversidade de perspectivas e reduzem a literatura a produtos de consumo.

Da mesma forma, o vídeo da leitora americana que se mostrou maravilhada pela obra e impulsionou likes e compartilhamentos instantâneos (Pinotti, 2024) instiga a pesquisadora a pensar se esse fato representa uma adesão à literatura como recriação do real e que provoca a análise crítica da realidade ou se apenas representa um resultado do direcionamento algorítmico de um produto cultural que os dados indicaram possibilidades de retorno publicitário. É fato que a viralização, reproximou o público do cânone, mas o faz sob condições determinadas pela lógica algorítmica da visibilidade que não são neutras nem garantem densidade interpretativa.

Mesmo porque o vocabulário e a estrutura narrativa de Machado de Assis exigem leitura mais lenta e contemplativa e isso não é coerente com o leitor ubíquo. O termo é usado por Santaella (2013) para mostrar os tipos de leitores: contemplativo, imersivo, movente e a interseção desses, o ubíquo – fruto da Cultura Digital e que se acostumou à leitura fragmentada, fluida e reconfigurada pelos dispositivos digitais. Nesse contexto, é necessário estabelecer a distinção entre letramento literário e letramento literário digital. Visto que o letramento literário parte de um contato com a estética da criação, desenvolvida pelo leitor contemplativo que mergulha na leitura, sente o cheiro do livro, aprecia sua textura e dialoga com o escrito enquanto lê. Ao decifrar o que as letras contam, participam da criação verbal e produzem novos sentidos para a interpretação da realidade. Para Paulino (2004):

Escolher suas leituras que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção (Paulino, 2004, p. 56).

Igualmente, de acordo com Paulino e Cosson (2009), a literatura proporciona uma experiência única de imersão em outras realidades, permitindo que se viva emoções e perspectivas diferentes que levam a uma maior compreensão de si e do outro. Cosson (2015) mostra o letramento literário por meio de uma concepção de leitura como diálogo de quatro elementos: autor, texto, leitor e contexto.

Esse diálogo é visto como uma atividade que, além de ser essencial para o desenvolvimento intelectual, contribui para a formação de cidadãos críticos, pois o autor exemplifica essa ideia com a defesa das práticas realizadas nos círculos de leitura. Segundo ele, um espaço de interação e troca de experiências entre os leitores. O que é fundamental para a construção coletiva de sentidos sobre os textos literários. Isso não muda no contexto digital. Se amplia através da aglutinação de vários agentes na promoção do letramento literário digital.

Por sua vinculação ao contexto tecnológico, esse tipo de letramento se constrói nas interações discursivas em meio a leituras fragmentadas e que se dá em diferentes dispositivos. Em outras palavras, a Cultura Digital proporciona um letramento literário que é diferente por ser digital, mas que pode, igualmente, produzir o desenvolvimento de leitores críticos em um espaço de disputa ideológica que tanto pode reproduzir discursos hegemônicos quanto se insurgir criticamente contra eles.

Santaella (2021) destaca que a emergência das Humanidades Digitais ocorre nessa aglutinação, em que o conhecimento não se limita ao texto como sua via única e normativa de produção e circulação. Isso é um exemplo da ubiquidade digital. Na Plataforma Skoob, por exemplo, leitores publicam resenhas, comentam textos de outros usuários, recomendam livros, constroem listas e se tornam coautores da interpretação literária coletiva. Esse contexto confirma uma das ideias defendidas no “Manifesto das Humanidades Digitais”, divulgado por Santaella (2021), ao afirmar que nenhum meio elimina o outro, pois trata-se de uma lógica de abundância e não de escassez. Assim, o letramento literário digital não vem substituir a leitura tradicional, mas expandi-la, tornando-a mais participativa e interativa.

2.1. O leitor digital e o letramento literário digital: reflexões para além do livro impresso

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático, não aquece nem ilumina.
(Carlos Drummond de Andrade, 1945)

As plataformas digitais horizontalizam as relações entre escritores, críticos e leitores e favorecem o compartilhamento de ideias. Elas instauram novas formas de participação e de construção de sentidos. Como observa Santaella (2021), as Humanidades Digitais (HDs) propiciam a diluição das fronteiras entre professor e aluno, especialista e não especialista, o que abre espaço para práticas colaborativas de leitura e de interpretação.

Isso dialoga com o conceito de letramento literário definido por Cosson (2015), que concebe o letramento literário como a apropriação da literatura entendida enquanto linguagem que, ao não estar presa ao mundo nomeado, possibilita uma experiência singular de interação verbal e de reconhecimento do outro e da realidade. Nessa perspectiva, a literatura alimenta o corpo simbólico de indivíduos e comunidades, de modo que o letramento literário ultrapassa os limites do espaço escolar.

Um exemplo disso são as práticas de leitura e de escrita observadas na comunidade discursiva de *Orgulho e Preconceito* na Plataforma Skoob, descritas por Almeida (2024), em que leitores produzem resenhas críticas, comentam e constroem interpretações coletivas da obra. Essas práticas demonstram que, nas plataformas e mídias digitais, os leitores participam ativamente na produção e circulação de sentidos. O que demanda letramento literário digital.

É importante lembrar que isso não pode ser visto de forma idealizada e ingênuas. Santaella (2003) alerta para os riscos do tratamento algorítmico dos dados. Ela faz o leitor questionar quem tem acesso a quais dados, como é feita a análise dos dados, como ela é distribuída e quais finalidades da distribuição. Esses questionamentos mostram que as plataformas digitais acolhem a produção discursiva dos leitores, a capturam, processam e monetizam.

Zuboff (2020) ajuda a entender essa constatação ao caracterizar esse processo como capitalismo de vigilância, em que a coleta massiva de dados de usuários não é uma operação meramente técnica, mas um mecanismo econômico e político voltado ao lucro e ao controle comportamental. Nesse contexto, até mesmo a experiência literária em plataformas como a Skoob é vista por essa lógica. Resenhas, avaliações e interações deixam de ser apenas práticas de letramento para se tornarem matéria-prima de sistemas algorítmicos que transformam a

atenção do leitor em ativo econômico. Assim, compreender a popularização de *Memórias póstumas de Brás Cubas* no ambiente digital implica reconhecer que esse movimento pertence a uma engrenagem mais ampla de captura de dados e de mercantilização da experiência cultural.

Além disso, Santaella (2021, p. 9) lembra que a explosão da *big data* e da inteligência artificial “subverte os métodos indutivos de pesquisa”, favorecendo análises em larga escala que nem sempre priorizam a experiência subjetiva e a interpretação humanística. No caso do letramento literário, cabe ao leitor digital cultivar a consciência crítica para não se deixar conduzir pelos encaminhamentos algorítmicos.

Como resume Santaella (2021), as HDs e, por extensão, os letramentos literários digitais não anulam as formas tradicionais de leitura, mas expandem-nas, desafiando o leitor a navegar por um ecossistema plural e instável, em que a literatura é também performada em memes, *reels*, resenhas colaborativas, podcasts e vídeos de *booktubers*. Nesse contexto, é importante saber ler criticamente tanto os textos literários, quanto os ambientes em que eles circulam, com suas plataformas, algoritmos e dinâmicas de poder. Isso significa que é importante entender o letramento literário digital como um letramento próprio dos tempos digitais que articula o gosto literário com a consciência ética, estética e crítica diante das possibilidades e dos riscos da Cultura Digital.

Os estudos de Cosson (2015) enfatizam que o letramento literário não se limita à decifração técnica do texto, mas constitui-se em práticas culturais que mobilizam o simbólico e o estético para construção de sentidos e negociações sociais. Esse letramento pressupõe que o leitor se posicione criticamente diante do texto, atribuindo-lhe significados e o ressignificando no contexto de sua própria experiência, e que o Letramento Literário Digital apenas ampliou essas características para a ambientação tecnológica.

Isso ocorre porque quando se transporta ideias e fazeres para a Cultura Digital, os contornos das práticas se alargam. Como aponta Santaella (2013), para abranger linguagens multimodais, plataformas colaborativas se apresentam como um ecossistema em que a literatura deixa de ser um objeto fixo para se tornar um processo contínuo de remixagem e circulação. Essa perspectiva, apontada por Santaella, remete a Bakhtin (1997), quando afirma que a relação estética não é unilateral, mas essencialmente dialógica.

Para o pensador russo, o autor, o herói e o leitor estão imersos em uma rede de interdependência na constituição do sentido. O herói não se esgota em si mesmo e o leitor não é um destinatário passivo, porque o sentido da obra nunca está fechado, mas se reconfigura continuamente na interação entre diferentes vozes (Bakhtin, 1997). Esse princípio do

dialogismo sinaliza que toda enunciação se constrói em resposta a outras enunciações, num processo inacabado de construção de significados.

Na Cultura Digital, essa dinâmica torna-se ainda mais visível. Leitores, ao interagir em plataformas como a Skoob, assumem um papel ativo de coautores, produzindo resenhas, análises e interpretações que dialogam tanto com o texto literário quanto com outros leitores. A leitura literária, tanto no impresso quanto no digital, se revela como um campo de disputa e criação coletiva, no qual o sujeito-leitor, a obra e a comunidade dialogam entre si.

A estética, segundo Bakhtin (1997), não reside apenas na obra em si, mas na relação dinâmica e produtiva que se estabelece entre aqueles que a criam e a interpretam. Relação que, na Cultura Digital, se intensifica pela participação coletiva e pela multiplicidade de suportes e linguagens. Dessa forma, a interseção entre os saberes de Cosson (2015), Santaella (2013) e Bakhtin (1997) explicitam o letramento literário digital como uma prática estética, ética e culturalmente situada em ambiente digital.

A dimensão estética diz respeito à experiência sensível, ao encontro do leitor com a linguagem literária em sua veia artística, capaz de provocar estranhamento, prazer e reflexão. Já a dimensão ética refere-se ao modo como esse encontro mobiliza valores, responsabilidades e posicionamentos diante do outro e do mundo, uma vez que a leitura é também um ato de alteridade e de reconhecimento da voz alheia. Em outras palavras, o estético remete ao modo como o texto afeta o leitor na fruição artística, enquanto o ético aponta para as implicações desse afeto na convivência social e na construção da cidadania.

O que permitirá, então, a formação de leitores críticos não é apenas a presença da obra em si, mas a forma como se dá a mediação entre os atores envolvidos. Seja na escola, por meio de práticas de leitura orientadas, seja na plataforma digital, a interação entre indivíduos, professores, colegas, leitores anônimos ou influenciadores é o que torna possível a produção de sentidos. Assim, o letramento literário digital pode tanto reproduzir leituras superficiais, voltadas apenas ao espetáculo e ao consumo, quanto abrir caminhos para uma recepção estética e uma reflexão ética comprometida com o outro.

2.2. Letramentos literários digitais: imbricações da Cultura Digital

A história se vinga e quem vence é a poesia, neste caso, justamente a poesia do pressentimento relativo aos sopros do presente para o futuro, o que, de resto, na minha modéstia, tenho tomado como guia. (Santaella, 2021)

Os letramentos literários digitais estão imbricados pela Cultura Digital. Isso foi demonstrado anteriormente, quando se destacou que ela é responsável por colocar um conceito sobre outro, de modo que seja possível ver apenas parcialmente aquele que está embaixo, ao lado ou na mesma direção. A partir das reflexões construídas ao longo desta seção, é possível afirmar que a viralização de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, revela tanto a vitalidade da obra literária na Cultura Digital quanto as ambiguidades das práticas de leitura que acontecem nesse contexto.

Por um lado, a súbita visibilidade da obra machadiana, com a explosão de comentários, resenhas e recomendações em plataformas digitais, demonstra que a literatura mobiliza afetos, conversas e circulação, contrariando a narrativa de que a leitura literária estaria em declínio. Por outro, evidencia que essa mobilização pode não se traduzir em aprofundamento crítico ou em compreensão estética da obra.

Nessa direção, é possível afirmar que a viralização mostra o letramento literário assumindo novas características no contexto tecnológico, tornando-se letramento literário digital, formado pela hibridização de elementos. Resta saber se as práticas desencadeadas pela viralização podem funcionar como porta de entrada para um letramento literário digital crítico.

É essa característica, também advinda da Cultura Digital, que esta pesquisa propõe investigar ao examinar as resenhas publicadas na Plataforma Skoob. A pesquisa se debruça empiricamente sobre essas questões, analisando as resenhas publicadas na Skoob sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. O objetivo é investigar como os leitores da plataforma se apropriam da obra, que estratégias interpretativas desenvolvem e em que medida suas práticas evidenciam desenvolvimento de letramento literário digital.

A aposta para a análise é que as resenhas publicadas na plataforma trarão exemplos diversificados de práticas leitoras. Desde apropriações superficiais até interpretações complexas, refletindo as ambivalências próprias da Cultura Digital. A tarefa analítica será identificar os fatores que favorecem ou dificultam o desenvolvimento da criticidade nesse contexto, contribuindo para a compreensão dos desafios e possibilidades do letramento literário digital. Essa aposta se constrói pela observação da viralização de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que revela tanto a persistência da literatura como prática social significativa quanto as ambiguidades e limites das leituras promovidas no ambiente digital. Nesse sentido, o próprio texto machadiano oferece elementos para problematizar a recepção contemporânea.

Já no primeiro capítulo do livro, “Óbito do autor”, Brás Cubas anuncia:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor (Assis, 1997, p. 13).

Essa inversão narrativa que coloca a morte antes da vida, desafia o leitor a romper com expectativas convencionais e convida a uma leitura atenta aos procedimentos literários. Outro exemplo que retrata a necessidade de um olhar crítico é o capítulo “O emplasto”, em que Brás Cubas revela sua ambição de inventar um remédio para as “melancólicas humanidades”, não por altruísmo, mas por vaidade: “o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: emplasto Brás Cubas” (Machado de Assis, 1997, p. 15). Aqui, Machado ironiza a vaidade humana sob o disfarce do filantropismo. Uma crítica que poderia ser lida também como metáfora das práticas de leitura nas redes sociais, muitas vezes mais interessadas em performar para a audiência do que em interrogar o texto.

Essa lógica da vaidade exposta por Machado de Assis encontra paralelo na Cultura Digital, em que a autopromoção se apresenta como elemento central das interações. Nas plataformas de leitura, como a Skoob, muitas resenhas assumem um caráter performático, mais voltado à conquista de visibilidade do que à análise literária propriamente dita. Avaliações com frases de efeito, comparações irônicas ou exageradas, listas de citações “instagramáveis” e títulos chamativos disputam a atenção do público de modo semelhante ao “emplasto” de Brás Cubas que pretendia fixar o nome do autor em cada esquina.

Assim como a personagem machadiana mascarava sua vaidade com o discurso filantrópico, leitores e influenciadores podem encobrir a busca por curtidas e seguidores com a aparência de crítica literária, reforçando a necessidade de um olhar crítico sobre o modo como a literatura circula na lógica da Cultura Digital. No capítulo “*Chimène, qui l'eût dit? Rodrigue, qui l'eût cru?*”, ao evocar a imagem da mulher anônima à cabeceira de sua morte, Brás Cubas reflete: “o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim. Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se pode gozar deveras” (Machado de Assis, 1997, p. 20). Essa fuga do presente para a memória crítica sugere uma experiência literária que não se satisfaz na instantaneidade, como acontece nas plataformas digitais, mas exige elaboração, distanciamento e reflexão.

Esses exemplos mostram que o texto machadiano convoca um leitor ativo, capaz de captar ambiguidades, ironias e críticas sociais. O que a viralização revela é a importância do cânone para mobilizar novos públicos. O que ela oculta é a densidade do próprio texto,

frequentemente sacrificada em favor da performatividade. Em outras palavras, a viralização pode abrir a porta do letramento literário digital, mas apenas leituras mais cuidadosas e reflexivas conseguem atravessá-la.

As reflexões desenvolvidas ao longo desta seção evidenciam que o letramento literário digital se apresenta como fenômeno híbrido, presente na interseção entre práticas culturais consolidadas e dinâmicas tecnológicas emergentes. A viralização de *Memórias póstumas de Brás Cubas* demonstra tanto a persistência da literatura como prática social significativa quanto as ambiguidades inerentes aos modos de circulação e apropriação mediados.

Estabelecidos os fundamentos teóricos que permitem compreender as especificidades do letramento literário na Cultura Digital, torna-se imprescindível explicitar a revisão de literatura e os procedimentos metodológicos que orientam a análise empírica das resenhas publicadas na Plataforma Skoob. A passagem do plano conceitual para o plano investigativo apresenta as escolhas técnicas de coleta e tratamento dos dados.

Dessa forma, o capítulo seguinte dedica-se a detalhar tanto a revisão sistemática da literatura sobre o tema quanto os princípios metodológicos que sustentam esta investigação netnográfica, estabelecendo as bases para que a análise subsequente possa articular rigor interpretativo e sensibilidade às especificidades do objeto estudado.

CAPÍTULO 3 REVISÃO DE LITERATURA E METODOLOGIA: PRINCÍPIOS DO EXERCÍCIO REFLEXIVO

Ora, a língua passa a integrar a vida por meio de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente por meio de enunciados concretos que a vida entra na língua (Bakhtin, 1997).

Nos capítulos anteriores, os conceitos básicos para a análise das resenhas sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicadas na Plataforma Skoob foram apresentados. Este capítulo pretende mostrar os caminhos metodológicos usados nesta pesquisa, com ênfase nas reflexões que embasam a escolha metodológica. Especialmente porque a pesquisa parte de um fenômeno próprio da Cultura Digital.

No contexto da viralização do livro machadiano (Pinotti, 2024), Novak impulsionou milhares de acessos e comentários em plataformas digitais. Essa recepção revela, paradoxalmente, tanto o poder difusor da Cultura Digital quanto os limites de sua profundidade crítica. Afinal, como escreveu Drummond (1942): “A reação do público evidentemente interessa, mas não deve impressionar muito o autor. Daqui a vinte, trinta anos que ficará dos nossos atuais pontos de vista e juízos críticos?”

Nesse sentido, plataformas digitais levantam questões referentes a seus usos e suas interações. Tal fato permite questionar se esse letramento mediado por redes pode ser considerado Letramento Literário ou se é um exemplo de Letramento Literário Digital. Ademais, se ele redefine os próprios contornos dos conceitos, como discutido no capítulo 2 desta dissertação. Por não partir de uma resposta pronta, esta investigação se ancora na dúvida como motor epistemológico. O ambiente digital é espaço de experimentação e de aplicação dos conceitos. Assim, o que se busca não é comprovar que o Letramento Literário está acontecendo na Skoob, mas observar, descrever e problematizar as práticas de leitura ali manifestadas.

3.2 Leitor crítico e letramento literário: definições operacionais

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo
 Língua certa do povo.
 (Manuel Bandeira, 2013)

A definição de leitor crítico aqui adotada não se limita à habilidade de identificar elementos estéticos ou narrativos, mas à capacidade de interpretar e problematizar os sentidos do texto sob a perspectiva de seu contexto histórico, social e ideológico (Cosson, 2015). No

caso de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, isso implica compreender, por exemplo, o papel da ironia machadiana, a subversão do foco narrativo e a crítica à sociedade de sua época e verificar se essas questões são apreendidas e discutidas nas interações digitais. Tal perspectiva afasta uma visão romantizada da Cultura Digital e reconhece que, conforme alerta Soares (2002), práticas de letramento literário só se concretizam quando articulam a experiência estética à reflexão crítica, de modo a evitar que a leitura seja reduzida a mero ato de consumo simbólico.

3.3 Revisão de literatura: mapeamento das pesquisas sobre letramento literário

Cada palavra descontina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida (Queirós, 1993).

Nesse cenário, é importante revisar estudos que também se debruçam sobre os atravessamentos entre letramentos, literatura, recepção digital, formação do leitor e plataformização da leitura. A seguir, apresentam-se dissertações e teses que dialogam diretamente com esse escopo, compondo um quadro coerente com os objetivos e a abordagem desta pesquisa. Optou-se por realizar uma busca direcionada exclusivamente no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no recorte temporal de 2019 a 2025.

A escolha por esse repositório fundamenta-se na confiabilidade institucional da base, na diversidade dos programas de pós-graduação representados e na disponibilidade pública dos textos integrais. Trata-se de um acervo qualificado da produção científica *stricto sensu* brasileira, o que garante consistência e legitimidade ao mapeamento realizado, além de conferir rigor metodológico ao levantamento. As buscas foram realizadas com descritores cuidadosamente escolhidos, como “Letramento literário e digital”, “Resenha literária”, “Plataforma Skoob”. O resultado foi expressivo e revelou o quanto esse campo de pesquisa tem sido explorado em diferentes enfoques. Para melhor visualização dos números gerais e do processo de refinamento até a definição do corpus da revisão, o quadro 6 foi criado.

Quadro 6: Resultados das buscas e definição do corpus da revisão

| Descriptor/tema pesquisado | Trabalhos encontrados | Critério de pertinência | Resultado |
|--|-----------------------|--|--------------|
| Letramento digital e crítica literária | 33 | Contextos escolares tradicionais, sem ênfase em plataformas digitais | Excluídos |
| Resenha literária e Skoob | 3 | Articulam diretamente resenhas na plataforma | Selecionados |

| Descriptor/tema pesquisado | Trabalhos encontrados | Critério de pertinência | Resultado |
|--|-----------------------|--|--------------------------|
| Multiletramentos e plataformas digitais | 72 | Apenas parte relacionada à literatura | Excluídos em sua maioria |
| Plataforma Skoob (menção direta) | 5 | Objeto empírico principal | Selecionados |
| Formação do leitor em redes sociais literárias | 40 | Nem sempre vinculados à literatura | Seleção parcial |
| Letramento literário digital | 94 | Apenas estudos com ênfase na literatura | Seleção parcial |
| Literatura e Cultura Digital | 416 | Maioria voltada a jornalismo/educação básica | Excluídos |
| Letramento literário | 556 | Geralmente em contextos escolares tradicionais | Excluídos |

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse processo de refinamento foi importante para delimitar um corpus consistente e alinhado ao problema da dissertação. Ao privilegiar apenas os estudos que se aproximam da análise da recepção literária em ambientes digitais, especialmente na Skoob, evitou-se a dispersão temática observada em muitos trabalhos que tratavam de letramento apenas em contextos escolares ou de Cultura Digital restrita ao jornalismo e às redes sociais hegemônicas. Assim, a revisão de literatura concentra-se em produções que permitem discutir a interseção entre letramento literário, plataformas digitais e a formação de leitores críticos.

Assim, após a leitura atenta dos resumos, palavras-chave e seções introdutórias, foram selecionadas dez dissertações e teses que, de fato, dialogam com a proposta deste trabalho. Os critérios de inclusão consideraram pesquisas que abordassem diretamente a Plataforma Skoob; estudos que analisassem práticas de recepção literária em ambientes digitais, tais como resenhas, fóruns ou interações em redes sociais literárias; trabalhos que enfocassem a formação do leitor na Cultura Digital, especialmente quando vinculada a lógicas algorítmicas, dinâmicas de engajamento e práticas colaborativas de leitura.

Por outro lado, os critérios de exclusão retiraram do corpus as investigações sobre letramento em contextos escolares tradicionais, limitadas à sala de aula e sem articulação com plataformas digitais; pesquisas que tratavam de Cultura Digital, mas restritas a áreas como jornalismo, educação básica ou redes sociais de entretenimento (YouTube, Instagram, TikTok), sem vínculo com a literatura; estudos que abordavam multiletramentos apenas em sua dimensão técnica ou pedagógica sem relação com a crítica literária ou a recepção de obras. Como exemplificado no Quadro 7, Revisão de literatura.

Quadro 7: Revisão de literatura

| Autor(a) e Ano | Título | Metodologia | Referencial Teórico | Argumento Central | Conexão com a pesquisa |
|--------------------------------------|---|--|--|--|--|
| Luane Gomes Almeida (2024) | Agência e dialogicidade nas práticas leitoras da comunidade discursiva de Orgulho e Preconceito na Plataforma Skoob. | Qualitativa, netnográfica, análise discursiva. | Ferraz e Mendes (2021); Monte Mór (2010); Cosson (2009). | As interações na Skoob revelam agência discursiva e resistência ideológica, potencializando letramentos críticos. | Aproxima-se metodológica e teoricamente da análise das resenhas de <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> . |
| Emiliana Angela Magalhães (2023). | Do feed do Instagram à sala de aula: a utilização da instapoiesia para o desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio. | Pesquisa qualitativa, bibliográfica + proposta didática. | Bakhtin (1997), Rojo (2012), Cosson (2014), Fischer (2019). | A instapoiesia aproxima os jovens da poesia tradicional, promovendo letramento literário e digital quando mediada pedagogicamente. | Destaca a importância da mediação, ausente na Skoob, para gerar crítica. |
| Patrícia da Costa Sousa (2023). | Da leitura subjetiva à (re)escrita criativa: Uma proposta de letramento literário a partir dos contos de Edgar Allan Poe. | Pesquisa-ação qualitativa e descritiva. | Cosson (2014); Paulino (2004); Rouxel (2014); Rouxel (2014); Souza (2020); Fish (1993); Iser (1999); Barthes (2004). | O ensino tradicional de literatura (historicista, utilitarista, focado na análise formal) afasta os alunos do texto literário. É necessária uma metodologia que coloque o aluno como protagonista através da valorização da subjetividade do leitor. | Fornece reflexões sobre leitura subjetiva, comunidade de leitores e escrita sobre leitura que pode ser adaptado para o contexto digital. |
| Yuri Lira Santos da Silva (2019). | Leitores de literatura na rede social Skoob. | Etnografia on-line. | Bourdieu (1996), Canclini (1995), Jenkins (2009). | A Skoob rompe parcialmente hierarquias literárias, mas transforma a leitura em performance comunicativa. | Reforça a ideia de que resenhas na Skoob priorizam autoimagem em detrimento da crítica. |
| Rosane Aparecida Stieler (2021). | Letramento literário e suas contribuições para o ensino de literatura: um estudo teórico-prático. | Qualitativa-exploratória, bibliográfica. | Cosson (2014), Kleiman (1995, 2007), Soares (1998). | O letramento literário só se realiza como formação crítica mediante mediação qualificada. | Fundamenta a crítica ao espontaneísmo na Skoob. |
| Tahís Evelin Ferreira Coêlho (2023). | O Booktube como ponto de partida para o letramento literário e a formação de leitores. | Estudo de caso com vídeos e comentários. | Bakhtin (2011), New London Group (1996), Rojo (2013). | O Booktube mobiliza discursos criativos, mas reforça lógicas mercadológicas. | Alerta para os riscos da plataformização. |
| Caroline Silva Borba (2023). | O ensino de literatura e a ciberliteratura em uma revisão | Ensaio crítico com análise textual. | Santaella (2011), Rojo (2012), Fonfoca | A literatura expandida se dilui em práticas transmídiaáticas que | Mostra como a crítica literária se democratiza e se transforma nas |

| Autor(a) e Ano | Título | Metodologia | Referencial Teórico | Argumento Central | Conexão com a pesquisa |
|------------------------------------|--|---------------------------------------|---|---|---|
| | integrativa: perspectivas de uma literatura expandida no ensino médio. | | (2014), (Creswell, 2014). | questionam a crítica tradicional. | redes sociais literárias. |
| Yara Reis Cardoso (2022). | Práticas de leitura de adolescentes em contexto digital em interface com o letramento literário. | Etnográfica escolar. | Chartier (1998); Santaella (2004,2013); Soares (2017). Rojo e Moura (2019). | O digital promove letramentos plurais, mas geralmente superficiais e afetivos. | Indica que na Skoob prevalece a leitura afetiva, pouco crítica. |
| Gisele Oliveira de Abreu (2021). | Uma análise de apreciações metafóricas sobre leitura, livro e texto literário em resenhas amadoras | Linguística, análise de 320 resenhas. | Lakoff; Johnson (1980), Martin; White (2005), Verezza (2013). | Metáforas revelam valores culturais sem romper hegemonias. | Instrumentaliza a análise linguística crítica das resenhas. |
| Ane Gisele de Azevedo Dias (2021). | Juventudes, leitura e pedagogias culturais: uma análise do canal Kabook TV. | Análise crítica de discurso. | Canclini (1995), Bauman (2001), Hall (1997). | Booktubers estimulam leitura como espetáculo mercadológico, mascarando crítica genuína. | Fundamenta a análise crítica da plataformização literária na Skoob. |

Fonte: Elaborado pela autora.

Os estudos selecionados para esta revisão evidenciam as práticas de leitura mediadas por plataformas digitais e ajudam a analisar os letramentos observados na Plataforma Skoob. A dissertação de Almeida (2024) demonstra que a agência discursiva dos leitores e a dialogicidade das interações na comunidade de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, na Skoob evidenciam letramentos críticos e resistências ideológicas. Mediante uma pesquisa qualitativa, de caráter netnográfico, sustentada por Ferraz e Mendes (2021), Monte Mór (2010), Cosson (2009), a autora revela que a plataforma constitui um espaço para práticas contra-hegemônicas, desde que haja apropriação ativa dos sujeitos. Esse achado dialoga com a investigação, aqui pretendida, ao apostar que as resenhas da Skoob podem manifestar criticidade.

De modo semelhante, Magalhães (2023), ao investigar a instapoiesia como recurso para o letramento literário no Ensino Médio, conduz uma pesquisa qualitativa dividida entre revisão bibliográfica e proposta didática. Ancorada em Bakhtin (1997), Rojo (2012), Cosson (2014) e Fischer (2019), a autora conclui que, quando mediada pedagogicamente, a instapoiesia aproxima jovens da poesia tradicional e propicia leitura crítica.

Sousa (2023) constata que práticas de leitura subjetiva e reescrita criativa se mostraram exitosas no letramento literário (Cosson, 2009) quando desenvolvidas em comunidades de

leitores, mas dependem de mediação pedagógica para aprofundamento interpretativo. Tal constatação indica que plataformas digitais como a Skoob, desprovidas dessa mediação, podem tanto reproduzir leituras superficiais quanto constituir-se como comunidades interpretativas em que a subjetividade leitora se expressa de forma autônoma.

A pesquisa de Silva (2019) é relevante, pois analisa, por meio de etnografia on-line e fundamentada em Bourdieu (1996), Canclini (1995) e Jenkins (2009), revela a instrumentalização da leitura para fins de autoimagem. Stieler (2021), por sua vez, ao revisar a literatura sobre letramento literário, sustenta que apenas a mediação qualificada permite que a leitura se torne um instrumento de formação crítica. Esse argumento, apoiado em Cosson (2014), Kleiman (2014) e Soares (1998), reforça a crítica ao espontaneísmo que predomina nas redes digitais.

Em outro contexto digital, Coêlho (2023) avalia, por meio de estudo de caso, como o Booktube mobiliza discursos criativos, mas reafirma as lógicas do mercado editorial. Utilizando Bakhtin (1997), o New London Group (1996) e Rojo (2013), a autora alerta para os riscos do consumo mercadológico que esvazia o potencial crítico.

O trabalho de Borba (2023) problematiza a literatura expandida no digital, mostrando como a experiência estética se fragmenta em práticas transmidiáticas que se diferem da crítica tradicional. Fundamentada em Rojo (2012), Creswell (2014) e Fonfoca (1987), a autora faz pensar que a viralização literária contribui para reduzir obras clássicas em produtos culturais.

Por sua vez, Cardoso (2022) revela, com uma etnografia escolar ancorada em Chartier (1998), Santaella (2004, 2013), Soares (2017) e Rojo e Moura (2019), que as práticas digitais adolescentes são fortemente afetivas e raramente críticas.

A partir de um olhar linguístico, Abreu (2021) analisa metáforas em 320 resenhas amadoras, mostrando, com base em Lakoff e Johnson (1980), Martin e White (2005) e Vereza (2013), que as resenhas amadoras refletem valores culturais, mas raramente desafiam hegemonias.

Finalmente, Dias (2021) denuncia a mercantilização da leitura promovida pelos booktubers. Com base em Canclini (1995), Bauman (2001) e Hall (1997), a autora reforça que a leitura espetacularizada pode impedir a crítica genuína. Os trabalhos citados evidenciam que o campo de estudos sobre letramento literário digital está em expansão e que há um grande interesse pelas plataformas digitais de leitura como locus de análise crítica.

3.4 Fundamentos teóricos da pesquisa

Palavra prima
Uma palavra só, a crua palavra
Que quer dizer
Tudo
Anterior ao entendimento, palavra
(Chico Buarque, 1989)

Tendo como objeto as resenhas sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, na Plataforma Skoob, e ao contribuir com a discussão sobre letramento literário digital, a presente dissertação avança em relação às pesquisas revisadas. Essa contribuição parte da definição do termo Letramento como prática social situada em contextos históricos específicos que, como explicitados por Ribeiro (2020) ao fazer a releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos, proposto originalmente pelo New London Group, em 1996.

A noção de multiletramentos, segundo Cazden et al., “supera as limitações das abordagens tradicionais ao enfatizar que saber lidar com múltiplas diferenças linguísticas e culturais em nossa sociedade é central para a vida privada, laboral e cidadã dos estudantes” (Cazden et al., 2021, p. 12). Essa alusão permite compreender como as concepções sobre letramento evoluíram no contexto brasileiro, estabelecendo bases para analisar fenômenos contemporâneos como a viralização de obras literárias em plataformas digitais.

Desse modo, a noção de letramento adotada neste trabalho distancia-se de uma visão instrumental e aproxima-se da concepção de práticas de letramentos como atividades socialmente situadas. Como argumentam Cazden et al. (2021), no Brasil, pesquisadores e pesquisadoras vêm abordando a necessidade de adaptação e aprendizagem aos novos contextos. Na verdade, não se trata de novos contextos, mas distintos, já que o conceito de novo tem sido (re)significado em uma sociedade célere e ininterrupta a mudanças. Esta perspectiva dialoga com a abordagem de letramento ideológico proposta por Street (2014) que reconhece as práticas de letramentos como inseparáveis das estruturas de poder na sociedade.

Cazden et al. (2021) ressaltam a importância da diversidade na proposta dos multiletramentos, afirmando que um dos principais argumentos do New London Group para a necessidade de suplementação da pedagogia de letramento anterior aos anos 1990 era o crescimento evidente da diversidade. Essa valorização da diversidade mobilizada no corpus pela pluralidade de perfis de resenhas é usada para analisar como diferentes leitores se apropriam de uma obra como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, constroem sentidos a partir de suas próprias experiências e repertórios socioculturais.

Os autores ainda enfatizam que é necessária uma visão mais abrangente do letramento do que aquela oferecida por abordagens tradicionais baseadas na língua. O conceito-chave, design, foi mantido no original para evitar confusão relacionada à palavra gramática. Eles afirmam que o termo gramática pode ser negativamente compreendido, uma vez que é investido de certo desgaste e tomado como um conjunto de regras autoritárias (Cazden *et al.*, 2021). A perspectiva do design, com sua ênfase na agência e na criatividade, é particularmente pertinente para analisar como os leitores contemporâneos leem, transformam e ressignificam as obras literárias em suas interações nas plataformas digitais.

A compreensão das transformações nas práticas de leitura no contexto contemporâneo não pode prescindir de uma análise da Cultura Digital e dos processos de plataformização. Santaella e Kaufman (2024, p. 50) pontuam que as tecnologias digitais não são simples recursos, mas “ambientes que criam ecologias socioculturais e políticas próprias que expandem nossas capacidades cognitivas e comunicativas”. Essa visão dialoga com a perspectiva de Cazden *et al.* (2021) que destacam os desafios práticos enfrentados pelo país na implementação efetiva de tecnologias digitais na educação.

Diante dessa visão, a análise desta pesquisa se concentra no estudo das resenhas publicadas na Plataforma Skoob. Então, é importante definir o que é resenha e como ela é configurada no ambiente digital. Caldeira, Rodrigues e Ayres (2022, p. 372) definem resenha como um gênero em que a “criticidade torna-se elemento fundante”, oferecendo uma base para analisar como os leitores da Plataforma Skoob interagem com a obra machadiana.

É importante lembrar que as resenhas nas redes sociais literárias apresentam características distintas das resenhas acadêmicas. Nelas, não há preocupação com normas de formatação, referências bibliográficas ou rigor argumentativo. O texto flui como uma conversa informal ou relato de experiência pessoal. Esse hibridismo entre o gênero acadêmico e a prática comunicativa digital constitui um espaço de mediação simbólica da literatura que merece ser investigado em suas especificidades.

É por esse motivo que Rodrigues, Flexor e Aneas (2020) contribuem para esta discussão ao abordarem o conceito de “letramento transmídia” que envolve a “produção de leitura e escrita em ambência digital” (Rodrigues; Flexor; Aneas, 2020, p. 191). Essa perspectiva mostra como os leitores navegam entre diferentes plataformas (TikTok, Skoob, dentre tantas outras), em suas práticas de letramento literário relacionadas à obra de Machado de Assis.

Essa perspectiva dialoga com a concepção de Cazden *et al.* (2021, p. 46) sobre a multimodalidade dos textos contemporâneos ‘Em um sentido profundo, toda produção de

sentido é multimodal. Todo texto escrito é também planejado visualmente”. Essa assertiva ainda é pouco explorada, em especial nas práticas do ensino de leitura e produção de textos, no Brasil.

Santaella e Kaufman (2024) observam que as tecnologias digitais contemporâneas proporcionam “um dilúvio de telas povoadas de linguagens dos mais distintos gêneros e espécies, tudo junto e ao mesmo tempo, sob o comando de plataformas e aplicativos com os quais muito rapidamente aprendemos a interagir” (Santaella; Kaufman, 2024, p. 50). Essa característica faz de plataformas digitais espaços propícios para a observação das práticas de letramentos multimodais e interconectadas.

Ribeiro, 2020 destaca que, no contexto educacional brasileiro recente, marcado pela pandemia da Covid-19, as tecnologias digitais passaram a ser vistas, por alguns, como salvação, na medida em que poderiam dar continuidade, ainda que improvisada e até inadequadamente, ao ano letivo. Por outro lado, “as mesmas tecnologias passaram a ser vistas como vilãs, em específico porque ampliaram as desigualdades entre estudantes conectados e desconectados, escolas menos e mais equipadas” (Ribeiro, 2020, p. 3).

Essa articulação entre visões otimistas e pessimistas sobre as tecnologias digitais é relevante para a análise das práticas de Letramento Literário na Plataforma Skoob, pois deve considerar tanto as potencialidades quanto as limitações dessas plataformas para a formação de leitores críticos. A esse respeito, é importante reconhecer que as divergências sobre o papel das tecnologias digitais nas práticas de letramento não são fenômenos recentes, mas se inserem em um debate mais amplo sobre a própria cultura de massa e as transformações nas formas de mediação cultural.

Eco (1993) estabelece a distinção entre duas posturas diante da cultura de massa e das tecnologias de comunicação. Ele caracteriza os apocalípticos como representantes de uma visão pessimista que vê nas novas tecnologias e mídias uma ameaça à cultura e aos valores tradicionais. Tal perspectiva teme a superficialidade, a homogeneização cultural e a perda do pensamento crítico que poderia resultar do consumo passivo de conteúdos massificados. Por outro lado, os integrados adotam uma postura otimista, celebrando as possibilidades democráticas de acesso e participação cultural que as novas possibilidades podem oferecer, enxergando nas tecnologias potenciais transformações e emancipações.

O autor adverte que a cultura de massas é vista ora como um risco de alienação (visão apocalíptica), ora como uma oportunidade de democratização cultural (visão integrada). Essa advertência permanece atualizada quando se observa a Cultura Digital, em que a viralização do livro de Machado de Assis reconfigura o consumo literário de forma simultaneamente promissora e problemática.

No contexto específico das plataformas digitais, essa dicotomia manifesta-se de forma evidente. A visão apocalíptica considera as plataformas como a Skoob como espaços que fragmentam a experiência de leitura, simplificando obras complexas, como as de Machado de Assis, a avaliações ou comentários superficiais. A referida perspectiva teme que a socialização digital da leitura possa substituir a profundidade interpretativa individual por consensos de grupo ou interpretações simplificadas.

A visão integrada, por sua vez, destaca como plataformas de leitura social ampliam o acesso às obras literárias, democratizam a discussão crítica e permitem novas formas de engajamento com textos clássicos. Para os integrados, o fato de jovens leitores discutirem Machado de Assis na Skoob e compartilharem suas experiências no TikTok representa uma revitalização e ressignificação do cânone literário. A Skoob, nesse contexto, funciona como mediador de práticas de letramento literário em que a obra clássica é atualizada por meio de comentários, avaliações, comparações intertextuais e até disputas de interpretação, elementos que ressignificam a tradição machadiana em diálogo com a Cultura Digital.

Nesse contexto, o conceito de letramento transmídia mencionado por Rodrigues, Flexor e Aneas (2020), oferece uma perspectiva que supera essa dicotomia porque ele considera a complexidade das novas formas de engajamento literário. Tal conceito não apresenta as práticas digitais nem como ameaça nem como solução mágica, apenas como um novo campo de possibilidades que requer competências específicas, reconhecendo que plataformas digitais e redes sociais não substituem, mas complementam e transformam a experiência de leitura.

Por conseguinte, a análise das práticas de Letramento Literário em ambientes digitais deve superar tanto o pessimismo apocalíptico quanto o otimismo ingênuo dos integrados. De acordo com a própria postura de Eco (1993), é mais frutífero adotar uma terceira via analítica que, reconhecendo as potencialidades democráticas e participativas das plataformas digitais para o Letramento Literário, mantenha uma postura crítica quanto aos limites, visões e reducionismos que essas mesmas plataformas podem importar para a experiência literária e investigue como os leitores desenvolvem estratégias para navegar entre diferentes mídias e plataformas, construindo significados que transcendem os limites de cada ambiente específico.

Essa perspectiva, como apontado por Eco (1993), permite analisar como as práticas de letramento literário no contexto digital não representam nem o fim apocalíptico da leitura, nem a solução integrada para os desafios da formação de leitores, mas um campo complexo que exige uma análise crítica. Nessa direção, a análise das práticas de Letramento Literário na Plataforma Skoob, especialmente a partir da viralização da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, nas redes sociais digitais, exige, como dito anteriormente, um

olhar crítico que articule as potencialidades e limitações das tecnologias na formação de leitores.

É importante lembrar que a perspectiva apontada faz referência também ao que Rodrigues, Flexor e Aneas (2020) reforçam sobre a aplicabilidade do letramento transmídia, que evidencia a produção de práticas de leitura e escrita em ambientes digitais, mostrando que o leitor contemporâneo navega entre plataformas diversas (TikTok, Skoob, Instagram, dentre outras) e ressignifica suas experiências de leitura na Cultura Digital. De outro lado, autores como Rojo e Moura (2019) chamam atenção para o fato de que a fragmentação, a rapidez e a hibridização dos textos digitais podem comprometer a profundidade interpretativa necessária à formação crítica, evidenciando a multiplicação das práticas de leitura e a superficialidade da experiência leitora.

Street (2014) distingue o modelo autônomo de letramento, associado à ideia de que a aquisição da leitura e escrita transforma o indivíduo, do modelo ideológico que reconhece a dependência das práticas letradas aos contextos culturais e sociais em que se inserem. Nesse sentido, há o risco de práticas de letramento acríticas, uma vez que o letramento crítico implica a desconstrução das verdades hegemônicas e a análise das relações de poder que atravessam os discursos.

Assim, a Plataforma Skoob se apresenta como um espaço de circulação de práticas de leitura colaborativas, ao mesmo tempo, em que reproduz dinâmicas superficiais de consumo cultural. É nesse ponto que se revela a atualidade da crítica de Eco. É preciso recusar tanto a condenação apocalíptica das tecnologias quanto a celebração ingênuas de suas potencialidades. O que se vê é a necessidade de se analisar criticamente o atravessamento da Cultura Digital nas práticas de Letramento Literário, observando se essas práticas efetivamente favorecem a formação de sujeitos críticos, capazes de interpretar, problematizar e transformar o mundo a partir de suas experiências de leitura.

3.5 Abordagem metodológica: a netnografia como caminho investigativo

Palavra viva
Palavra com temperatura, palavra
Que se produz
Muda
Feita de luz mais que de vento, palavra
(Chico Buarque, 1989)

Para realizar a análise pretendida, metodologicamente, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e netnográfica (Kozinets, 2014), o que possibilita observar as interações na plataforma em seu contexto natural. Trata-se de observação participante, sem interação com sujeitos, sem intervir no fluxo espontâneo de produção de sentidos. No caso desta pesquisa, a comunidade observada é formada por usuários da Plataforma Skoob que publicaram resenhas sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*, entre 2009 e 2025.

É relevante lembrar que a netnografia não se limita a uma mera observação. Ela exige do pesquisador uma postura ética e crítica diante do material analisado, especialmente no que diz respeito ao recorte e à interpretação das interações. Kozinets (2014) propõe etapas fundamentais, como a definição da comunidade, a coleta de dados (textuais ou multimodais), a análise interpretativa e a comunicação dos resultados. Além disso, a netnografia envolve três etapas: (1) entrada na comunidade e observação participante, (2) coleta sistemática de dados digitais e (3) interpretação cultural desses dados com atenção às práticas sociais e às representações simbólicas que aparecem nas interações (Kozinets, 2014).

3.6 Procedimentos de coleta de dados

Palavra dócil
Palavra d'água pra qualquer moldura
Que se acomoda em balde, em verso, em mágoa
Qualquer feição de se manter palavra
(Chico Buarque, 1989)

O corpus desta pesquisa foi constituído a partir da leitura de resenhas da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicadas na Plataforma Skoob entre o ano de 2009 e abril de 2025. Para a sua delimitação, dois recortes temporais foram combinados. O primeiro, histórico-longitudinal (2009 – 2019), foi usado para mapear a presença da obra antes da amplificação algorítmica recente. Foi realizada a leitura panorâmica desse recorte temporal a fim de se compreender a trajetória de quinze anos de circulação do romance no ambiente digital. Identificou-se a primeira resenha publicada na plataforma, a resenha mais curta, que também foi a mais comentada, produzindo uma visão ampla do que se publicou durante o período.

O segundo, campo ativo (04/2024 – 04/2025), período de observação participante e coleta sistemática. Essa distinção qualifica inferências sobre os efeitos da viralização ocorrida em 2024. Isso porque, primeiro, era necessário observar se a obra havia sido resenhada na época

da criação da plataforma e se perdurava ao longo dos anos. Depois, era preciso verificar se o período anterior e posterior à viralização provocou alguma mudança na produção das resenhas.

Com isso, observou-se como a obra foi resenhada ao longo do tempo, tanto em momentos de menor visibilidade quanto no ápice da atenção gerada pelas redes sociais. O primeiro período observado revela transformações significativas nas práticas de resenhar a obra machadiana. Entre 2009 e 2019, observa-se que não há predominância de um determinado formato de texto. Há resenhas curtas, extensas, com linguagem próxima ao registro acadêmico e com linguagem informal. A partir de 2020, verifica-se a intensificação de resenhas curtas, com linguagem informal e elementos característicos da Cultura Digital. O ano de 2024 marca um aumento no número de resenhas e o surgimento de textos com padrões linguísticos que sugerem produção automatizada. Inclusive, há resenhistas que declaram o uso de Inteligência Artificial (IA) para a elaboração do texto.

Em relação à temporalidade da viralização, a distribuição das resenhas ao longo do tempo mostra uma mudança significativa a partir de 2024, quando houve um aumento no número de resenhas e alguns textos passam a fazer referência direta ao fenômeno da viralização. Esse dado confirma a observação de Santaella e Kaufman (2024, p. 20) de que vivemos em uma “nova ecologia cognitiva”, marcada pela lógica da atenção imediata. Nesse contexto, a viralização deu a visibilidade à obra e alterou sua recepção, aproximando-a de consumos culturais efêmeros.

Para a coleta das resenhas, realizou-se a navegação em sessão logada, começando pela primeira resenha publicada; as mais longas; as mais curtas, independentemente do ano de publicação, todas entre 2024 e 2025. É importante informar que a pesquisa usou poucos registros por imagens, mas capturas de tela com carimbo de data/hora (arquivo interno) foram armazenadas, mantendo-as fora da versão pública para preservar a privacidade dos usuários. O conteúdo da resenha escolhida foi copiado para uma planilha do Excel, contendo autor (depois, substituído por um pseudônimo), data da publicação, cópia fiel da resenha e número de palavras. Essa escolha metodológica se deu com a intenção de garantir a legibilidade dos textos.

Na análise preliminar, observou-se o texto da resenha, os comentários, as reações e contagens de curtidas, visto que tais informações são metadados contextuais. Elas integram a interpretação quando relevantes, mas não compõem o corpus textual principal – salvo quando há indicação explícita, exemplificada pela justificativa da escolha da resenha mais curtida e, coincidentemente, a mais comentada.

A efetiva coleta de dados foi realizada entre os meses de abril e maio de 2025. Várias resenhas foram lidas e para a análise qualitativa foi estabelecida uma amostragem intencional

baseada em critérios previamente definidos (primeira resenha, resenha mais curtida, resenha mais comentada, resenhas longas, resenhas com caracteres especiais). Por fim, a seleção do corpus se deu em seis subconjuntos principais: resenhas com mais de 300 palavras; resenhas mais curtidas; resenhas com linguagem acadêmica; resenhas com linguagem informal; resenhas com menos de 20 palavras.

Cada subconjunto contribui para o mapeamento das práticas de leitura e dos letramentos ativados por diferentes perfis de usuários. Tal organização permite observar tanto as questões interpretativas quanto os usos funcionais, paródicos, afetivos ou instrumentais da obra de Machado de Assis. Inicialmente, foi feito o cadastro na plataforma e a leitura flutuante das resenhas ali publicadas para imersão na dinâmica discursiva dos usuários, identificando regularidades linguísticas, palavras-chave e abordagens recorrentes.

3.7 Categorias analíticas e critérios interpretativos

Palavra minha
Máteria, minha criatura, palavra
Que me conduz
Mudo
E que me escreve desatento, palavra
(Carlos Drumond de Andrade, 1945)

A distinção entre apropriação crítica e consumo performático, embora teoricamente fundamentada, apresenta desafios operacionais que merecem explicitação. Street (2014) demonstra que práticas de letramento são sempre situadas e estratificadas por capitais culturais desiguais, de modo que a heterogeneidade observada nas resenhas não constitui falha metodológica, mas evidência empírica da complexidade do fenômeno.

Para minimizar o impressionismo analítico, estabeleceu-se marcadores textuais específicos como a presença de intertextualidade explícita, a contextualização histórico-social da obra, a problematização do narrador ou da estrutura narrativa, e a articulação entre texto e experiência leitora que transcendam declaração de gosto. Menção explícita ao narrador defunto; identificação da ironia; referência ao contexto histórico e citação intertextual.

Há coexistência de práticas críticas e performáticas na mesma plataforma e, por vezes, na mesma resenha. Isso confirma a tese de Kleiman (2014) de que letramentos contemporâneos são híbridos e multifacetados. Pesquisas futuras poderiam adotar protocolos de codificação intersubjetiva, com múltiplos avaliadores independentes, para fortalecer a confiabilidade das categorizações.

Essa etapa correspondeu ao processo de “entrada” descrito por Kozinets (2014), no qual o pesquisador aprende as normas, os valores e as práticas específicas da comunidade on-line, reconhecendo os diferentes tipos de engajamento dos participantes e a performatividade da identidade digital. Em seguida, as categorias analíticas foram delineadas com base nas práticas sociais observadas. Elas foram delineadas a partir do cruzamento entre o referencial teórico e a leitura preliminar das resenhas, considerando aspectos como: presença ou ausência de interpretação literária; articulação entre elementos estéticos e contextuais; intertextualidade; escolha vocabular e uso de recursos próprios da comunicação digital (emojis, hashtags e menções).

As categorias foram organizadas em torno de: (a) letramento literário (evidências de leitura crítica e interpretação literária), (b) linguagem utilizada (formalidade/informalidade, presença/ausência de termos acadêmicos, expressividade), (c) posicionamento crítico frente à obra e à sociedade, (d) vínculo com a escolarização e exames vestibulares/Enem e (e) impactos da Cultura Digital, incluindo a menção ao vídeo da booktoker americana que viralizou a obra em 2024.

Seguindo a orientação de Kozinets (2014) para a etapa interpretativa, buscou-se compreender as práticas discursivas na plataforma como construções culturais situadas, mediadas pela plataforma, reconhecendo as diferenças entre consumo imediato e leitura crítica. A interpretação dos dados foi situada e reflexiva, atenta às contradições do letramento literário digital.

Essa opção metodológica permite ir além da simples categorização de conteúdo para analisar as práticas de leitura como práticas culturais imbricadas em relações de poder, valores sociais e dinâmicas específicas do ambiente digital. Com isso, buscou-se manter o rigor analítico defendido por Kozinets (2014), ao mesmo tempo em que a complexidade e a fluidez próprias das interações mediadas digitalmente foram respeitadas.

Essa metodologia mostra-se particularmente adequada para investigar as interações na Plataforma Skoob, uma vez que permite a análise das dimensões sociais, culturais e discursivas das interações on-line. Além disso, ela é especialmente relevante para o estudo aqui proposto, pois a Plataforma Skoob constitui um ambiente digital de socialização da leitura. Lugar onde leitores compartilham impressões, avaliações e resenhas sobre obras literárias, formando, assim, uma comunidade discursiva com características próprias.

De acordo com Minayo (2007), a pesquisa qualitativa é especialmente adequada para investigar fenômenos em contextos sociais complexos, pois “trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2007, p. 21). Com isso,

não se pretende alcançar generalizações, mas aprofundar a compreensão dos processos de letramento que se manifestam na Cultura Digital.

Mais do que medir o impacto ou a eficácia da plataforma, busca-se compreender os sentidos produzidos pelos usuários em seus comentários, interações e resenhas sobre a obra, atentando para o atravessamento das tecnologias digitais na mediação da leitura literária. Reconhece-se, desde já, que os resultados poderão indicar tanto potencialidades quanto limitações dessas práticas para a formação de leitores críticos e que um desfecho possível é concluir que a platformização, em vez de fomentar criticidade, estimula formas de engajamento mais performáticas e efêmeras.

Ao adotar essa postura analítica, este estudo procura dialogar com as transformações da leitura sem cair em perspectivas idealizadas. Essa postura analítica é necessária visto que a viralização de *Memórias póstumas de Brás Cubas* é, aqui, entendida como um ponto de partida para discutir as questões que se situam entre apropriação crítica e consumo imediato, entre circulação ampliada e interpretação literária. Em última instância, trata-se de compreender como o cânone literário se reinscreve, ou se dilui, nas práticas de letramento mediadas pela Cultura Digital, e quais implicações isso traz para a formação de leitores no século XXI.

Após essa varredura preliminar, um conjunto de resenhas foi selecionado segundo critérios qualitativos, com base na metodologia netnográfica (Kozinets, 2014). Foram escolhidas cinco resenhas que fazem referência direta ao fenômeno da viralização. Depois, de cinco resenhas com no mínimo 500 palavras. Outro recorte considerável da amostra privilegiou cinco resenhas que utilizam vocabulário acadêmico, revelando aproximações com práticas escolares e universitárias. Complementarmente, foram selecionadas cinco resenhas escritas em linguagem mais próxima da informal, marcadas pela espontaneidade e pelo uso de gírias, expressões coloquiais e/ou caracteres especiais próprios da Cultura Digital.

Além disso, foram coletadas trinta resenhas extremamente curtas que expressam leituras rápidas, avaliações superficiais ou simplesmente manifestações de gosto. Finalizada a coleta, a análise do conteúdo das resenhas foi iniciada. Dessa seleção, das cinquenta resenhas selecionadas preliminarmente, prevaleceram quinze que efetivamente fazem parte desta análise.

A análise inicial das resenhas de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicadas na Plataforma Skoob permitiu identificar quatro categorias principais que ajudam a compreender como o romance circula na Cultura Digital. Tais categorias são a temporalidade da viralização, a linguagem utilizada, a multimodalidade das produções e o engajamento social. Essas categorias se entrelaçam na construção de sentidos sobre a obra, uma vez que em uma mesma resenha apresenta características de mais de uma categoria.

Essa análise preliminar mostrou um conjunto comunicativo diversificado. Entre as mais de 4.000 resenhas publicadas na plataforma até a data da coleta (abril de 2025), constatou-se manifestações discursivas que evidenciam tanto a criatividade quanto as contradições da Cultura Digital. Encontrou-se desde simples declarações de gosto como em “Perfeito”, “Muito bom”, “Excelente livro” à apresentação de resenhas (anti-resenha), em que usuários explicitamente declaram “.....não quero escrever....” ou “De como não farei uma resenha” até a apresentação de resenhas com caracteres incompreensíveis como “Aa Kelakskakskskssjuijjjjajjjjjjjnnnsnnsnnsnnsn”, que sugere tanto erro técnico quanto possível subversão irônica das expectativas de produção textual coerente.

Paralelamente, identificou-se 94 resenhas extensas com mais de 500 palavras, nas quais usuários desenvolvem análises minuciosas que lembram textos acadêmicos. Essa heterogeneidade textual confirma que o letramento literário digital se manifesta por meio de múltiplas modalidades e indica que a Plataforma Skoob funciona como espaço de mediação literária e como laboratório experimental de novas formas de relacionamento entre leitores, textos e tecnologias.

Quanto à linguagem, a diversidade é um dos aspectos mais expressivos. Do texto formal ao extremamente informal, do objetivo ao subjetivo, do texto coeso e coerente ao texto sem sentido algum e que replica letras e símbolos. Há resenhas que definem Machado de Assis como autor de um “grande meme do século XIX”, exemplificando como a Cultura Digital produz sentidos pelo diálogo entre textos e contextos. Essa prática corresponde ao que o Cazden et al. (2021) denomina multiletramentos, pois envolve a escrita em suas múltiplas formas de significação.

Por fim, o engajamento social aparece como uma categoria importante para a compreensão das resenhas em contexto digital. Curtidas e comentários funcionam como mecanismos de legitimação, transformando resenhas em bens simbólicos valorizados na plataforma. Esses valores se materializam em interações que reconfiguram o sentido da obra, exemplificando o que observa Bakhtin (1997) ao defender que todo enunciado é resposta a outros enunciados.

É importante lembrar que essa categorização é meramente metodológica, pois uma mesma resenha pode ser usada como exemplo de várias dessas categorias. Uma resenha listada como curta pode apresentar vocabulário acadêmico ou fazer referência à obrigatoriedade escolar, à viralização ou a aspectos da crítica literária. Essas quatro categorias analíticas permitem compreender que a recepção de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, na Plataforma Skoob, não é uniforme. Ela apresenta densidade analítica,

superficialidade, erudição, informalidade, tradição escolar e Cultura Digital. Não é uniforme, pois revela os atravessamentos da literatura pelas lógicas da plataformização e da economia da atenção.

É importante destacar que para orientar a análise das resenhas, adota-se nesta pesquisa o conceito de letramento literário digital, desenvolvido no capítulo 2, a partir de Cosson (2015), Kleiman (2014) e Rojo (2009). Conceito que, no contexto desta pesquisa, é entendido como o conjunto de práticas de leitura e escrita da literatura em ambientes digitais, nas quais a experiência estética do texto literário se entrelaça às condições de circulação e interação próprias da Cultura Digital. Esse conceito é retomado nesta seção como lente metodológica para a análise das resenhas. Além disso, é necessário apontar que a pesquisa apresenta limitações, uma vez que os dados textuais não capturam processos interpretativos não verbalizados, não há triangulação com entrevistas e o viés de seleção é inerente à amostra intencional.

Também é oportuno lembrar que, por se tratar de uma pesquisa netnográfica, o procedimento metodológico adotado não exigiu submissão ao Comitê de Ética, pois não se trata de pesquisa com seres humanos, mas de análise de enunciados públicos divulgados em ambiente digital. Ainda assim, a identidade dos autores das resenhas foi preservada, substituindo seus nomes por pseudônimos que mesclam referências a escritores brasileiros e termos da Cultura Digital, garantindo o anonimato. Assim, resenhas originalmente assinadas pelos usuários são aqui atribuídas a nomes fictícios como *Post_LygiaFagundesTeles*, *Viral_CoraCoralina*, *ClariceCloud* e *CecíliaData*, mantendo o equilíbrio entre rigor acadêmico e preservação ética.

3.8 Protocolo de análise: modos de ler e entender o corpus

Talvez à noite
Quase-palavra que um de nós murmura
Que ela mistura as letras que eu invento
Outras pronúncias do prazer, palavra
(Carlos Drumond de Andrade, 1945)

Para operacionalizar a análise das resenhas coletadas na Plataforma Skoob, foi desenvolvido um protocolo analítico que categoriza as manifestações de leitura em diferentes modos de apropriação. Este protocolo não busca hierarquizar as práticas de leitura em termos valorativos, mas compreender como diferentes formas de engajamento com a obra literária se manifestam no ambiente digital e quais competências de letramento literário são mobilizadas

em cada uma delas. Os quadros descrevem diferenças tipológicas não graduais e não pressupõem uma escala de valor.

O protocolo fundamenta-se na articulação entre os conceitos de letramento literário (Cosson, 2015; Kleiman, 2014), letramento crítico (Street, 2014) e práticas de leitura em ambientes digitais (Santaella; Kaufman, 2024; Rojo; Moura, 2019). Reconhece-se que o letramento literário digital se manifesta de modo híbrido e multifacetado, conforme demonstrado pelos estudos revisados.

A análise netnográfica das resenhas publicadas na Plataforma Skoob revelou regularidades discursivas que permitem identificar diferentes modos pelos quais leitores inscrevem textualmente suas apropriações de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A categorização proposta não estabelece hierarquia valorativa entre esses modos, mas reconhece que cada um mobiliza recursos discursivos específicos, apresenta potencialidades interpretativas distintas e reflete desigual distribuição de capitais culturais. A escolha de não hierarquizar os modos de apropriação da leitura se dá por dois motivos amplamente discutidos no desenvolvimento da pesquisa, destacados a seguir.

Primeiro, os estudos de letramento como prática social (Street, 2014; Kleiman, 2014; Rojo; Moura 2019) demonstram que não existe um modelo de letramento legítimo, mas múltiplas práticas contextualmente situadas. Hierarquizá-las reproduziria o modelo autônomo que esses autores condenam. Segundo a Cultura Digital produz formas emergentes de apropriação crítica (síntese aforística, paródia, metalinguagem sobre mediações algorítmicas) que não se adequam a formatos acadêmicos tradicionais, mas não podem, arbitrariamente, serem considerados menos críticas que as demais formas de manifestação. Dessa forma, o Quadro 8 apresenta os quatro modos identificados, explicitando tanto suas potencialidades quanto os condicionamentos materiais (escolarização, capital cultural, familiaridade com tecnologias) que facilitam ou dificultam o acesso a cada um deles.

Quadro 8: Modos de apropriação discursiva

| Modo de apropriação | Características textuais | Potencialidades interpretativas | Condicionamentos materiais |
|--------------------------|--|--|---|
| Avaliativo-sintético | Brevidade (até 50 palavras); adjetivação concentrada; operadores adversativos “mas”; pontuação expressiva; ausência de desenvolvimento argumentativo | Síntese dialética; economia discursiva adequada a contextos digitais; recusa de verborragia acadêmica; condensação que pode exigir sofisticação interpretativa | Acesso amplo; adequação à economia da atenção digital |
| Descriptivo-experiencial | Relato em 1 ^a pessoa; marcadores temporais biográficos; vocabulário | Apropriação existencial da literatura; resistência à instrumentalização analítica; | Independe de capital cultural acadêmico; |

| Modo de apropriação | Características textuais | Potencialidades interpretativas | Condicionamentos materiais |
|-------------------------|---|--|---|
| | emocional; articulação texto-vida; ênfase na recepção subjetiva | legitimização do afeto como forma de saber; leitura como evento formativo | valorizado em contextos não-escolares |
| Contextual-relacional | Referências a mediações (escola, viralização, outras obras); intertextualidade; posicionamento em comunidades leitoras; consciência dos circuitos | Crítica das mediações culturais; consciência das condições de circulação; capacidade de situar a obra em redes de significação | Pressupõe repertório cultural diversificado; familiaridade com múltiplas mídias |
| Analítico-argumentativo | Desenvolvimento de tese; vocabulário especializado; citações de autoridade; estrutura ensaística; metalinguagem crítica | Sistematização interpretativa; mobilização de tradição crítica; diálogo com a crítica machadiana | Acesso desigual (pressupõe escolarização prolongada, familiaridade com metalinguagem literária) |

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses modos não são hierárquicos nem excludentes. Uma mesma resenha pode articular múltiplos modos. Essa identificação reflete os códigos interpretativos dominados pela pesquisadora, definidos a partir do cruzamento entre o referencial teórico e a leitura exploratória do corpus. O que implica que outras regularidades discursivas podem existir sem que estejam capturadas por essa análise. Além disso, a identificação dos modos de apropriação discursiva apresentados no Quadro 8 pede a análise por meio de marcadores textuais observáveis no corpus.

Dessa forma, o Quadro 9 operacionaliza os modos de apropriação discursiva por meio de marcadores textuais empiricamente observáveis. Para cada modo, apresentam-se características linguísticas, exemplos do corpus, operações interpretativas identificáveis e limitações analíticas. A explicitação das limitações reconhece que os instrumentos refletem a posição da pesquisadora e capturam apenas o verbalizado.

Quadro 9: Marcadores discursivos e limitações analíticas por modo

| Modo | Marcadores linguísticos | Exemplos do corpus | Operações interpretativas identificáveis | Limitações da análise deste modo |
|--------------------------|---|--|---|---|
| Avaliativo-sintético | Adjetivação concentrada; operadores adversativos “mas”; pontuação expressiva (!!, ???); ausência de desenvolvimento argumentativo | “Genial, mas cansativo” / “Machado é gênio, Brás Cubas é insuportável” / “★★★★★” | Distinção autor/narrador; tensão valor cultural vs. experiência subjetiva; síntese dialética; recusa de naturalização do cânone | Processos interpretativos não verbalizados permanecem inacessíveis; risco de subestimar sofisticação da condensação |
| Descriptivo-experiencial | Verbos em 1 ^a pessoa; marcadores temporais biográficos “quando li na adolescência”; | “Este livro mudou minha perspectiva...” / “Reler Machado é | Apropriação existencial; leitura como evento formativo; articulação texto-vida; resistência à instrumentalização analítica | Difícil distinguir afetação genuína de performance emocional; reflexões críticas |

| Modo | Marcadores linguísticos | Exemplos do corpus | Operações interpretativas identificáveis | Limitações da análise deste modo |
|-------------------------|---|--|--|--|
| | vocabulário emocional “amei”, “me tocou” | retornar à adolescência” | | podem não ser explicitadas textualmente |
| Contextual-relacional | Referência a mediações “viralizou”, “obrigatório Enem”; comparações intertextuais “lembra Dom Casmurro”; menção a adaptações | “Só li pq viralizou” / “Fica melhor na triade do realismo” / “Já tinha visto o filme” | Consciência das condições de circulação; posicionamento em hierarquias simbólicas; crítica das mediações institucionais/algorítmicas | Pode privilegiar contexto sobre análise imanente; pesquisadora reconhece mais facilmente intertextos canônicos que referências à cultura pop |
| Analítico-argumentativo | Vocabulário especializado “ironia”, “metalinguagem”; citações de críticos; modalizadores epistêmicos “evidencia”, “demonstra”; estrutura tese-desenvolvimento | “Como observa Carpeaux...” / “A carnavalização bakhtiniana...” / “A ironia machadiana subverte...” | Mobilização de tradição crítica; sistematização argumentativa; diálogo com a crítica machadiana | Formação da pesquisadora facilita reconhecimento deste modo; pode reproduzir discursos escolares sem apropriação genuína; acesso desigual a capital cultural |

Fonte: elaborado pela autora.

Além dos marcadores específicos de cada modo (Quadro 9), a análise considera aspectos que atravessam transversalmente todas as resenhas, tais como referências a contextos escolares ou à viralização de 2024, presença de intertextualidade, grau de formalidade do registro linguístico e recursos multimodais característicos de gêneros digitais. Esses aspectos não constituem categorias analíticas autônomas, mas dimensões contextuais que qualificam a interpretação dos modos identificados.

A aplicação do protocolo segue os seguintes procedimentos metodológicos: (1) leitura integral de cada resenha do corpus selecionado; (2) identificação dos marcadores textuais presentes, considerando frequência e relevância; (3) classificação da resenha modo de apropriação correspondente, tendo como critério a presença de pelo menos três marcadores característicos daquele nível; (4) análise das dimensões transversais que atravessam o texto; (5) registro das observações em planilha analítica. As marcações foram registradas na planilha analítica “resenhas_skoob_xlsx”.

É importante ressaltar que este protocolo não pretende estabelecer juízos de valor sobre as diferentes formas de engajamento com a obra literária. Reconhece-se que reações afetivas imediatas são legítimas e constituem parte importante da experiência de leitura, especialmente

em plataformas de socialização literária. O protocolo busca, antes, compreender a heterogeneidade das práticas de letramento manifestadas na Plataforma Skoob e investigar em que medida essas práticas incorporam ou não elementos de leitura crítica, conforme definido na seção 3.2 desta dissertação.

Por fim, o protocolo foi aplicado às resenhas selecionadas segundo os critérios interpretativos e as categorias analíticas previstos na subseção 3.7, permitindo mapear os diferentes modos pelos quais *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, é lido, apropriado, interpretado e ressignificado pelos leitores na Cultura Digital. Os resultados dessa análise serão apresentados e discutidos na seção seguinte desta dissertação.

CAPÍTULO 4 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS NA PLATAFORMA SKOOB: RESENHAS E RECEPÇÃO DIGITAL

Quando eu morder a palavra, por favor, não me apressem quer
mascar, rasgar entre os dentes, a pele, os ossos, o tutano do
verbo, para assim versejar o âmago das coisas (Conceição
Evaristo, 2021).

De acordo com Rodrigues (2017), determinadas experiências são singulares e marcam a consciência pela intensidade de sua afetação. Além disso, a autora argumenta que a experiência é estética, afetiva e cognitiva. Sua intensidade depende da articulação entre sensibilidade e reflexão. Essa observação orienta a presente análise, porque a pesquisa defende a ideia de que a leitura das resenhas de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicadas na Plataforma Skoob, deve ser compreendida como um exercício de observação da experiência estética mediada pela Cultura Digital.

Rodrigues (2017) explica que a experiência estética se realiza na integração entre o estranho e o familiar, produzindo um confronto com o objeto que transcende o senso comum. Essa explicação dialoga com a obra de Machado de Assis, em que Brás Cubas provoca estranhamento ao contar sua história depois da morte, expondo vaidades e contradições universais. Na Skoob, esse procedimento é atualizado. O leitor dialoga com a obra, com a lógica algorítmica da plataforma, com a comunidade digital que valida seus discursos, curtidas e comentários.

Machado de Assis antecipou a ironia de ver sua obra ser apropriada de modos contraditórios. Na Plataforma Skoob, ora ela é elevada ao status de genialidade universal, ora é rejeitada como leitura de difícil entendimento. Há resenhas que tentam “morder a palavra”, como Evaristo (2021) morde, buscando no texto o âmago das coisas. Há outras que reduzem a experiência estética a comparações ligeiras ou a fórmulas escolares.

Seguindo as discussões propostas por Kleiman (2014) e Rojo e Moura (2019), as práticas de resenhar no ambiente digital constituem letramentos situados, híbridos e multissemióticos, portanto, não se esgotam no texto escrito. Elas articulam curtidas, comentários, emojis, links e interações sociais que ressignificam o objeto literário. Nessa ressignificação, ao analisar os textos publicados, foi preciso considerar a dimensão estética da leitura e a lógica da Cultura Digital.

As resenhas da Skoob não falam apenas da genialidade de Machado de Assis. Elas refletem discursos de legitimação cultural, de consumo juvenil, de reprodução escolar e de

pertencimento social. Misturam palavras e emojis, compondo textos híbridos tanto em forma, quanto em conteúdo. Alguns leitores usam esses elementos para brincar e até para não fazer resenhas. Outros usam os recursos próprios do contexto digital para denunciar preconceitos naturalizados. Dessa forma, esta seção apresenta as resenhas publicadas na Plataforma Skoob como manifestações específicas do letramento literário digital que se distinguem tanto do letramento literário escolar quanto das práticas de crítica literária acadêmica, como visto anteriormente no capítulo 2.

Os usuários da plataforma desenvolvem estratégias discursivas híbridas, articulando elementos da escrita acadêmica, da conversa informal e da performance digital. Assim, este capítulo apresenta a plataforma Skoob, suas características e funcionalidades; explica os critérios de seleção do corpus, apresentando um panorama geral dos 16 anos de publicações de resenhas sobre a obra machadiana na Plataforma Skoob; e analisa as resenhas publicadas buscando entender os atravessamentos entre Literatura e Cultura Digital através da recepção da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

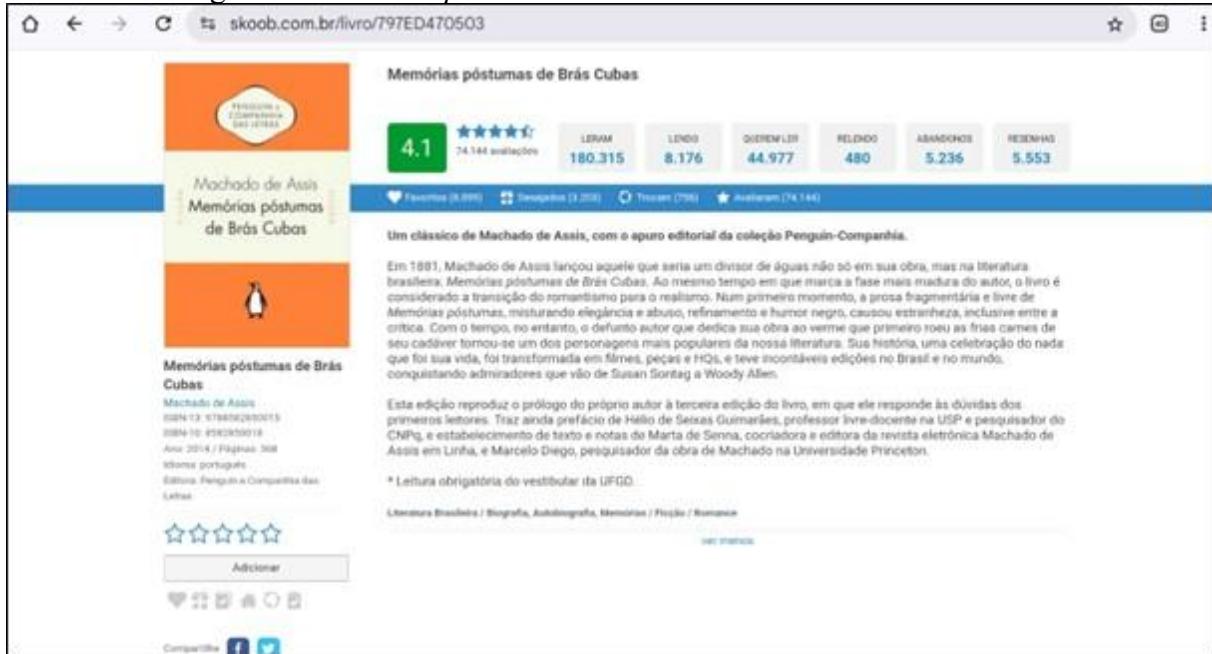
4.1 A Plataforma Skoob: Características e Funcionalidades

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
(Carlos Drummond de Andrade, 1945)

A Skoob, criada em 2009, consolidou-se como a maior rede social literária do Brasil, reunindo milhões de usuários em torno do compartilhamento de experiências de leitura. Diferentemente de plataformas generalistas, a Skoob foi concebida especificamente para catalogação de livros, avaliação de obras e interação entre leitores, funcionando como um ambiente híbrido entre biblioteca pessoal digital e rede social temática.

Para compreender o funcionamento dessa plataforma e suas implicações para a recepção literária contemporânea, observemos a seguir a página de uma das obras canônicas da literatura brasileira, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, cuja presença na plataforma exemplifica a reconfiguração da leitura literária no ambiente digital.

Figura 1: *Memórias póstumas de Brás Cubas* na Plataforma Skoob



Fonte: elaborada pela autora no site da Plataforma Skoob.

A plataforma permite aos usuários catalogarem suas leituras, classificando-as em categorias como “lidos”, “lendo”, “quero ler”, “abandonei” e “relendo”. Cada obra possui uma página específica onde se concentram informações bibliográficas, sinopse, estatísticas de leitura e, principalmente, resenhas produzidas pelos usuários. Essas resenhas podem receber curtidas e comentários, criando uma dinâmica de engajamento que aproxima a plataforma das lógicas das redes sociais convencionais.

A disposição das informações revela características próprias do que Santaella chama de plataformação. Na Skoob, essas características podem ser vistas através de curtidas e dos comentários que propiciam interação e indicam quais resenhas ganham maior visibilidade. Na Figura 1, página do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, na Plataforma Skoob, é possível perceber como o site organiza a recepção da obra em termos quantitativos e qualitativos.

No alto da tela, destacam-se os números: mais de 74 mil avaliações, com uma média de 4,1 estrelas, cerca de 180 mil usuários marcaram como “leram”, 8 mil como “lendo”, 45 mil como “querem ler”, 480 como “relendo”. Além de mais de 5 mil registros de abandono e 5.553 resenhas publicadas. Essa visualização mostra como a leitura literária é transformada em dado, em métrica de engajamento e em prática social quantificável.

Ao lado, há a capa da edição da Penguin-Companhia das Letras, acompanhada de informações editoriais. Além disso, há uma sinopse que apresenta a importância do romance como divisor de águas na literatura brasileira, destacando seu caráter inovador e suas adaptações

para cinema e HQs. O texto inclui ainda informações sobre a edição crítica que reproduz o prólogo da terceira edição escrito pelo próprio autor e traz prefácio de Hélio de Seixas Guimarães, além de referências a pesquisadores como Marta de Senna e Marcelo Diego. No final, aparece a indicação explícita: “Leitura obrigatória do vestibular da UFGD”.

Sendo assim, a plataforma organiza a recepção literária em múltiplos aspectos: (a) a curadoria editorial, com sinopses e informações sobre a edição; (b) a dimensão social, com as marcações de leitura feitas pelos usuários; (c) a avaliação coletiva, transformada em nota numérica; e (d) a crítica colaborativa, expressa nas milhares de resenhas.

Trata-se de um ambiente em que, segundo Rojo e Moura (2019), os textos e leituras se tornam multissemióticos, mediados por interações e validações sociais. Nesse sentido, a Skoob se apresenta como um espaço em que a literatura é reconfigurada pela lógica da Cultura Digital – lida, avaliada, compartilhada e quantificada em dados – um lugar onde leitores compartilham experiências, avaliam obras e participam de discussões.

4.2 Resenhar na plataforma: entre a crítica e a performance social

Para o leitor, no interior da obra, o autor corresponde ao conjunto dos princípios criadores que devem ser realizados, à unidade dos constituintes da visão exotópica que sua atividade relacionou com o herói e seu mundo (Bakhtin, 1997).

A resenha não existe isolada. Ela responde a outras leituras, dialoga com interpretações anteriores e se antecipa a possíveis réplicas nos comentários. As categorias analíticas apresentadas a seguir demonstram os elos entre leitores e a obra machadiana.

4.2.1 Modo analítico-argumentativo: resenhas e elaboração crítica

Nas resenhas longas, os leitores mesclam resumo da obra e análise estilística com interpretações pessoais, que lembram tanto comentários sentimentais como resenhas acadêmicas, pois misturam linguagem formal e coloquial. Isso pode ser comprovado com a leitura das resenhas de Alencar#Cloud (10/04/2025) e de Drummond@Data (12/07/2024) analisadas a seguir.

Resenha 1: Alencar#Cloud (10/04/2025)

Memórias póstumas de Brás Cubas Que surpresa gratificante foi esta leitura! Que obra prima! Começo a entender o motivo pelo qual Machado é tão aclamado. Estou

muito feliz por ter encarado a leitura de peito aberto, por tê-la vencido, entendido e aproveitado. Para mim, foi uma realização como leitora. Sou fruto de ensino público, onde a leitura era pouco incentivada. Havia uma professora de português que amava Machado, mas não conseguiu passar a nós, jovens e imaturos alunos, tal paixão. Tampouco venho de uma família de leitores e não tenho certeza de que meus pais já ouviram falar de Machado. O fato é: o produto dos fatores mencionados anteriormente, somado a pouca experiência de vida e na literatura, não me capacitavam para ler esta e tantas outras obras dos renomados autores clássicos brasileiros. Não, nossas obras clássicas não são para o público jovem e é um erro obriga-los a ler estes livros ainda no ensino fundamental. Hoje, no alto da meia idade e com modesta bagagem literária, ainda me fugiram várias referências e não posso dizer que aproveitei 100% da leitura. Memória Póstumas de Brás Cubas não foi uma leitura fácil. A barreira da linguagem e das referências literárias, históricas e culturais, foi cruel até cerca de 15% da leitura. E depois, conseguindo me conectar com o modo de escrita machadiana, foi muito gostoso acompanhar Brás. Brás Cubas é um personagem mimado, rabugento, mesquinho, egoísta, preconceituoso: é a personificação da sociedade elitista e escravista da época de Machado. Memória Póstumas não é só uma crítica a sociedade da época, ao sistema escravocrata, às injustiças do mundo. É também uma crítica a escola literária do romantismo e aos moldes ditados pela literatura estrangeira da época. E vou além: esse livro não é só o retrato da época na qual foi escrito, mas é também um retrato da sociedade moderna. Ou não é verdade que muitos de nós vivem apenas para buscar reconhecimento? Que outros tantos tentam ideias absurdas e apelativas para deixar sua marca, para obter fama, assim como Brás tentou com seu emplastro? Não é verdade que muitos de nós preferem viver romances vazios e escondidos, roubar o cônjuge do próximo para não arcar com o ônus de assumir um relacionamento? Não é verdade que muitos escolhem a beleza exterior ao invés do sentimento? Assim como Brás Cubas que deixa de namorar Eugênia, só porque ela era coxa e porque ele, um cara da alta sociedade, não podia se dar ao luxo de namorar alguém assim. Não é verdade que ainda há aqueles que acreditam que pessoas negras devem ser tratados a margem da sociedade? Estou apaixonada por este livro. Ele tem camadas que excedem a história em si. Eu amo a forma como Machado brinca e dialoga com o leitor; a forma como inova nos capítulos, nas artimanhas da narrativa. Amo as frases e trechos impactantes: desde a impecável dedicatória até a profunda e desoladora última frase da narrativa. Amo como cada trecho é dotado de sentido, de mensagem velada. Amo como ele cita importantes autores e filósofos só para desconstruir-los, desmoralizá-los depois. Quando Quincas Borba aparece... Foi um crossover muito legal! Minhas passagens preferidas são: a dedicatória (Brás Cubas não era, afinal, tão ilustre quanto pensava, pois tanto lhe faltou a quem dedicar a obra que acabou dedicando-a ao verme). Quando entendi isso... Uau que peso! O capítulo XXXI (A borboleta preta), também me marcou muito. A analogia entre o valor da vida do escravo (borboleta preta) e das pessoas de sangue azul (borboleta azul)... Uau que soco! A última frase do livro foi outra coisa que mexeu comigo. Outro grande UAU, outro grande soco [...].

O texto de Alencar#Cloud exemplifica as ideias de Graça Paulino (2004) sobre a formação do leitor literário, demonstrando como o letramento literário se constrói ao longo da vida por meio de experiências significativas com o texto. A barreira inicial dos “15% da leitura” mencionada pelo resenhista ilustra o que Cosson (2015) fala sobre o processo gradual de aquisição de habilidades e conhecimentos necessários para a fruição plena das obras literárias.

O resenhista reconhece a importância da escola e da família na formação leitora, atribuindo à experiência com esses agentes o resultado da sua atual competência leitora. Isso revela que o letramento literário não é um processo linear, mas uma construção que demanda tempo, maturidade e experiências diversificadas com diferentes gêneros e autores. Na resenha

em análise, a superação dessa dificuldade inicial demonstra que o leitor desenvolveu estratégias de leitura, capazes de lidar com a complexidade linguística e cultural da obra machadiana.

A apreciação do resenhista pelo diálogo machadiano com o leitor revela compreensão da dimensão literária da obra. Característica que Graça Paulino (2004) destaca como fundamental na formação do leitor literário. Ao reconhecer como Machado “brinca e dialoga com o leitor” e “inova nos capítulos”, a resenha indica um grau de letramento literário, em que o leitor lê a obra e comprehende como ela é construída.

Particularmente relevante é a análise da universalidade da crítica machadiana, expressa na observação: “esse livro não é só o retrato da época na qual foi escrito, mas é também um retrato da sociedade moderna”. Essa capacidade de estabelecer conexões entre a obra e a realidade contemporânea exemplifica o que Rojo e Moura (2019) ajudam a construir a ideia de a habilidade de mobilizar conhecimentos diversos para construir sentidos que transcendem o texto é uma das competências fundamentais do leitor digital.

Também é relevante a interpretação da dedicatória “ao verme” e do capítulo da borboleta preta. Elas revelam percepção do sistema simbólico machadiano, demonstrando capacidade de decodificar elementos implícitos e construir significados a partir de pistas textuais. A menção ao “crossover” com Quincas Borba demonstra compreensão do projeto literário machadiano como conjunto articulado, revelando a capacidade de estabelecer relações intertextuais e perceber conexões entre diferentes obras de um mesmo autor.

A resenha 2, revela um perfil de leitor diferente da primeira, demonstrando o que Graça Paulino (2004) identifica como um grau avançado de letramento literário:

Resenha 2: Drummond@Data (12/07/2024)

‘O pior é o despósito’ Otto Maria Carpeaux afirma que Machado de Assis é um autor que nasceu duas vezes. *Memórias póstumas de Brás Cubas* inaugura esse segundo nascimento. Certamente, não lembraríamos de Machado de Assis até os dias de hoje sem a publicação desse livro. A escrita da obra é simples, com uma linguagem clara, considerando o vocabulário e as expressões comuns do século XIX. Além disso, é importante levar em conta as referências literárias utilizadas que evidenciam Machado como um leitor ávido. Afinal, ler é uma forma de escrever com os olhos e escrever é colocar no papel a memória das leituras, como disse o professor João Cezar de Castro Rocha. Essa compreensão, atingida na maturidade de Machado, o levou a decidir não mais guiar o leitor com todas as informações, como quem ampara uma criança (o que fazia em seus romances anteriores). ‘A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.’ ‘A gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos.’ A história narrada tem como lei máxima carnavalizar a vida de forma tal que só pode ser alcançada pela pena de um personagem já falecido, descompromissado das vaidades do mundo terreno. Talvez já existam aí os traços da ‘tinta da galhofa’ mencionados nas notas ao leitor. Os anos 60 do século XIX marcam a chegada ao Brasil dos livros de Allan Kardec e a moda

crescente das psicografias que incluíam livros supostamente escritos por pessoas já falecidas, considerados portadores de algum valor e sabedoria por aqueles que teriam feito a passagem da vida ao post mortem. Assim, a cultura brasileira de não falar mal dos mortos é colocada à prova neste romance. Brás Cubas tem uma trajetória de vida frívola e egoísta, vendo as pessoas apenas como meios para satisfazer suas próprias vontades. O narrador carrancudo, arrogante e com uma vida aparentemente enfadonha e desinteressante pode (ou não) explicar os atuais 4.587 abandonos de leitura desta obra. E há ciência disso: ‘o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro é tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...’ Mas se a galhofa é o que dá forma ao romance, ela também carrega a ‘tinta da melancolia ‘que atualmente poderia ser associada a um quadro de depressão. Esses sinais se manifestam com a primeira desilusão amorosa, um amor que durou ‘quinze meses e onze contos de réis’, em que Brás preferiu ‘dormir que é o modo interino de morrer’, agravado pela morte da mãe e presente em diversos outros momentos ao longo da obra. [...]

O autor da resenha revela capacidade de mobilizar conhecimentos e estabelecer conexões entre texto, contexto e tradição literária. Ao citar autoridades críticas, como Otto Maria Carpeaux e João Cezar de Castro Rocha, demonstra que sua leitura não se limita ao texto primário, mas dialoga com a crítica machadiana. A capacidade de situar a obra dentro de uma tradição interpretativa indica um leitor que desenvolveu as competências do letramento literário, sendo capaz de fruir esteticamente o texto e de posicioná-lo criticamente dentro do câncone literário. A observação sobre o “segundo nascimento” de Machado, referenciando Carpeaux, exemplifica que o resenhista comprehende as rupturas e as continuidades na trajetória de um autor, percebendo como a obra resenhada representa um divisor de águas na produção machadiana.

Chama atenção nesse texto a reflexão sobre os “4.587 abandonos de leitura” da obra na plataforma digital. Usar a resenha sobre a obra para falar da recepção dela na plataforma revela consciência crítica sobre os desafios da recepção contemporânea dos clássicos. Sendo assim, essa resenha demonstra que o leitor desenvolveu as competências que Rojo e Moura (2019) identificam como inerentes aos multiletramentos, das quais destacam-se a capacidade de análise crítica, a mobilização de repertório cultural e a habilidade para estabelecer conexões intertextuais.

As resenhas curtas, por sua vez, mobilizam a lógica da síntese como característica da Cultura Digital. Frases de efeito como “genial, mas cansativo” condensam sentimentos contraditórios em enunciados breves, próximos de slogans e hashtags. Como mostram Santaella e Kaufman (2024), esse tipo de comunicação reflete a fragmentação dos ambientes digitais, em que a atenção é disputada em lapsos mínimos de tempo. Ainda que concisas, essas resenhas não

são destituídas de crítica. Ao contrário, traduzem a interpretação de críticas em fórmulas de alto impacto circulatório.

Quando um leitor escreve “Não é livro para ser lido somente uma vez.”, articula em poucas palavras a sua apreciação crítica. Ele reconhece a legitimidade canônica da obra, pois pressupõe que Memórias Póstumas de Brás Cubas exige releituras sucessivas, entendimento que dialoga com a concepção de literatura defendida por Cosson (2014), segundo a qual o texto literário não se esgota em uma única aproximação e produz sentidos a cada novo encontro.

Resenha 3: viral_CoraCoralina – 24/05/2020

Não entendi nada.

Resenha 4: hashtag_JoseDeAlencar – 25/01/2009

Muito divertido e crítico de uma sociedade hipócrita.

Resenha 5: feed_ManoelBandeira – 03/03/2014

Vestibular Um dos melhores livros que li obrigada para o vestibular. Adorei!

Resenha 6: trend_MariodeAndrade – 10/02/2021

Chato. Não gostei, aí que chatice. Desisto de Machado de Assis.

Resenha 7: post_LygiaFagundesTeles – 19/03/2021

GENIAAAAAAAAAAAAAAAAL preguiça? um pouco, mas GENIAL.

Essas cinco resenhas, pinçadas de diferentes marcos temporais, compartilham a brevidade como marca central, condensando a experiência de leitura em sentenças mínimas. A economia verbal, porém, não significa ausência de densidade interpretativa. Cada uma mobiliza uma linha particular de leitura. “Não entendi nada”, publicada por viral_CoraCoralina em 24/05/2020, revela opacidade diante do texto machadiano e evidencia, conforme argumenta Street (2014), que práticas de leitura são sempre situadas e dependem de repertórios que não se constituem apenas pelo acesso ao texto. Em direção distinta, “Muito divertido e crítico de uma sociedade hipócrita”, de hashtag_JoseDeAlencar em 25/01/2009, recupera uma leitura historicamente legitimada da ironia e da crítica social presentes no romance, movimento interpretativo que dialoga com o que Cosson (2014) descreve como compreensão ético-estética do literário.

A resenha de feed_ManoelBandeira, publicada em 03/03/2014, articula coerção escolar e apreciação estética ao afirmar “Vestibular (...) adorei!”. Essa declaração reforça a ideia de Street (2014) de que práticas de letramento são resignificadas conforme a experiência social do

leitor, pois a leitura obrigatória é reinterpretada na plataforma como vivência de fruição. Já a sequência “Chato. Não gostei, aí que chatice. Desisto de Machado de Assis”, inscrita por trend_MariodeAndrade em 10/02/2021, mobiliza intensificadores afetivos e fragmentação sintática para expressar rejeição explícita à obra. O enunciado performa resistência ao cânone e confirma que, como destaca Bourdieu (1998), a relação com o gosto literário não é neutra, pois se ancora em disposições e expectativas distintas no interior do campo cultural. Por fim, a formulação “GENIAAAAAAAAAAAAAAAAL preguiça? um pouco, mas GENIAL”, de post_LygiaFagundesTeles em 19/03/2021, combina hipérbole gráfica, pergunta retórica e uso estratégico de “mas”. A oscilação entre exaltação e cansaço materializa o tipo de expressividade multissemiótica característico das textualidades digitais descritas por Santaella (2013), que incorporam intensificações visuais para produzir efeito discursivo imediato.

Nesse contexto, a brevidade atua como estratégia de visibilidade ajustada ao tempo acelerado que organiza as práticas comunicativas contemporâneas. Assim, avaliações mínimas como as analisadas aqui não devem ser interpretadas como descaso, mas como performances textuais que adaptam o cânone ao ambiente digital. Elas reorganizam a experiência estética em enunciados curtos e expressivos, adequando-a ao modo de funcionamento das plataformas.

Mesmo reduzidas a uma frase, essas resenhas confirmam o que Street (2014) afirma sobre a natureza ideológica da leitura, pois cada enunciado revela uma posição diante da obra. Reconhecer o romance como “crítico de uma sociedade hipócrita”, admitir “não entendi nada”, expressar rejeição enfática ou combinar entusiasmo e cansaço são formas de significar a leitura e de se significar como leitor. Interpretações complexas transformadas em apreciações discursivas breves, mas densas, que integram afetos, expectativas, resistências e adesões.

Desse modo, o bloco das resenhas curtas evidencia que o letramento literário digital não se limita ao discurso elaborado. Ele se expressa também em registros aforísticos, fragmentados e altamente performativos, que revelam modos contemporâneos de recepção do texto literário. Ao lado das resenhas longas já analisadas, essas postagens rápidas demonstram a pluralidade das práticas de leitura na plataforma Skoob. Ambiente em que a síntese e a análise detalhada convivem como formas legítimas de reagir ao romance machadiano. Esse conjunto confirma que compreender a leitura literária na Cultura Digital implica reconhecer a diversidade de enunciações e os múltiplos modos pelos quais os leitores constroem sentidos em ambientes mediados por plataformas.

4.2.2 Modo contextual-relacional: viralização e consciência das mediações

As resenhas ligadas ao fenômeno da viralização do TikTok em 2024 constituem o exemplo mais explícito de como algoritmos e redes sociais reorganizam a recepção literária. Como visto, anteriormente, a platformização propaga lógicas de circulação e legitimação, em que a leitura se torna produto de recomendação algorítmica e comunitária. Nas resenhas dessa categoria, nota-se a motivação inicial “só li pq viralizou” e a possibilidade de apropriação crítica, quando leitores retornam ao texto para ressignificar sua experiência.

Resenha 8: booktok_CoraCoralina - 28/05/2024

Aos vermes etc etc etc... Melancolia!???? Já estava com a leitura em andamento quando o livro viralizou a partir de um vídeo de uma influencer americana, deixando *Memórias póstumas de Brás Cubas* em 2º lugar de vendas na Amazon. Estava na lista de leitura graças ao clube dedo de prosa, foi a leitura de Maio! Li esse livro pela primeira vez na adolescência, para aula de literatura, lembro de ter assistido ao filme no cinema na mesma época. Foi bom demais reler tantos anos depois. Machado de Assis é sensacional. Um livro publicado em 1881! Relendo algumas coisas causam um pouco de desconforto, o que era muito natural na época. Acompanhar um defunto contando sobre a sua vida foi revolucionário na época, mas até hoje é incrível e já impacta na primeira página! (Aos vermes etc etc etc...) Meu livro favorito de Machado ainda é Dom Casmurro, mas Brás Cubas vem logo em seguida (agora as partes com Quincas Borba???).

A abertura pela dedicatória “aos vermes” condensa a operação de memória cultural. O resenhista conecta o clássico a uma experiência de leitura atual, catalisada pelo vídeo da influencer americana. Dessa forma, a resenha torna visível a ecologia de mediações da Cultura Digital. Quando o texto liga a retomada do livro à subida nas paradas da Amazon, ele mostra os contadores, os ranques e os filtros que transformam leitura em dado público (leram, lendo querem ler; média de estrelas; e número de resenhas). Isso reconfigura a recepção ao alinhar relevância literária à relevância algorítmica.

A própria Skoob, como mostram as teses e dissertações da revisão de literatura, não é só “comunidade de leitores”. Ela funciona também como extensão do mercado editorial, articulando sinopses, ofertas e indicadores que informam decisão de leitura e legitimidade social do livro. Assim, o “efeito BookTok” não chega a um espaço neutro, mas se acopla a uma arquitetura já orientada para visibilidade e decisão. A plataforma exibe, por exemplo, “quantos leram”, “quantos avaliaram”, “quantas resenhas foram publicadas”, o que favorece a circulação rápida e a sedimentação de prestígio por contágio social.

Ao recuperar memórias escolares e de cinema, o leitor performa o que Santaella (2013) descreve como ubiquidade e hibridez de suportes. Ele mobiliza leitura escolar, clube de leitura, filme, feed e ranque de vendas, mostrando que esses elementos convivem no mesmo percurso, compondo um perfil de leitor ubíquo que alterna modos de presença e atenção. Assim, novas

práticas de letramento nascem de confluências multimodais com leitores ora contemplativos, ora imersivos, ora ubíquos, acionando recursos para negociar sentidos.

O enunciado “viralizou a partir de um vídeo” mostra como a cultura digital influencia as escolhas das pessoas, indicando que as leituras e os gostos culturais podem ser guiados pelos algoritmos e pelas emoções das redes sociais, sem considerar critérios críticos ou literários vindos da escola ou da academia. Porém, circulação não é sinônimo de apropriação reflexiva. É preciso trabalho interpretativo para converter visibilidade em formação. Isso foi feito pelo resenhista. Ao ancorar-se no texto, referindo-se à dedicatória, ao defunto-autor e a Quincas Borba, a autora mostra que a viralização oportunizou o encontro da obra e o leitor, mas a leitura se sustentou no encontro com a materialidade do clássico.

Do ponto de vista do letramento como prática social (Street, 2014), a resenha evidencia posicionamentos críticos, porque reconhece desconfortos históricos ao citar referências que “causam um pouco de desconforto”; atualiza valores ao declarar “impacta na primeira página” e reorganiza o cânone pessoal (Dom Casmurro, “favorito”, Brás Cubas, “logo em seguida”). Essas escolhas mostram agência e dialogicidade (Almeida, 2024), em que leitores negociam sentidos mobilizando recursos semióticos disponíveis. Das quais destaca-se memória escolar, club de leitura, influenciador, estatísticas, convertendo-os em posicionamento crítico sobre a obra e sobre si. Um processo que a pesquisa caracteriza como participação ativa e engajada em comunidades discursivas digitais.

O leitor não se apropria da obra. Ele faz releitura, faz comparação com outros romances de Machado, revela expectativa por Quincas Borba, convertendo a experiência em reflexão que reorganiza o repertório. Sendo assim, os ambientes de recepção, como a Skoob, quantificam a leitura e oferecem métricas que influenciam a legitimidade das resenhas e do próprio livro.

O que reforça a pergunta-guia desta seção: em que medida o “efeito BookTok” produz leitura crítica e não apenas atenção? A resenha de booktok_CoraCoralina é uma possível resposta: o algoritmo aciona a leitura, mas a análise retorna ao texto e à tradição crítica machadiana, mantendo o clássico como fonte de inquietação estética.

Resenha 9: trend_LygiaFagundesTeles- 13/06/2024

O passado é vanguarda. Recentemente, retomei essa leitura que se tornou viral após uma trend do TikTok. Relevar Machado é retornar à adolescência e aos momentos iniciais da minha formação enquanto leitor e enquanto pessoa. Nesse romance, em belíssima edição ilustrada da Antofágica, redescubro o prazer de ouvir relatos de um narrador humano, demasiado humano. Direto do túmulo, Brás Cubas não vive nenhuma odisseia, mas reconta uma vida cheia de lados e complexidades que refletem a época, mas também o futuro. A seu modo, Machado consegue cativar o leitor por seu caráter experimental, também presente em outros romances, como Dom

Casmurro, convidando o leitor para se aventurar e ditar, junto dele, o ritmo de cada capítulo. Aqui, vemos a inversão da biografia contada do além túmulo, a vida do protagonista não é nada extraordinária, e por isso mesmo tão preciosa. Redescobrir a potência e criatividade de Machado é como ressignificar a bandeira do Brasil. Cada vez que olhamos, vemos um novo formato e cor.

A resenha de *trend_LygiaFagundesTeles* articula a viralização no TikTok ao processo de releitura memorialística e afetiva. A expressão “o passado é vanguarda” traduz aquilo que Rojo e Moura (2019) discutem ao mostrar como as mídias transformam o texto escrito e permitem que linguagens diversas, imagens, sons, vídeos, textos, se misturem em um mesmo artefato multissemiótico. Essa ideia sustenta que o clássico, ao ser apropriado nas redes, passa por uma reconfiguração de sentidos.

O destaque à edição ilustrada da Antofágica revela a importância das mediações editoriais e dialoga com a ideia de Santaella (2013) sobre a ubiquidade da Cultura Digital. O leitor não acessa apenas o livro, mas um conjunto de paratextos, como capas, notas e imagens, que condicionam a leitura.

O tom memorialístico que reconecta adolescência à maturidade, exemplifica o que Cosson (2015) define como apropriação literária. Segundo o autor, a leitura reorganiza identidades e memórias do sujeito. Aqui, reativa à memória leitora e produz uma experiência formativa. Esse processo mostra, como lembra Street (2014), que o letramento é sempre uma prática social situada, mediada por repertórios e ideologias.

Por fim, a metáfora da bandeira que se ressignifica sugere que a viralização do livro permitiu um reencantamento simbólico, uma vez que o clássico não é apenas relido, mas reapropriado como signo nacional em transformação. Isso confirma o que Almeida (2024) observou na comunidade discursiva de *Orgulho e Preconceito*. Lá, os leitores na Skoob exercem agência discursiva, reinscrevendo o cânone em seus próprios termos e dialogando criticamente com a tradição.

Resenha 10:hashtag_MonteiroLobato - 09/06/2024

“Só li pq viralizou Enrolei muito para ler essa obra, estava há muito tempo na minha lista para ler e já recebi algumas indicações. E como recentemente, mais uma vez, viralizou na gringa e diversas pessoas começou a falar sobre, resolvi por fim ler. Esse foi o livro mais difícil que li na vida, de início achei a escrita muito complexa, e exigiu muita concentração, teve partes que li e reli e voltei para ler de novo (kkkkk). Para entende melhor as reflexões. Mas depois de um ponto, ao decorrer da trama que acaba fluindo. Mudei de edição também, para uma que contém notas de roda pé, assim facilitando a minha experiência com a leitura, pude entender melhor as referências, significado de palavras e contexto. Como citei acima, chega uma parte que flui demais e acabei ficando envolvida com a história, foi uma experiência incrível, e amei conhecer mais um pouco da escrita de Machado de Assis, aonde percebi o quanto ele é irônico, sarcástico, o quanto sua escrita é melancólica, a genialidade de expor suas

críticas a sociedade, e o quanto ele brinca com o leitor, trazendo essa pitada de humor. Simplesmente amei.”

Aqui, *hashtag_MonteiroLobato* assume sem rodeios a motivação: “só li pq viralizou”. Essa confissão é reveladora, pois mostra como a leitura é motivada pela visibilidade gerada em rede. No entanto, a resenha vai além do *hype* ao mostrar estratégias de sustentação. Ela troca de edição, busca notas de rodapé, relê trechos difíceis. Esses movimentos confirmam a noção de multiletramentos (Rojo; Moura 2019), em que o leitor mobiliza diferentes recursos para construir sentido.

O uso do “kkkkk” mostra a performatividade digital típica das plataformas (Santaella, 2013). A linguagem da resenha mostra sua filiação ao ambiente digital. Simultaneamente, a visão do resenhista que mostra Machado como “irônico, sarcástico, melancólico” revela uma apropriação crítica, alinhada a Cossen (2015) que entende o letramento literário como formação de leitores sensíveis às contradições da obra.

Além disso, o relato de dificuldade e posterior superação lembra a discussão de Abreu (2021) sobre metáforas de leitura em resenhas amadoras. O resenhista fala que ler Machado é descrito como experiência de obstáculo e conquista, um percurso que reforça a legitimação do leitor como sujeito capaz de enfrentar a densidade do clássico. Ao articular humor, esforço e recompensa, a resenha mostra como a viralização não se esgota no impulso inicial, mas resulta em uma experiência de leitura crítica.

Resenha 11: viral_JoseDeAlencar - 18/10/2024

Dá raiva e é incrível Eu li *Memórias póstumas de Brás Cubas* há um tempão, e decidi reler depois que aquela moça gringa do TikTok viralizou com um vídeo sobre o livro e Machado de Assis num geral. É um livro ótimo, e fica ainda mais fascinante quando lemos a tríade do realismo brasileiro (Memórias, Quincas e Dom), porque existem várias referências de um no outro. Não tem como não caracterizar os três como geniais? também, Machado de Assis, né? E mesmo que pareça óbvio (e seja), é importante saber que é uma obra escrita em outra época, onde a escravidão ainda estava ?indo embora? e muitas pessoas sofriam com várias opressões. Não dá para se revoltar com o autor por retratar isso, mas dá pra se revoltar por ter sido (e às vezes seguir sendo) uma realidade que existiu. Vou reler Dom Casmurro e Quincas Borba também. Clássicos literários deviam ser [...]

A resenha de *viral_JoseDeAlencar* mostra como a viralização pode atuar como catalisador de releituras intertextuais. O leitor retoma *Memórias Póstumas* e conecta a obra a Dom Casmurro e Quincas Borba, configurando aquilo que Bakhtin (1997) chama de dialogismo intertextual. Esse movimento confirma a agência leitora, apontada por Almeida (2024) ao

afirmar que a Skoob não é apenas espaço de consumo passivo, mas de construção ativa de relações entre textos.

A menção à escravidão e às “opressões” mostra que o leitor reconhece o contexto histórico e atualiza a crítica machadiana para o presente. Ela mostra que a leitura não é neutra, mas repleta de valores e posicionamentos. Esse reconhecimento da historicidade aproxima-se também da leitura crítica defendida por Cosson (2015), que vê no letramento literário uma prática capaz de promover consciência histórica e social.

O título da resenha, “Dá raiva e é incrível”, condensa o paradoxo da recepção digital, mostrando que emoção e crítica se entrelaçam, revelando uma prática de leitura que, embora motivada por uma *trend*, resulta em reflexão sobre a história, a escravidão e a atualidade de Machado.

Resenha 12: trend_CeciliaMeireles - 05/01/2025

Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis Então, para fechar as leituras de 2024, fui olhar os livros de Nalu porque os meus já estavam esgotados, e os novos já eram componentes da fila do ano novo. Saquei da estante esse que foi redescoberto pela bookstan norte-americana no TikTok, mas que há anos faz parte das leituras obrigatórias a qualquer estudante de nível médio no Brasil. Passados quase quarenta anos da primeira leitura, dediquei os dias finais do ano para a (re)leitura de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Não vou me jogar aqui a elogiar o autor porque este é um patrono a literatura de expressão lusófona. Qualquer elogio que eu, uma simples leitora, fizer a Machado de Assis é ninharia perto dos estudos que muitos pesquisadores já fizeram a respeito de sua obra. A ideia das Memórias póstumas é genial porque o protagonista começa o livro já morto! [...]

Trend_CeciliaMeireles explicita a circulação transnacional do fenômeno. Começa citando a “bookstan norte-americana no TikTok”. Aqui, observa-se o que Jenkins (2009) define como cultura da convergência na qual conteúdos circulam entre comunidades globais e locais, produzindo reentradas no cânone. O leitor reconhece a origem estrangeira da tendência, mas situa a obra no circuito curricular brasileiro, fazendo uma espécie de reapropriação contextualizada.

O tom reverente “patrono da literatura lusófona” mostra como a resenha equilibra crítica pessoal e reconhecimento acadêmico. Esse movimento dialoga com Kleiman (2014), para quem o letramento envolve negociar diferentes registros discursivos. A viralização, nesse caso, não anula o peso da tradição escolar. Pelo contrário, convoca-a como elemento de comparação.

A estratégia discursiva de relativizar o próprio comentário “qualquer elogio que eu fizer é ninharia” traduz a consciência de uma leitora que se percebe parte de uma cadeia de interpretações, exatamente como Bakhtin (1997) descreve, como dito anteriormente, todo

enunciado é resposta a outros enunciados. No ambiente digital, esse diálogo se intensifica, pois a resenha aparece ao mesmo tempo em redes globais de BookTok e em tradições críticas nacionais, demonstrando a heterogeneidade discursiva que caracteriza a Cultura Digital (Santaella, 2013).

As resenhas que fazem referência à viralização revelam que o fenômeno do BookTok atua como motivação para a leitura, mas sua apropriação pelos leitores da Skoob é heterogênea. Algumas se limitam a confessar o impulso algorítmico, outras elaboram análises intertextuais, históricas e filosóficas. O ponto comum a todas é que a viralização reconfigura a circulação da obra, aproximando Machado de Assis de novos leitores e confirmado o que os estudos sobre Skoob já haviam mostrado. A leitura na Cultura Digital é sempre uma prática híbrida, atravessada por memórias pessoais, currículos escolares e tradições críticas.

O conjunto das categorias analisadas revela a pluralidade das práticas de letramento literário na Cultura Digital. As resenhas longas demonstram o potencial ensaístico e reflexivo; as curtas performam a síntese e o impacto imediato; as informais exibem a hibridez da linguagem e a aproximação com registros cotidianos; as acadêmicas reproduzem categorias críticas formais em circulação extraescolar; e as de viralização mostram como algoritmos e tendências globais influenciam a recepção, sem eliminar a possibilidade de apropriação crítica.

Cada categoria apresenta uma forma distinta de articular Machado de Assis à contemporaneidade, confirmando a tese de Street (2014): toda leitura é prática social situada, atravessada por ideologias, memórias e condições de circulação. Na Skoob, essas práticas estão presentes em um ambiente de visibilidade, concomitantemente, condiciona a recepção e multiplica as possibilidades de agência e formação crítica dos leitores.

4.3 Leitura em rede e disputas simbólicas: análise da resenha mais curtida e comentada

As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo que assimilamos, reestruturamos, modificamos (Bakhtin, 1997).

A resenha publicada por Meme_deMatosGuerr@, em 2010, exemplifica como plataformas digitais funcionam simultaneamente como espaços de reprodução e de contestação de hierarquias culturais. O enunciado “Um livro de tamanha genialidade não poderia mesmo ter menos de 775 abandonos numa rede de leitores de Crepúsculo e auto-ajuda” acumulou, ao longo de quinze anos, 1.084 curtidas e 141 comentários, transformando-se em um espaço de disputa sobre legitimidade de práticas de leitura.

Figura 2: Resenha mais curtida e mais comentada na Plataforma Skoob



Fonte: elaborada pela autora no site da Plataforma Skoob.

A construção linguística escolhida pelo resenhista mostra uma espécie de separação simbólica entre leitores legítimos, que apreciam Machado de Assis, e ilegítimos, que leem best-sellers comerciais. Três manifestações discursivas merecem ser analisadas. Primeira, o modalizador deôntico “não poderia”, que naturaliza a hierarquia, tratando-a como consequência lógica inevitável e não como construção social arbitrária. Segunda, a escolha de “Crepúsculo” e “auto-ajuda” como exemplares de leitura deslegitimada não é casual. Ambos os gêneros são associados a públicos femininos e juvenis, frequentemente desvalorizados em hierarquias culturais machistas. Terceira, a referência aos “775 abandonos” transforma métrica da plataforma em evidência empírica da suposta incompatibilidade entre “leitores de Crepúsculo” e literatura canônica, sem considerar que abandonos podem decorrer de múltiplos fatores, como dificuldade linguística, falta de mediação adequada e imposição escolar.

O que torna esse enunciado analiticamente relevante não é sua originalidade, pois reproduz discurso recorrente de elitismo cultural, mas sua performance pública bem-sucedida. As 1.084 curtidas ao longo de vários anos indicam que essa estratégia de distinção ganha adeptos de parte significativa dos usuários da plataforma. Contudo, interpretar curtidas como aprovação significa reducionismo analítico, porque métricas de engajamento em plataformas digitais são polissêmicas. Curtidas podem significar concordância, reconhecimento da habilidade retórica, ironia ou simplesmente desejo de marcar presença no debate.

Se o enunciado original reproduz distinção cultural, os 140 comentários acumulados revelam que a Plataforma Skoob funciona também como espaço de contestação dessas hierarquias. Essa dimensão é frequentemente invisibilizada em análises que tratam redes sociais apenas como reproduutoras de eco. A análise longitudinal dos comentários demonstra evolução nas práticas críticas.

CecíliaHashtag questiona sistematicamente os pressupostos do enunciado original por meio de perguntas retóricas: “Por Crepúsculo ter sido ‘modinha’, não podemos julgá-lo ruim antes de o ler?” e “Por que uma pessoa que gosta de ler auto-ajuda é inferior à qualquer outro tipo de leitor?”. A segunda interrogação é particularmente significativa, porque torna explícito o implícito: ao usar o adjetivo “inferior”, que não consta no enunciado original, ela força o reconhecimento da hierarquização que estava naturalizada. Essa escolha explicita pressupostos não verbalizados e constitui forma de letramento crítico.

A resposta de Meme_deMatosGuerr@ é reveladora: “Auto-ajuda não é literatura”. Essa estratégia de definição de categoria, ao estabelecer fronteiras ontológicas do que conta como literatura e exemplifica a crítica de Street (2014) ao modelo autônomo, pois trata categorias culturalmente construídas como se fossem naturalmente superiores. A recusa em reconhecer autoajuda como literatura não é argumento estético, mas uma forma de fazer um policiamento de fronteiras do campo literário.

CarlosBlog tenta resolver a tensão por meio de relativismo: “cada um tem um gosto, afinal, o que seria do mundo se todos gostassem das mesmas coisas”. Essa posição, embora aparentemente democrática, dissolve qualquer possibilidade de debate sobre critérios, reduzindo a questão a preferências subjetivas inquestionáveis. AdéliaPost, por sua vez, sintetiza posicionamento que recusa tanto os best-sellers quanto o elitismo: “Não curto nem Crepusculo nem auto-ajuda, mas acho ridículo quem julga a leitura alheia”. Essa formulação demonstra maturidade crítica, pois é possível não apreciar determinados gêneros sem deslegitimar quem os lê. A escolha do adjetivo ridículo, em detrimento de “errado” ou “equivocado”, mostra que o que merece reprovação não são as preferências de leitura alheias, mas a arrogância de quem se julga autorizado a hierarquizá-las.

MárioStream desenvolve crítica ainda mais incisiva: “Aposto que é aquele tipo de leitor que lê clássicos de forma ‘forçada’, só para bancar o erudito, mas no fundo acha tudo um tédio”. Essa inversão questiona a autenticidade da adesão ao cânone, sugerindo que ela pode ser performática, ou seja, lê-se para ostentar capital cultural, não por genuíno interesse. A hipótese, embora especulativa, aponta para problema real, uma vez que nem toda leitura de obras canônicas constitui apropriação crítica; mas pode representar reprodução mecânica de gostos legitimados para acumular distinção social.

Comentários tardios revelam ainda dimensão metalinguística sobre as temporalidades digitais. AdéliaPost com “Eu nunca exclui os meus comentários só pra poder acompanhar pra sempre essa treta” e ViniciusClick com “Eu só queria parar de receber notificação de uma coisa que comentei 7 anos atrás” demonstram consciência reflexiva sobre as possibilidades de ações

que a plataforma oferece ao usuário da plataforma. Resenhas e comentários não desaparecem, mas permanecem ativos, gerando notificações e reativando debates anos depois. Essa persistência temporal, específica de ambientes digitais, transforma a resenha em objeto cultural vivo, continuamente ressignificado por novos leitores.

A longevidade da polêmica, de 2010 a 2025, e a polarização dos comentários demonstram que plataformas digitais não eliminam hierarquias culturais, nem produzem consensos democratizantes. Elas tornam visíveis e disputáveis hierarquias que, em contextos institucionais, como escola e academia, são frequentemente naturalizadas sem contestação explícita. No exemplo analisado, ao contrário, a hierarquização é enunciada publicamente e imediatamente confrontada por outros usuários, criando dinâmica dialógica impossível em contextos, em que uma voz institucional, como um professor ou crítico especializado, detém autoridade inquestionável.

Isso não significa que a disputa seja equitativa. Como demonstram as 1.084 curtidas, o enunciado hierarquizante original obtém validação quantitativa significativa, sugerindo que estratégias de distinção cultural continuam operantes e valorizadas. Contudo, os 140 comentários evidenciam que essa hierarquia não é aceita passivamente, mas ativamente contestada.

Não há como determinar as motivações dos 1.084 usuários que “curtiram” a resenha. “Curtir” pode significar: (a) concordância com a hierarquização proposta; (b) reconhecimento da habilidade retórica do enunciado; (c) ironia; ou (d) desejo de participar do debate sem se posicionar explicitamente. A polissemia das métricas digitais exige cautela interpretativa. O que se pode afirmar com segurança empírica é que o enunciado gerou engajamento prolongado.

A análise dessa resenha permite três constatações: a primeira mostra que plataformas digitais funcionam como campos de disputa simbólica sobre legitimidade cultural, nas quais hierarquias são simultaneamente reproduzidas e contestadas. A segunda, que letramento crítico não se manifesta apenas em resenhas que mobilizam vocabulário ou tamanho específicos, mas também em comentários que desconstroem pressupostos hierarquizantes. Por último, a persistência temporal das interações digitais cria temporalidades específicas, nas quais objetos culturais permanecem vivos e são continuamente ressignificados por sucessivas gerações de leitores.

O fenômeno das 1.084 curtidas não representa aprovação passiva. Ela constitui uma forma de participação cultural que legitima determinados discursos sobre literatura. Essa métrica revela como as plataformas digitais criam circuitos de consagração cultural que trabalham paralelamente aos sistemas tradicionais de crítica literária. A quantidade de curtidas

sugere que a resenha de *Meme_deMatosGuerr@* tocou em questões latentes sobre hierarquias culturais que aparecem em uma parcela significativa dos usuários da plataforma.

Por fim, a análise longitudinal dos comentários revela características próprias da Cultura Digital que transcendem questões específicas de literatura. A metalinguagem desenvolvida pelos usuários sobre suas próprias práticas digitais, a consciência sobre temporalidades não-lineares das plataformas e a negociação constante entre diferentes capitais culturais sugerem a emergência de novas formas de letramento que são simultaneamente críticas e participativas.

Desse modo, o fenômeno da resenha de *Meme_deMatosGuerr@* e seus comentários constitui um caso de polêmica literária digital e um laboratório, no qual é possível observar as transformações nas práticas de letramento, experiência estética e formação de comunidades interpretativas na Cultura Digital.

4.4 Recepção de Memórias póstumas de Brás Cubas

O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhum se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito (Barthes, 2004).

A recepção contemporânea da obra machadiana, quando observada em ambientes de sociabilidade letrada como a Skoob, evidencia elementos constitutivos da Cultura Digital. De um lado, há abertura para práticas de leitura socialmente situadas e dialogadas, que ampliam a circulação, interpretação e apropriação para além do circuito escolar. De outro, há a indução de performances orientadas por métricas de visibilidade que podem esvaziar a experiência estética e o exame crítico do texto. O próprio romance oferece elementos para uma leitura vigilante dessas ambivalências. Logo no início, o narrador se apresenta como defunto autor e inverte a ordem esperada de vida e morte, convocando o leitor a romper expectativas e a scrutinar procedimentos narrativos.

No capítulo do emplasto, a sátira à vaidade que quer ver o próprio nome em toda parte permite ler, por analogia, lógicas de autopromoção e de culto à visibilidade que atravessam a produção de resenhas nas plataformas, frequentemente mais preocupadas com o efeito de impacto do que com a análise literária. Ao mostrar esses elementos internos do romance com as práticas digitais de resenha, é possível perceber as potencialidades de engajamento em contraste com riscos de superficialidade performática na recepção da obra.

Essa leitura crítica se apoia na noção de letramento que vai do domínio do código para os usos sociais da escrita, historicamente marcados por relações de poder e por diferentes formas de participação. Em ambientes digitais, a escrita adquire novas materialidades e propicia formas de circulação e negociação de sentidos, nas quais leitores ora reiteram modelos escolares, ora criam modos de engajamento e crítica mais abertos e colaborativos. Nesse cenário, a distinção entre alfabetização e letramentos continua decisiva para evitar reducionismos. Enquanto a primeira se concentra na aquisição do sistema de escrita, os letramentos dizem respeito aos usos e práticas sociais da linguagem, distinção consolidada na literatura brasileira e reafirmada em contribuições recentes.

Ao mesmo tempo, convém reconhecer que a expansão de ecologias digitais não resulta automaticamente em formação crítica. A aproximação com a Pedagogia dos multiletramentos enfatiza que toda produção de sentido é multimodal e que os textos digitais exigem do leitor competências de análise que integrem linguagens, mídias e práticas de curadoria de informação. No entanto, essas mesmas ecologias podem reforçar filtros de atenção e padrões de consumo rápido.

Seguindo a perspectiva de Rodrigues (2017), constata-se que a experiência estética se manifesta na “integração do estranho ao familiar”, processo que na Cultura Digital assume características específicas. O defunto-autor de Machado que já representava estranhamento no século XIX, encontra na plataforma digital um espaço em que o insólito dialoga com práticas contemporâneas de leitura fragmentada e socializada.

A análise quantitativa dos dados da plataforma, com mais de 74 mil avaliações, 180 mil leitores, 5.553 resenhas, evidencia o que Almeida (2024) identifica como “agência discursiva” dos leitores em ambientes digitais. Contudo, diferentemente da comunidade de *Orgulho e Preconceito* analisada por Almeida (2024), em que prevalece a “dialogicidade das interações”, as resenhas de Memórias Póstumas revelam maior heterogeneidade interpretativa, oscilando entre apropriações eruditas e leituras performáticas.

O fenômeno de recepção digital da obra machadiana dialoga com as observações de Silva (2019) sobre a Skoob como espaço de “performance comunicativa”. As resenhas analisadas confirmam que a plataforma “rompe parcialmente hierarquias literárias”, permitindo que leitores não especialistas participem do debate crítico, mas também “transforma a leitura em performance”, privilegiando muitas vezes a autoimagem em detrimento da análise literária.

A diversidade de registros linguísticos comprova a necessidade de entender os conceitos tradicionais de letramento no contexto digital. A obra de Machado de Assis funciona como

catalisador dessas múltiplas formas de apropriação, revelando tanto potencialidades quanto limitações do letramento literário digital.

4.5 Efeitos da viralização sobre os modos de apropriação da obra

A performance é o ponto de transformação do escrito (objeto) em signos (significações). O performer atua como um observador. Na realidade, ele observa sua própria produção, ocupando o duplo papel de protagonista e receptor do enunciado... (Glusberg, 2013)

Quando o vídeo publicado no TikTok ganhou atenção mundial e reintroduziu *Memórias póstumas de Brás Cubas* em circuitos globais de recomendação e compra, tornou visível as possibilidades e os riscos do atravessamento entre Cultura Digital, mediação de leitura e mercado editorial. Esse evento produziu efeitos afetivos, ditados por algorítmicas e por dinâmicas de redes sociais, impulsionando buscas e conversas sobre o romance. Suscitou leituras de entrada marcadas pela curiosidade episódica e pelo desejo de pertencimento a uma tendência. É nesse ponto que a teoria da experiência estética ajuda a separar interesse circunstancial de experiência formativa. A recepção gera atenção, mas nem toda atenção resulta em experiência singular capaz de afetar e reorganizar percepções do leitor.

Na visão de Rodrigues (2017), a experiência estética se caracteriza por singularização e afetação, não se reduzindo a consumo repetitivo. Se a experiência simplesmente se repete, perde seu caráter singular. O ápice da experiência encontra-se no contexto da arte, quando percepção e cognição se unem de modo integrado e o leitor é afetado de maneira a reorganizar sentido e expectativa. Essa formulação questionam os efeitos da viralização que mostram que é preciso indagar se as interações em rede apenas reforçam ciclos de repetição e visibilidade ou se produzem experiências estéticas ímpares que convocam interpretação, juízo e repositionamento do leitor.

A perspectiva dos multiletramentos orienta a análise para a natureza multissemiótica e transmídia da circulação, o que inclui comentários, memes, listas de livros e resenhas sociais. Essa diversidade pode ampliar oportunidades de entrada no texto e sustentar percursos de leitura que combinem fruição, informação e debate. Porém, as mesmas possibilidades que estimulam participação favorecem leituras superficiais e avaliações impressionistas.

A declaração da influenciadora, de que se tratava do “melhor livro já escrito”, gerou um impacto algorítmico que transcendeu fronteiras geográficas e linguísticas, comprovando o poder de circulação das redes sociais. Na Plataforma Skoob, contabiliza-se um aumento

exponencial no número de resenhas a partir de abril de 2024, período posterior à viralização. Quanto ao conteúdo, as resenhas pós-viralização revelam características que Cardoso (2022) identifica como “leituras digitais adolescentes” e “fortemente afetivas e raramente críticas”, privilegiando impressões imediatas em detrimento de análises estruturadas.

Particularmente relevante é o surgimento de resenhas com padrões linguísticos que sugerem produção automatizada ou semi-automatizada, fenômeno que Santaella e Kaufman (2024) associam à “IA generativa” como mediadora das práticas textuais contemporâneas. Essas produções, caracterizadas por estruturas sintáticas repetitivas e vocabulário padronizado, evidenciam como a viralização pode promover leituras superficiais e até “não-leituras” disfarçadas de crítica literária.

O contraste entre resenhas pré e pós-viralização confirma as advertências de Borba (2023) sobre a “literatura expandida” no digital. A autora observa que a “experiência estética se fragmenta em práticas transmídiáticas” que podem tanto enriquecer quanto empobrecer a recepção literária. No caso de Memórias Póstumas, a viralização amplificou tanto leituras genuinamente engajadas quanto apropriações instrumentalizadas pela lógica do engajamento digital. Como alerta Dias (2021), em sua análise crítica dos booktubers, aparece na Skoob a “mercantilização da leitura” disfarçada de democratização cultural.

Para compreender concretamente essa transformação na recepção, examinamos a primeira resenha da obra publicada na plataforma. Seu caráter pioneiro a torna um documento significativo, registrando um momento de leitura ainda alheio às pressões performáticas que se seguiriam. A figura 3 mostra a primeira resenha publicada na Skoob sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. A análise da resenha permite a comparação entre a recepção inicial da obra com as mudanças interpretativas que a popularização digital provocou.

Figura 3: Primeira resenha publicada na Plataforma Skoob sobre o livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*

★★★★★ minha estante

05/01/2009

Criatividade em alta.
Machado de Assis usou de vários artifícios, inclusive a ironia para escrever essa história. Já começa ao ser narrada de trás para frente! O personagem relata sua própria vida ao começar por seu funeral, e a partir disso, conta a marcante vivência com vários personagens. Alguns trata com ardente paixão, e ao mesmo tempo, grande ódio.

gostei (5) comentários(0) comente

Fonte: elaborada pela autora no site da Plataforma Skoob.

A primeira resenha registrada na plataforma, em 2009, apresenta uma síntese significativa sobre o modo como leitores digitais se apropriam do clássico literário. O título do texto “Criatividade em alta” mostra a brevidade como uma estratégia avaliativa típica da escrita digital. Ele causa efeito de impacto e a condensação em poucas palavras de uma apreciação estética. Nisso, vemos o que Rojo e Moura (2019) chamam de texto multissemiótico, pois a resenha não se limita ao conteúdo verbal.

O caráter inaugural da resenha também permite observar a migração do letramento literário escolar para o digital. Rojo e Moura (2019) enfatizam que, na Cultura Digital, os textos são multissemióticos e hibridizam linguagens. Ou seja, ela está atravessada pela lógica da plataforma, em que o título funciona como um marcador performático que busca atrair curtidas e comentários. Diferente de uma resenha acadêmica, esse tipo de formulação breve se aproxima da lógica do slogan, característica da Cultura Digital. Essa escolha confirma o que Rodrigues, Flexor e Aneas (2020) descreve como um processo de letramento transmídia, em que a circulação textual é regida pelo imediatismo e pela força de palavras-chave, próprias de ambientes digitais.

Essa primeira intervenção discursiva na Skoob não pode ser considerada como anotação de gosto. Ela inaugura um percurso de leitura coletiva que retira o cânone machadiano do espaço exclusivo da escola ou da crítica especializada, para o espaço público da Cultura Digital. Nela, o romance deixa de ser apenas uma obrigação escolar e se torna objeto de apreciação espontânea. A resenha inaugural é exemplo de como o clássico literário passa a circular em novas formas de sociabilidade, nem sempre orientadas pela criticidade, mas fundamentais para compreender a recepção da obra no século XXI.

O leitor mobiliza um repertório crítico elementar, reconhecendo a ironia como marca central da obra machadiana. No entanto, a forma como o faz demonstra um movimento mais descriptivo do que analítico, pois a ironia é citada como “artifício” e não como estrutura crítica da narrativa. Ao destacar que “Machado de Assis usou de vários artifícios, inclusive a ironia para escrever essa história”.

Esse fato confirma, em parte, a observação de Abreu (2021) de que as resenhas mobilizam metáforas e categorias estilísticas para traduzir a experiência estética, ainda que muitas vezes de forma impressionista. Ou seja, Abreu (2021) argumenta que as resenhas utilizam termos literários de modo simplificado, funcionando como metáforas de legitimação do gosto, mas sem um aprofundamento interpretativo. Nesse caso, a ironia é mencionada como sinal de genialidade criativa, mas não problematizada enquanto instrumento de crítica social, como destacam estudos acadêmicos sobre Machado de Assis. O comentário do usuário não

avança para uma problematização crítica mais ampla, mas cumpre a função de inserir a obra em um circuito de leitura digital.

O reconhecimento da ironia usada da obra conecta-se ao que Rodrigues, Flexor e Aneas (2020) falam sobre letramento transmídia, no qual novas mídias favorecem leituras que transitam entre linguagens e que, ao mesmo tempo, carregam elementos de oralidade, concisão e multimodalidade. A resenha é breve, mas dialoga com essa lógica transmídia, pois não pretende esgotar o romance. Antes disso, cumpre a função de gerar circulação e provocar engajamento. Nesse ponto, a escrita aproxima-se do que Cazden et al. (2021) chamaram de “design de sentidos”, em que o leitor se torna produtor de significados em rede, reposicionando o texto literário dentro de um ambiente colaborativo.

O trecho “Já começa ao ser narrada de trás para frente!” indica que o leitor se impressiona com a estrutura narrativa, chamando a atenção para o fato de o romance se iniciar pela morte do protagonista. Aqui, identifica-se um olhar que valoriza a inovação formal, mas que ainda permanece no registro da surpresa. A resenha, contudo, não chega a associar a quebra da linearidade narrativa com o projeto crítico machadiano de subverter expectativas ou ironizar convenções sociais.

Em seguida, ao descrever que “O personagem relata sua própria vida ao começar por seu funeral e a partir disso, conta a marcante vivência com as personagens”, o usuário revela uma síntese da estrutura narrativa, destacando a multiplicidade de personagens e vivências. A resenha, ao enfatizar “marcante vivência”, constrói um discurso que valoriza o efeito estético da pluralidade de personagens, mas não chega a problematizar como Machado de Assis constrói, por meio deles, uma crítica às hierarquias sociais e aos valores do século XIX. É um comentário que privilegia a dimensão experiencial e afetiva da leitura, mas que não alcança maior criticidade.

Por fim, a frase “Alguns trata com ardente paixão, e ao mesmo tempo, grande ódio” traduz a experiência leitora em pares antitéticos, sintetizando as questões emocionais presentes no romance. Isso mostra que resenhas recorrem a metáforas e polarizações discursivas como recurso de simplificação estética. O leitor se apropria da obra, mas o faz a partir de categorias afetivas “paixão”, “ódio” que demonstram uma identificação, mas não necessariamente reflexão crítica.

4.6 Resenhas e a mediação de inteligências artificiais

Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras.
(Hatoum, 2006)

Dentro do conjunto analisado, uma resenha se destaca por declarar de maneira explícita a mediação de uma inteligência artificial no processo de escrita. Publicada em 25 de fevereiro de 2025, GuimarãesRosa.exe, a resenha encerra-se com a afirmação: “Feito com ajuda do DEEPSEEK. (Resumo do texto original, feito por mim)”. Esse detalhe, aparentemente periférico, é revelador: explicitar o uso de uma IA, apresenta uma outra forma de mediação no letramento literário. Passa de uma atividade de autoria exclusivamente individual para o campo da coautoria humano-algoritmo.

Resenha 14: GuimarãesRosa.exe - 25/02/2025

Heroi, anti-herói ou um  #\$/%!& ? Machado de Assis rompe com o romantismo e inaugura o realismo no Brasil, com uma narrativa que mistura ironia, metalinguagem e introspecção psicológica. O narrador frequentemente dialoga com o leitor, questionando suas próprias escolhas e convidando à reflexão. A linguagem é refinada, mas acessível, com toques de sarcasmo que tornam a leitura envolvente e provocativa. Memórias Póstumas de Brás Cubas é uma obra que transcende seu tempo, oferecendo uma análise profunda e divertida da condição humana. Machado de Assis combina genialmente humor e crítica social, criando um romance que continua atual e relevante. A figura de Brás Cubas, com suas contradições e reflexões, permanece como um dos personagens mais fascinantes da literatura brasileira. Recomendado para quem aprecia narrativas inteligentes, cheias de ironia e que provocam reflexões sobre a vida, a morte e a sociedade. Feito com ajuda do DEEPSEEK. (Resumo do texto original, feito por mim)

A transparência do resenhista problematiza a autoria não apenas em ambientes digitais, mas na produção escrita de forma geral. Ao assumir publicamente a participação de um modelo de linguagem, a leitora não oculta a mediação tecnológica, mas a reconhece como parte constitutiva de sua prática de escrita. Como observa Street (2014), o letramento deve ser compreendido como prática social situada; nesse caso, a escrita literária crítica ocorre em um cenário em que humanos e algoritmos interagem para produzir discursos.

Esse reconhecimento explicita um fenômeno que, em outras resenhas, permanece implícito. Embora não haja menções diretas ao uso de IA em outros textos do corpus, algumas produções apresentam sinais discursivos que sugerem essa mediação. Embora não seja possível afirmar com certeza que tais resenhas tenham sido elaboradas com apoio de IA, os indícios levantam questões relevantes sobre as transformações no processo de produção crítica. Inclusive, levantam questões sobre a necessidade de discussão desse uso na academia, uma vez

que as questões sobre ética no uso da IA generativa na escrita acadêmica ainda são muito insipientes.

Nesse sentido, a advertência de Rojo e Moura (2019) sobre os multiletramentos se torna particularmente atual. A escrita não é apenas uma prática de recepção, mas envolve remixagens, colaborações e deslocamentos de autoria que ultrapassam os limites tradicionais da textualidade. A presença da IA, seja declarada ou apenas sugerida, dialoga com o conceito de “literatura expandida” proposto por Borba (2023), em que a experiência estética se fragmenta e se redistribui em práticas transmidiáticas. Aqui, a expansão não se dá apenas pela circulação viral de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em plataformas como o TikTok, se dá pela incorporação de inteligências artificiais na mediação da crítica literária.

O texto de GuimarãesRosa.exe confirma que o romance machadiano é atualizado pela recepção em rede e reinterpretado e reescrito com a participação de agentes não-humanos. Assim, a análise dessa resenha permite concluir que o letramento literário digital, ao mesmo tempo em que promove novas formas de engajamento crítico, também coloca em pauta desafios éticos e epistemológicos.

Quem fala quando um leitor escreve com ajuda de IA? Qual é o conceito de autoria nesse contexto híbrido? Como analisar textos que são fruto de uma coautoria algorítmica? As respostas a essas questões ainda carecem de análises produzidas na academia, porém o fenômeno revela, com exatidão, que o campo da crítica literária no digital não pode mais ser pensado apenas a partir da dicotomia leitor–obra, mas dentro de uma rede de mediações que inclui algoritmos, plataformas e inteligências artificiais.

4.7 Análise linguística das resenhas

As palavras são portas e janelas. Se debruçamos e reparamos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancamos as portas, o enredo do universo nos visita. Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se (Queirós, 1993).

A análise linguística das resenhas publicadas na plataforma Skoob permite observar como os leitores se apropriam discursivamente de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na Cultura Digital. O exame das escolhas lexicais, das construções sintáticas e dos recursos de modalização mobilizados nos enunciados curtos revela práticas de letramento literário digital que oscilam entre legitimação do cânone, resistência à leitura e expressividade afetiva mediada pela linguagem das redes. Esse conjunto confirma que, no ambiente digital, a leitura não se

manifesta apenas como compreensão ou interpretação. Ela também se apresenta como performance identitária atravessada por afetos, economia de tempo e repertórios multissemióticos. Fenômeno amplamente discutido por Santaella (2014) ao tratar das textualidades digitais.

A resenha de **viral_CoraCoralina (24/05/2020)** apresenta a construção “Não entendi nada”, sintaticamente reduzida e semanticamente absoluta. O enunciado se encaixa na heterogeneidade das leituras observadas no corpus analisado. Embora mínima, a frase revela um posicionamento ideológico (Street, 2014). Ao declarar incompreensão total, o leitor se coloca diante da obra não como herdeiro natural do cânone, mas como alguém que encontra dificuldade real de acesso. É uma forma de marcar o próprio lugar no campo cultural, recusando a pretensão de domínio e enfatizando os limites de sua trajetória leitora. A resenha articula linguagem, identidade e práticas de letramento digital em uma economia discursiva.

Em sentido quase oposto, a resenha de **hashtag_JoseDeAlencar (25/01/2009)** declara “Muito divertido e crítico de uma sociedade hipócrita”. A estrutura coordenada associa avaliação afetiva positiva “divertido” a julgamento ético-político “crítico”. A sintaxe paralelística organiza dois elementos semânticos que revelam compreensão da ironia e do sarcasmo machadianos. A colocação do adjetivo “hipócrita” para a sociedade reforça leitura crítica da obra.

A resenha de **feed_ManoelBandeira (03/03/2014)** mobiliza outro tipo de construção linguística, composta por justaposição de elementos: “Vestibular Um dos melhores livros que li obrigada para o vestibular. Adorei!”. A ausência de conectores entre “Vestibular” e a sequência afirmativa cria um efeito de elipse, que projeta, no início da frase, a circunstância de leitura. A presença de “obrigada para o vestibular”, seguida do verbo afetivo “Adorei”, sinaliza convivência entre coerção escolar e fruição subjetiva. Fato que confirma a ideia de práticas de leitura podem ser resignificadas. A estrutura sintática reforça esse movimento ao articular variável social (obrigatoriedade escolar) e apreciação estética, compondo enunciado híbrido no qual se observa mudança de posição discursiva diante da obra.

A resenha de **trend_MariodeAndrade (10/02/2021)** produz outro enunciado relevante: “Chato. Não gostei, aí que chatice. Desisto de Machado de Assis.”. A repetição lexical “chato”, “chatice” e a fragmentação sintática por períodos curtos performam intensidade afetiva negativa. O uso de “desisto” constrói ruptura simbólica com o autor e mobiliza verbo de forte carga emocional. Essa estrutura performativa articula avaliação estética e expressão identitária, fenômeno coerente com práticas linguísticas que integram dimensões afetivas e discursivas.

Por fim, a resenha de **post_LygiaFagundesTeles (19/03/2021)** exemplifica usos linguísticos característicos da cibercultura. A construção “GENIAAAAAAAAL preguiça? um pouco, mas GENIAL” recorre a prolongamento vocálico, alternância entre letras maiúsculas e minúsculas e inserção de pergunta retórica. A oscilação entre exaltação e cansaço materializa ambivalência interpretativa. Essa intensidade gráfica constitui um modalidade multissemiótica de expressão, que amplia a função afetiva do enunciado. Do ponto de vista sintático, a presença de “mas” organiza contradição entre o esforço requerido pela leitura e a valorização estética da obra. O enunciado encena conflito entre desgaste e admiração, o que evidencia complexidade experiencial mesmo em registros brevíssimos.

O conjunto das cinco resenhas demonstra que a linguagem utilizada pelos leitores não se restringe à avaliação da obra. Ela também expressa modos de posicionamento no campo literário, estratégias de preservação da face e discursos que reivindicam pertencimento (ou não pertencimento) a uma comunidade leitora. A análise linguística confirma que o letramento literário digital se manifesta a partir da combinação entre síntese, afetividade, julgamento ético e performatividade textual. A Skoob, nesse sentido, revela opiniões e reproduz cenas discursivas em que o clássico machadiano é reinterpretado conforme as materialidades e temporalidades da Cultura Digital.

As resenhas longas apresentam recursos de legitimação discursiva distintos. A resenha de Drummond@Data (12/07/2024) mobiliza estratégia de citação de autoridades críticas como fundamento argumentativo: “Otto Maria Carpeaux afirma que Machado de Assis é um autor que nasceu duas vezes”. O verbo dicendi “afirma” confere estatuto de factualidade ao enunciado citado, construindo cadeia de legitimação na qual o resenhista se ancora em voz reconhecidamente autorizada no campo literário. A menção subsequente ao “professor João Cezar de Castro Rocha” reitera esse procedimento, estabelecendo linhagem interpretativa à qual o texto se filia. Isso mostra a construção de imagem de si por meio de escolhas enunciativas que posicionam o locutor como leitor qualificado, capaz de dialogar com a crítica especializada.

A incorporação de citações diretas do romance funciona como modalidade particular de dialogismo explícito. Ao reproduzir “A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus”, o resenhista demonstra leitura efetiva do texto-fonte e estabelece relação intertextual que convoca o leitor a reconhecer passagens específicas.

A ausência de mediação explicativa após a citação, pois o texto não afirma “isso significa que...”, indica pressuposição de competência interpretativa compartilhada, estratégia

que constrói comunidade de leitores. A resenha de Alencar#Cloud (10/04/2025) apresenta modalização que articula trajetória pessoal e interpretação literária. A abertura “Que surpresa gratificante foi esta leitura! Que obra prima!” mobiliza estrutura exclamativa que marca afetação intensa, reforçada pela repetição do pronome interrogativo “que” em função expressiva.

O segmento autobiográfico “Sou fruto de ensino público, onde a leitura era pouco incentivada”, estabelece contexto de formação que justifica dificuldades enfrentadas, mas simultaneamente valoriza a superação como conquista pessoal. A escolha do substantivo “fruto” metaforiza a relação entre sujeito e instituição escolar em termos de determinismo, suavizado posteriormente pela agência manifesta na expressão “encarei a leitura de peito aberto”. Essa oscilação entre determinação social e agência individual materializa conflitos constitutivos das narrativas escolares, frequentemente estruturadas como relatos de superação de condições adversas.

Particularmente significativa é a construção “Não, nossas obras clássicas não são para o público jovem e é um erro obriga-los a ler estes livros ainda no ensino fundamental”. O advérbio de negação em posição inicial, seguido de vírgula, funciona como refutação enfática de pressuposto implícito de que obras clássicas não sejam adequadas a jovens leitores. A escolha do possessivo “nossas” localiza a literatura brasileira em lógica de pertencimento nacional, mas simultaneamente reconhece inadequação etária.

O substantivo “erro” modaliza deonticamente a imposição escolar, atribuindo-lhe caráter de equívoco pedagógico. Essa formulação revela apropriação de discurso que circula em debates educacionais contemporâneos sobre adequação de repertórios, posicionando o enunciador não apenas como leitor, mas como sujeito que reflete criticamente sobre políticas de leitura.

As resenhas que fazem referência explícita à viralização apresentam marcas linguísticas que as distinguem das demais. A formulação “Só li pq viralizou” (hashtag_MonteiroLobato, 09/06/2024) emprega abreviação característica da escrita digital “pq” por “porque” e elege o verbo “viralizar” como núcleo semântico da motivação leitora. O advérbio restritivo “só” estabelece relação de causalidade exclusiva, sugerindo que a leitura não teria ocorrido sem a mediação algorítmica.

Essa confissão, que em contextos de legitimação cultural tradicional poderia soar como desabono, funciona na plataforma digital como marca de sinceridade e inserção em comunidade que compartilha práticas de descoberta mediadas por redes sociais. O uso de “kkkkk” em segmento posterior da mesma resenha “teve partes que li e reli e voltei para ler de novo (kkkkk)”

materializa riso como pontuação afetiva, recurso exclusivo da escrita digital que performa descontração e cumplicidade com o interlocutor.

A resenha de booktok_CoraCoralina (28/05/2024) inicia com citação paródica da dedicatória machadiana: “Aos vermes etc etc etc... Melancolia!????”. A repetição de “etc” simplifica a fórmula original “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas” e a multiplicação de interrogações após “Melancolia” mostram perplexidade diante da visão machadiana da obra, sugerindo que o romance surpreendeu expectativas prévias. Essa abertura estabelece cumplicidade com leitores que compartilham referências.

O campo semântico da viralização infiltra-se nas resenhas por meio de palavras específicas: “viralizou”, “trend”, “BookTok”, “influencer”. Esses termos não pertencem ao vocabulário crítico literário tradicional, mas constituem repertório próprio da Cultura Digital. Quando trend_LygiaFagundesTeles escreve “Recentemente, retomei essa leitura que se tornou viral após uma trend do tiktok”, o substantivo “trend” (anglicismo não aportuguesado) e a referência à plataforma como “TikTok” mostra o enunciado em registro que pressupõe familiaridade com ecossistema de redes sociais. A escolha do verbo “retomar” indica leitura prévia, diferenciando esse leitor daqueles que descobriram a obra através da viralização, distinção relevante para economia simbólica da plataforma.

A resenha de Drummond@Data estrutura-se em movimento que parte de contextualização histórico-literária “Otto Maria Carpeaux afirma...”, avança para análise de procedimentos narrativos “A história narrada tem como lei máxima carnavalizar a vida...” e culmina em interpretação das dimensões psicológicas do narrador “traços da 'tinta da galhofa' mencionados nas notas ao leitor. Essa progressão do geral para o particular, do contextual para o textual, replica estrutura argumentativa característica da resenha acadêmica, sugerindo familiaridade com gêneros de escrita crítica.

A mobilização de conceitos bakhtinianos, ainda que sem citação explícita da fonte teórica, indica circulação de terminologia especializada para além dos círculos estritamente acadêmicos. O uso de tempos verbais nas resenhas revela diferentes modos de relação com a obra. O presente, como em “Machado de Assis é sensacional” (booktok_CoraCoralina, 2024) ou “Memória Póstumas não é só uma crítica a sociedade da época” (Alencar#Cloud, 2025), confere valor de verdade atemporal aos enunciados, elevando apreciações subjetivas a estatuto de constatações universais.

Por outro lado, o pretérito perfeito em “Li esse livro pela primeira vez na adolescência” ancora a experiência de leitura em momento biográfico específico, estabelecendo relação

pessoal com a obra que se distingue da universalidade do juízo crítico. Essa alternância entre presente e pretérito materializa o registro de experiência pessoal e a participação em debate coletivo sobre valor literário.

Os pronomes revelam construções distintas de interlocução. O uso da primeira pessoa do singular, “Eu amo a forma como Machado brinca e dialoga com o leitor”, estabelece relação direta entre enunciador e obra, performando subjetividade leitora. Já a primeira pessoa do plural inclusiva, como em “Não é verdade que muitos de nós vivem apenas para buscar reconhecimento?” (Alencar#Cloud, 2025), constrói comunidade interpretativa que transcende a experiência individual, generalizando reflexões suscitadas pela leitura. A segunda pessoa dirigida ao leitor da resenha, presente em formulações como “se você ainda não leu, leia”, institui relação de recomendação e aconselhamento que caracteriza a função prescritiva das redes sociais literárias.

A resenha mais curtida e comentada, “Um livro de tamanha genialidade não poderia mesmo ter menos de 775 abandonos numa rede de leitores de Crepúsculo e auto-ajuda” (Meme_deMatosGuerr@, 2010), apresenta construção de particular densidade retórica. O modalizador deôntico “não poderia” expressa julgamento sobre (im)possibilidade lógica, estabelecendo silogismo implícito, mostrando que obras de elevada complexidade estética são necessariamente rejeitadas por leitores de best-sellers comerciais.

A expressão “de tamanha genialidade” enfatiza superlativização por meio de determinante intensificador, enquanto a referência específica aos “775 abandonos”, dado quantitativo preciso, ancora a argumentação em evidência empírica. A construção “numa rede de leitores de Crepúsculo e auto-ajuda” indica dupla função, localiza espacialmente o fenômeno na rede social e caracteriza pejorativamente o público por meio de metonímia – os leitores são reduzidos às obras que leem, escolhidas justamente por representarem polaridade oposta ao cânone literário.

Essa formulação mobiliza o que Bourdieu (1998) denomina como estratégias de distinção: operações simbólicas através das quais grupos sociais estabelecem hierarquias de gosto que naturalizam diferenças de capital cultural. A construção linguística não argumenta explicitamente pela superioridade de Machado de Assis sobre best-sellers, mas pressupõe essa hierarquia como evidência que fundamenta o raciocínio. O advérbio “mesmo” reforça o caráter de obviedade atribuído à relação causal, como se a rejeição fosse consequência natural e esperada. Trata-se de um enunciado performativo que descreve diferenças de gosto e as institui, demarcando fronteiras entre leitores legítimos e ilegítimos do cânone.

Os comentários a essa resenha, acumulados ao longo de quinze anos, revelam disputas em torno da legitimidade dessas hierarquizações. Quando CecíliaHashtag questiona “Por que uma pessoa que gosta de ler auto-ajuda é inferior à qualquer outro tipo de leitor?” (2012), o uso do adjetivo “inferior” explicita o que estava implícito na resenha original, forçando o debate sobre os pressupostos do enunciado. A interrogação retórica funciona como estratégia argumentativa que inverte o ônus da prova, exigindo do interlocutor justificativa para hierarquia que havia sido naturalizada.

A resposta de Meme_deMatosGuerr@ “Auto-ajuda não é literatura” mobiliza estratégia de definição categorial, estabelecendo fronteira ontológica entre gêneros que exclui a autoajuda do campo literário. Essa disputa linguística materializa questões mais amplas sobre democratização cultural e distinção social presentes nas práticas de letramento na Cultura Digital.

Em relação à primeira resenha publicada na Skoob, O resenhista mobiliza o verbo “usar” no pretérito perfeito do indicativo, estabelecendo factualidade e distanciamento temporal. O termo “artifícios” pertence ao campo semântico da técnica literária, sinalizando apropriação de vocabulário crítico, embora sem especificação dos procedimentos a que se refere. A expressão “inclusive a ironia” funciona como operador de inclusão que destaca um elemento particular dentro de um conjunto mais amplo, mas sem desenvolver análise sobre como a ironia estrutura a narrativa machadiana. Essa escolha revela o reconhecimento de recursos estilísticos e a ausência de operacionalização interpretativa, característica de práticas de letramento que identificam elementos formais sem problematizá-los criticamente

A sequência “Já começa ao ser narrada de trás para frente!” apresenta densidade linguística que ultrapassa a aparente simplicidade da formulação. O advérbio temporal “já” marca imediatismo, enfatizando que a inversão narrativa se manifesta desde as primeiras páginas. A passiva sintética “ser narrada” apaga o agente da ação, não explicitando se o responsável é Machado de Assis, Brás Cubas ou a instância narrativa em sua complexidade. A exclamação materializa graficamente o efeito de surpresa que a ruptura da linearidade cronológica provoca no leitor, traduzindo afetação estética em marca tipográfica. Essa construção evidencia o que Bakhtin (1997) denomina como responsividade ativa, na qual o enunciado não apenas descreve o texto literário, mas manifesta sua recepção subjetiva por meio de recursos expressivos.

A resenha inaugural é descritiva, enfatizando “a marcante vivência com várias personagens” e “alguns trata com ardente paixão, e ao mesmo tempo, grande ódio”. Essa escolha lexical mostra um esforço de síntese afetiva, mas ainda distante de uma análise crítica

que problematize os sentidos sociais e filosóficos da ironia machadiana. Aqui se evidencia o risco apontado anteriormente de que práticas digitais de letramento literário se tornem hegemônicas na superficialidade, sem alcançar a transgressão crítica necessária para questionar discursos dominantes.

Quanto à resenha que declara o uso de IA, *GuimarãesRosa.exe* apresenta um texto de 155 palavras, marcado por uma organização cuidadosa e por escolhas lexicais que mesclam registros distintos. Logo na abertura, a frase provocativa “Herói, anti-herói ou um  #\$\$%!&?” difere dos termos próprios da crítica literária e cria um efeito de proximidade com o leitor, típico da linguagem digital e coloquial.

Em seguida, o tom muda para um registro formal e acadêmico, no qual aparecem expressões como “*introspecção psicológica*”, “*análise profunda*” e “*condição humana*”. Essa alternância entre estilos distintos sugere um movimento híbrido, em que convivem marcas de oralidade e de erudição, compondo um discurso que se apresenta, ao mesmo tempo, acessível e sofisticado. Como o autor declara uso de IA, esse registro formal pode, em parte, ser atribuído a ela.

A sintaxe do texto reforça esse caráter híbrido. Os períodos são longos, frequentemente estruturados em orações coordenadas e subordinadas que conferem fluidez e exatidão. É recorrente a presença de enumerações triplas, “vida, a morte e a sociedade”; “humor, crítica social e ironia”, recurso estilístico comum em textos planejados e que imprime equilíbrio retórico à resenha. Esse padrão de repetição e simetria, aliado ao vocabulário rebuscado, distancia o texto da espontaneidade típica de muitas resenhas de leitores na Skoob, aproximando-o de um estilo ensaístico e evidenciando o uso de IA na produção do texto.

Ainda assim, há traços evidentes de subjetividade, como quando a leitora avalia a obra como “atual e relevante” ou quando afirma que Brás Cubas é “um dos personagens mais fascinantes da literatura brasileira”. Essas escolhas valorativas revelam a presença de um eu-leitor que se posiciona diante do texto literário, embora a marca pessoal seja mais discreta do que em outras resenhas do corpus. Aqui, o sujeito parece se equilibrar entre a tentativa de assumir uma voz crítica analítica e a expressão de uma experiência estética individual.

A declaração final: “Feito com ajuda do DEEPSEEK. (Resumo do texto original, feito por mim).” Do ponto de vista linguístico, esse enunciado funciona como um marcador metadiscursivo. Ele rompe a linha argumentativa da resenha e insere uma observação sobre o próprio processo de escrita. O autor, ao explicitar o uso da inteligência artificial, reorganiza o contrato de leitura e sinaliza que o texto é fruto de uma autoria compartilhada entre humano e máquina. Essa escolha discursiva revela uma prática de transparência e coloca em evidência a

emergência de um novo modo de produção textual, em que o comentário crítico já nasce atravessado por mediações algorítmicas.

A análise linguística revela que as resenhas da Plataforma Skoob não são simples expressões espontâneas de gosto pessoal, mas práticas discursivas complexas que mobilizam recursos variados de legitimação, modalização e construção de ethos. As escolhas lexicais, as estruturas sintáticas e os procedimentos de citação e referência evidenciam graduações de letramento literário que vão desde apropriações impressionistas até análises que dialogam com a crítica especializada.

A heterogeneidade dessas práticas confirma que o letramento literário digital não se reduz a um modelo único. Diferentes modos de ler e escrever sobre literatura em ambiente digital são caracterizados, simultaneamente, por democratização do acesso e por reprodução de hierarquias culturais. A trajetória das resenhas sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas* na Skoob mostra como a Cultura Digital reconfigura a recepção de um clássico literário.

Desde a primeira resenha publicada em 2009, nota-se uma escrita breve e marcada pelo impacto imediato, na qual a ironia e a inversão narrativa são destacadas como marcas de genialidade. Assim, ainda que a crítica se mantenha no nível descritivo, o simples ato de citar a obra em uma rede social literária já constitui uma prática de letramento distinta do espaço escolar. Nos anos seguintes, sobretudo entre 2012 e 2018, a plataforma testemunhou um crescimento gradual das resenhas. Muitas delas explicitavam que a leitura havia sido motivada por exigências escolares ou vestibulares, mas ao mesmo tempo introduziam elementos de apreciação pessoal, como a surpresa com o humor ácido do narrador.

Kleiman (2014) lembra que o letramento deve ser compreendido em sua historicidade. A autora mostra que a leitura não se dá apenas na escola, mas em outros espaços sociais, em que práticas obrigatórias podem ser ressignificadas. Entretanto, como ela mesma aponta, quando a atividade permanece ancorada na obrigação e não avança para reflexão crítica é irrelevante para a formação do leitor.

Entre 2020 e 2023, houve a consolidação da presença da obra na plataforma, com mais de mil resenhas publicadas. Nesse período, o aumento na quantidade de resenhas publicadas, se deu, muito provavelmente, devido ao isolamento provocado pela pandemia da Covid-19. Como as pessoas não podiam sair de casa, começaram a participar de atividades on-line.

Nesse período, a escrita assumiu um caráter performático. As frases são curtas, cheias de adjetivações. Como se o objetivo principal fosse conquistar curtidas e comentários. As resenhas mobilizam metáforas e polarizações discursivas que dão legitimidade estética ao comentário, mas que se apresentam como crítica literária. Dessa forma, a lógica da

plataformização aparece de modo nítido, pois a visibilidade das resenhas depende menos do rigor interpretativo e mais da capacidade de gerar engajamento.

O ano de 2024 representou uma virada significativa. A viralização global do romance, motivada pelo vídeo da influenciadora norte-americana, projetou Machado de Assis no circuito internacional de leitura digital. Diversas resenhas na Skoob passaram a mencionar diretamente o TikTok e booktoker como razões para iniciar a leitura. Esse fenômeno ilustra o que Rojo e Moura (2019) descrevem como o avanço dos multiletramentos. Nesse avanço, a leitura e a escrita passam a conviver com múltiplas linguagens, imagens, sons e vídeos que se mesclam e se retroalimentam. No entanto, essa pluralidade não se converte automaticamente em criticidade.

Esse fato confirma, em termos bakhtinianos que o sentido da obra não está dado de antemão, mas é continuamente recriado em práticas discursivas situadas (Bakhtin, 1997). Assim, a plataforma não elimina a possibilidade de leitura crítica, mas condiciona seu desenvolvimento à mediação cultural e ao engajamento do leitor com múltiplos repertórios.

A análise linguística das resenhas demonstrou que os modos de apropriação discursiva de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, na Plataforma Skoob, não são homogêneos nem estáticos. As escolhas lexicais, as estruturas sintáticas e os recursos de modalização variam entre diferentes usuários e se transformam historicamente, revelando que o sentido da obra machadiana é continuamente reconstruído nas interações digitais.

Esse processo confirma a perspectiva bakhtiniana segundo a qual nenhum texto literário possui significado definitivo ou imanente, mas se atualiza dialogicamente a cada novo contexto enunciativo (Bakhtin, 1997). Na Cultura Digital, essa dimensão dialógica se intensifica porque a plataforma registra e torna visível a historicidade das leituras. Diferentemente do contexto escolar, onde cada turma recomeça a leitura sem acesso sistemático às interpretações de gerações anteriores, a Skoob acumula e preserva anos de resenhas que permanecem acessíveis e ativas. Cada novo leitor encontra a obra de Machado de Assis e centenas de apropriações anteriores que condicionam, sem determinar completamente, sua própria recepção.

Para compreender essas transformações em perspectiva diacrônica, torna-se necessário examinar como as práticas de resenhar evoluíram desde a fundação da plataforma até o momento posterior à viralização global de 2024. Retirar o olhar da análise micro, centrada nas marcas linguísticas das resenhas, para uma perspectiva macro, que considere a historicidade dessas produções na Skoob. O tempo, aqui, não é visto como cronologia linear, mas como um espaço de sedimentação de vozes, em que cada nova resenha dialoga com as anteriores e

antecipa as seguintes. A linha do tempo das resenhas publicadas na Skoob será mostrada no item a seguir.

4.8 Dezesseis anos de leitura digital na Plataforma Skoob

Se olho demoradamente para uma palavra descubro, dentro dela, outras tantas palavras. Assim, cada palavra contém muitas leituras e sentidos. O meu texto surge, algumas vezes, a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige. E vou descobrindo, desdobrando, criando relações entre as novas palavras que dela vão surgindo. Por isso digo sempre: é a palavra que me escreve (Queirós, 1993).

A trajetória de dezesseis anos de publicações sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas* constitui arquivo vivo que registra transformações nos modos de ler, escrever e compartilhar experiências literárias em ambiente digital. Essas transformações não ocorrem de forma linear nem homogênea, mas respondem a conjunturas culturais, tecnológicas e educacionais específicas que marcam períodos distintos na história recente da leitura digital no Brasil.

A periodização proposta a seguir não deve ser compreendida como sequência evolutiva que partiria de práticas menos desenvolvidas para formas superiores de letramento. Trata-se, antes, de reconhecer que diferentes contextos produzem diferentes modos de apropriação da obra literária, cada qual com potencialidades e limitações específicas.

A primeira resenha publicada em 2009, por exemplo, não é pior, nem melhor do que as resenhas pós-viralização de 2024, mas responde a condições distintas de circulação cultural. Como observa Chartier (2011, apud Kleiman 2014), a história da leitura não é relato de progresso cumulativo, mas mapeamento de descontinuidades que revelam como práticas culturais se reconfiguram em resposta a transformações materiais e simbólicas. “Como sabemos ler e temos lembranças da nossa aprendizagem, nossa experiência de leitor e de antigo aluno estrutura nossas categorias de recepção, mesmo contra a nossa vontade” (Chartier, 2011, apud Kleiman, 2014, p. 87).

O Quadro 10 organiza as transformações dos modos de leitura da obra em cinco períodos principais, cada um caracterizado por elementos específicos da Cultura Digital, modos predominantes de apropriação da obra. A análise desses períodos permite compreender o fenômeno pontual da viralização de 2024 e o processo mais amplo pelo qual *Memórias póstumas de Brás Cubas* se inscreve e se reinscreve continuamente nas práticas de letramento contemporâneas, confirmando que o cânone literário permanece objeto de disputa,

ressignificação e apropriação crítica, mesmo em contextos aparentemente marcados pela superficialidade e pelo imediatismo.

Quadro 10: Linha do tempo das publicações de resenhas sobre a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* na Plataforma Skoob

| Período | Exemplo de resenha | Elementos da Cultura Digital | Aspectos críticos |
|---------------------------------|---|--|--|
| 2009 – Primeira resenha | “Criatividade em alta. Machado de Assis usou de vários artifícios, inclusive a ironia...” | Início tímido; opções de curtida e comentário ainda pouco usadas; recepção marcada pela síntese e pelo impacto breve. | Valorização estética (ironia, ordem invertida), mas análise ainda descritiva. |
| 2012–2018 – Crescimento gradual | “Li porque caiu no vestibular, mas me surpreendi com o humor ácido...” | Cultura da obrigatoriedade escolar; uso da plataforma para legitimar leituras feitas por imposição externa. | Primeiros movimentos de leitura estética, mas pouco aprofundados. |
| 2019–2023 – Consolidação | “Obrigatório, mas genial. Só Machado para escrever um livro com o narrador morto...” | Resenhas curtas, performáticas, com frases de efeito; aumento expressivo de publicações. | Ressignificação da leitura. Mistura de obrigação e apreciação estética. |
| 2024 – Viralização global | “Cheguei aqui pelo TikTok e não me arrependo...” | Interferência direta do Booktok; algoritmos e engajamento coletivo; resenhas citam viralização. | Ênfase no entusiasmo; crítica muitas vezes substituída pelo impacto da recomendação digital. |
| 2025 – Situação atual | “É curioso pensar que precisei do TikTok para redescobrir Machado...” | Crescimento expressivo de publicação de resenhas; cerca de 40 mencionam diretamente a viralização; interações curtas predominam. | Parte dos leitores aprofunda reflexões; a maioria mantém registro impressionista e afetivo. |

Fonte: elaborado pela autora a partir da linha do tempo das publicações na Plataforma Skoob.

Em síntese, a linha do tempo das resenhas revela as potencialidades e os limites do letramento literário digital. Por um lado, a Cultura Digital democratizou o acesso ao cânone e criou formas de engajamento, conforme enfatizam os teóricos dos multiletramentos (Ribeiro, 2020). Por outro, não garantiu a formação de leitores críticos, considerando que a lógica algorítmica privilegia o impacto imediato em detrimento da análise crítica.

Nesse sentido, como argumenta Street (2014), é preciso compreender o letramento como prática social, atravessada por disputas, valores e interesses, e não como competência neutra. O caso das resenhas de *Memórias póstumas de Brás Cubas* na Skoob exemplifica a democratização da leitura e a superficialidade das interações, considerando que a circulação ampliada do texto revelou a necessidade de formar leitores capazes de problematizar criticamente a literatura e a própria Cultura Digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza (Antônio Cândido, 1995).

Esta pesquisa partiu do fenômeno da viralização de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, nas redes sociais digitais após recomendação entusiástica de uma influenciadora norte-americana. Esse acontecimento revelou um momento oportuno para compreender transformações estruturais nos modos de circulação da literatura na Cultura Digital.

A pergunta que orientou a investigação indagava em que medida a viralização reconfigurou a recepção da obra na Plataforma Skoob, produzindo práticas de letramento literário crítico ou, alternativamente, reforçando lógicas de consumo performático mediadas pela platformização da leitura. A resposta a essa pergunta, como demonstrado ao longo da análise, não pode ser formulada em termos dicotômicos, mas exige reconhecimento da heterogeneidade constitutiva das práticas de letramento digital.

A principal aposta que se fez nesta dissertação é que as resenhas de *Memórias póstumas de Brás Cubas* publicadas na Plataforma Skoob configuraram práticas de letramento literário digital que se manifestam como uma vitrine de ideias, em que leitores, de maneira espontânea, escolhem publicar, comentar ou curtir. Nesse espaço, a recepção do clássico machadiano não é determinada por imposições externas ou algoritmos, mas reverberam posicionamentos decorrentes dessas imposições e revelam múltiplos modos de apropriação da obra na Cultura.

Ao longo deste percurso investigativo, algumas apostas delineadas na introdução orientaram a análise e permitiram compreender os efeitos da viralização e da recepção digital de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A primeira delas dizia respeito ao caráter ambivalente do fenômeno de 2024. De um lado, a possibilidade de ampliar o acesso e despertar novos leitores; de outro, o risco de reduzir a obra a um espetáculo efêmero. Os dados confirmaram essa hipótese apenas parcialmente. Embora a viralização tenha contribuído para reposicionar Machado de Assis no cenário internacional, as resenhas na Skoob não se revelaram reféns de uma lógica algorítmica, mas constituíram um espaço relativamente autônomo em que os leitores interagem de maneira espontânea, escrevendo, comentando e curtindo conforme seus próprios interesses.

A segunda aposta se relacionava à caracterização da Skoob como território de letramento literário digital. Essa hipótese foi confirmada de forma contundente, visto que o corpus analisado evidenciou a presença de práticas diversas. De resenhas breves e afetivas a análises críticas mais elaboradas que configuram a plataforma em que diferentes vozes se encontram e se reconhecem. Nesse ambiente, a leitura deixa de ser exclusivamente escolar ou acadêmica e se transforma em prática social voluntária, sustentada pela partilha.

Outra aposta dizia respeito ao potencial da Skoob para a formação do leitor crítico. A análise confirmou que, embora algumas resenhas se mantenham próximas à lógica escolar, resumindo enredos ou destacando aspectos superficiais, outras revelam posicionamentos críticos e diálogos com questões contemporâneas.

A relevância dessa aposta também se confirmou no exame da resenha mais curtida e mais comentada da plataforma que exemplifica como determinados textos alcançam destaque não pela mediação direta de algoritmos, mas pela força da recepção coletiva. Os comentários que se seguiram, ou endossaram ou refutaram a opinião da resenha original e configuraram um espaço de debate crítico e de compartilhamento de experiências de leitura, mostrando que a plataforma oferece condições reais para práticas de letramento literário digital.

Por fim, confirmou-se a aposta na necessidade de uma abordagem interdisciplinar. O objeto da pesquisa exigiu o diálogo entre literatura, letramentos e estudos da Cultura Digital. Essa análise possibilitou compreender o funcionamento da plataforma e os modos de apropriação da obra, reafirmando que as práticas de leitura literária na Cultura Digital são híbridas e multifacetadas.

Desse modo, as apostas feitas no início da pesquisa orientaram o percurso analítico e foram importantes para compreender como a Skoob registra e ressignifica a leitura de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mostrando que a plataforma se constitui como espaço de letramento literário digital, em que leitores assumem a palavra e constroem coletivamente os sentidos da obra. A escolha metodológica também foi validada. O uso da netnografia como caminho investigativo se mostrou adequado para captar as práticas discursivas no ambiente digital, permitindo articular teoria e dados empíricos sem romantizar a tecnologia, mas reconhecendo as especificidades da comunicação mediada por plataformas.

Seguindo os passos da netnografia, a primeira seção da dissertação estabeleceu as bases conceituais necessárias para compreender essas práticas, distinguindo alfabetização de letramento e situando o letramento literário como prática social que privilegia a dimensão estética da linguagem. A discussão teórica demonstrou que definir o leitor crítico exige ir além

de critérios puramente escolares ou acadêmicos, reconhecendo que a criticidade se manifesta de modos diversos conforme os contextos em que a leitura se realiza.

No caso das resenhas, observou-se que marcadores tradicionais de letramento literário, como vocabulário técnico e referências à história da literatura, coexistem com formas emergentes de apropriação crítica, manifestadas na capacidade de estabelecer conexões intertextuais com outros produtos culturais, como filmes, séries e memes, ou de problematizar a própria experiência de leitura.

A segunda seção analisou as transformações nas práticas de leitura no contexto da Cultura Digital, enfatizando os processos de plataformização que subordinam a circulação literária a lógicas de engajamento e visibilidade. A discussão teórica forneceu instrumentos conceituais para compreender como a arquitetura das plataformas condiciona, sem determinar completamente, os modos de recepção literária.

A viralização de *Memórias póstumas de Brás Cubas* exemplifica esse processo, demonstrando como algoritmos podem ampliar o alcance de obras canônicas e submetê-las a dinâmicas de consumo cultural que privilegiam o imediatismo em detrimento da experiência estética. A análise confirmou as advertências de autores como Santaella e Kaufman (2024) sobre os riscos da plataformização e revelou apropriações criativas que subvertem parcialmente essas lógicas.

A terceira seção explicitou os procedimentos metodológicos da investigação, detalhando a abordagem netnográfica, os critérios de seleção do corpus e as categorias analíticas mobilizadas. A opção por amostragem intencional permitiu capturar a diversidade de práticas de letramento na Skoob, contemplando resenhas longas e curtas, formais e informais, pré e pós-viralização. Embora essa escolha metodológica apresente limitações, especialmente no que se refere à impossibilidade de generalização estatística, mostrou-se adequada para análise qualitativa que buscava compreensão de fenômenos específicos.

A reflexividade metodológica que incluiu explicitação do lugar de fala da pesquisadora como professora de literatura, fortaleceu a análise ao reconhecer que interpretações carregam necessariamente pressupostos teóricos e experiências prévias, sem que isso represente viés a ser eliminado.

A quarta seção apresentou a análise empírica propriamente dita, organizando as resenhas em categorias que revelaram padrões significativos. A análise diacrônica demonstrou que a viralização de 2024 efetivamente alterou os modos de recepção da obra na Skoob, mas de maneiras mais complexas do que a hipótese inicial sugeria. Observou-se aumento

quantitativo expressivo no número de resenhas publicadas após o ano de 2024, com muitas fazendo referência explícita ao TikTok e à influenciadora norte-americana.

Contudo, esse aumento não resultou exclusivamente em superficialização das práticas de leitura. Parte significativa das resenhas pós-virais apresenta apropriações críticas da obra, com leitores articulando o interesse despertado pela recomendação algorítmica a repertórios literários prévios, memórias escolares ou trajetórias de leitura pessoais.

A análise das resenhas longas revelou práticas de escrita que se aproximam da resenha acadêmica, com usuários desenvolvendo interpretações fundamentadas sobre a ironia machadiana, a estrutura narrativa inovadora e a crítica social presente no romance. Essas resenhas mobilizam vocabulário acadêmico, estabelecem relações intertextuais e contextualizam historicamente a obra, demonstrando que o ambiente digital favorece apropriações densas da literatura quando leitores dispõem de repertórios variados.

Particularmente relevante foi a identificação de resenhas que articulam categorias da crítica literária a linguagem informal e recursos multimodais, criando formas híbridas de escrita sobre literatura que desafiam dicotomias rígidas entre erudito e popular, acadêmico e cotidiano. Por outro lado, a análise também identificou práticas de consumo performático, especialmente nas resenhas extremamente curtas que se limitam a declarações de gosto ou frases de efeito. Essas produções, embora legítimas como manifestações de experiências de leitura, raramente avançam para problematização crítica da obra, funcionando mais como marcadores de identidade leitora ou como moeda de troca na economia da atenção digital.

A presença de resenhas compostas por caracteres aleatórios ou que explicitam recusa em resenhar sugere ainda subversão irônica das expectativas de produção textual, revelando consciência crítica sobre as práticas digitais. O que também pode ser verificado pela análise da resenha mais curtida e comentada da plataforma, publicada em 2010 e que acumulou 1.084 curtidas e 140 comentários.

Essa resenha, que estabeleceu hierarquia cultural explícita entre *Memórias póstumas de Brás Cubas* e best-sellers contemporâneos como *Crepúsculo*, desencadeou debate prolongado sobre legitimidade de diferentes práticas de leitura. Os comentários, analisados longitudinalmente, demonstraram evolução nas sensibilidades culturais digitais, com posições inicialmente polarizadas dando lugar a reflexões mais performáticas que revelaram gosto pessoal e capital cultural.

A comparação entre os períodos pré e pós-viralização revelou continuidades e rupturas. As continuidades manifestam-se na presença constante, ao longo de dezesseis anos, de resenhas que mencionam a obrigatoriedade escolar como motivação para leitura, demonstrando que a

obra permanece fortemente inscrita no circuito institucional, mesmo quando discutida em plataformas digitais não escolares.

Muitos usuários explicitam que leram Machado de Assis para o vestibular ou ENEM, mas surpreenderam-se positivamente com a qualidade da obra, revelando resistência inicial e adesão posterior. Tal fato sugere que a mediação escolar, embora frequentemente criticada por impor leituras obrigatórias, cumpre função importante ao propiciar encontros entre leitores e obras que dificilmente ocorreriam espontaneamente.

As rupturas, por sua vez, evidenciam-se no surgimento de novos vocabulários e referências após a viralização. Termos como “BookTok”, “influenciador” e “viralizar” passam a integrar o repertório das resenhas, sinalizando transformações nos modos de descoberta e legitimação cultural. A figura da influenciadora norte-americana torna-se mediadora reconhecida, funcionando como instância de consagração que compete com críticos especializados, professores e instituições literárias tradicionais.

A análise identificou ainda a presença de resenhas com padrões linguísticos que sugerem produção automatizada ou semiautomatizada por inteligência artificial. Embora não tenha sido possível confirmar tecnicamente essa hipótese, a recorrência de estruturas sintáticas padronizadas, vocabulário repetitivo e ausência de marcas de subjetividade em algumas resenhas pós-2024 levanta questões importantes sobre os impactos da IA generativa nas práticas de letramento digital.

Chama atenção o fato de que apenas uma resenha declarou de forma explícita e ética o uso da IA em sua elaboração. O que revela tanto a incipiente de uma postura de transparência nesse campo, quanto a necessidade de discutir, na universidade, os critérios de autoria em ambientes digitais. Esse achado, ainda que preliminar, aponta para desafios futuros relacionados à autenticidade das interações em plataformas digitais e aos modos de validação de produções textuais em ambientes cada vez mais mediados por algoritmos e sistemas automatizados.

As contribuições desta pesquisa situam-se em três modos complementares. No plano teórico, a dissertação propôs definição operacional de letramento literário digital que articula dimensões estéticas e tecnológicas, superando visões que tratam o digital como mero suporte ou que romantizam acriticamente suas potencialidades democratizantes. A distinção entre apropriação crítica e consumo performático, operacionalizada por meio de marcadores textuais empíricos, oferece instrumentos conceituais para análises futuras de práticas de leitura em ambientes digitais.

Além disso, a pesquisa contribuiu para consolidar a netnografia como método produtivo para estudos de letramento, demonstrando como a observação participante em comunidades online pode revelar práticas culturais significativas sem intervenção direta do pesquisador. No plano empírico, a investigação produziu conhecimento original sobre a viralização de clássicos literários brasileiros em circuitos globais e seus efeitos na recepção nacional.

A análise diacrônica de dezesseis anos de resenhas na Skoob constitui uma contribuição inédita para os estudos de recepção machadiana, revelando como diferentes gerações de leitores se apropriam da obra em contextos tecnológicos diversos. Os dados sobre transformações nas práticas de resenha após a viralização de 2024 oferecem evidências empíricas para debates sobre impactos da Cultura Digital na formação de leitores, superando argumentações puramente especulativas que caracterizam parte da literatura sobre o tema.

No plano pedagógico, a pesquisa oferece subsídios para que professores de literatura repensem suas práticas de mediação, reconhecendo tanto as limitações da escola quanto as potencialidades e riscos dos letramentos digitais. A constatação de que a viralização ampliou o interesse pela obra sem garantir apropriação crítica sugere que a democratização do acesso, embora necessária, não é suficiente para formação de leitores literários.

Nesse sentido, torna-se imprescindível desenvolver práticas pedagógicas que articulem os modos de leitura contemporâneos com a experiência estética que a literatura exige. Esse dado não implica rejeitar ou combater as práticas digitais, mas compreendê-las criticamente para potencializar seus aspectos formativos.

As limitações desta investigação, explicitadas na seção metodológica, merecem retomada breve nestas considerações finais. A amostragem intencional, embora adequada à pesquisa qualitativa, impossibilita generalizações para além do corpus analisado. A ausência de triangulação com entrevistas limita a compreensão das motivações e processos de escrita dos usuários, restringindo a análise aos textos publicados. Além disso, a dificuldade de estabelecer causalidade entre viralização e transformações observadas exige cautela nas interpretações, reconhecendo que múltiplas variáveis podem explicar os fenômenos identificados. Essas limitações não invalidam os achados, mas delimitam seu alcance, apontando para necessidade de pesquisas complementares que ampliem e aprofundem as análises aqui realizadas.

Desdobramentos futuros desta pesquisa podem seguir diversas direções. Primeiramente, seria produtivo realizar estudos comparativos entre diferentes plataformas literárias digitais (Skoob, Goodreads, Wattpad), investigando como arquiteturas tecnológicas distintas condicionam práticas de letramento específicas. Em segundo lugar, pesquisas longitudinais que acompanhem trajetórias individuais de leitores ao longo do tempo poderiam revelar como

práticas de leitura se transformam conforme repertórios se ampliam e mediações se diversificam. Em terceiro lugar, análises que articulem métodos qualitativos e quantitativos, mobilizando recursos de mineração de dados e processamento de linguagem natural, poderiam identificar padrões em escalas que a análise manual não alcança.

Particularmente, urgente é a agenda de pesquisa sobre implicações da inteligência artificial generativa nas práticas de letramento literário digital. À medida que recursos como ChatGPT tornam-se amplamente acessíveis, passa a ser imprescindível investigar como leitores as utilizam na produção de resenhas, bem como se essa mediação algorítmica potencializa ou empobrece a experiência literária. Essas questões transcendem aspectos técnicos, envolvendo dimensões éticas, epistemológicas e políticas relacionadas à autenticidade, à autoria e aos modos de validação do conhecimento na contemporaneidade.

Outro desdobramento relevante refere-se às implicações desta pesquisa para políticas públicas de leitura e para formação de professores. Os achados sugerem que iniciativas de fomento à leitura não podem se limitar a garantir acesso físico ou digital aos livros, mas precisam contemplar mediações qualificadas que promovam apropriação crítica. Isso exige investimento em formação continuada de professores, não para instrumentalizá-los a usar tecnologias digitais, mas para que compreendam criticamente as transformações nos modos de ler e possam articular práticas escolares a letramentos contemporâneos. Além disso, políticas de leitura poderiam considerar parcerias com plataformas digitais, não para substituir a escola, mas para ampliar e diversificar os espaços de mediação literária.

É importante reconhecer que esta pesquisa não resolve as questões referentes à democratização da leitura, nem referentes à leitura crítica. Essas questões são constitutivas da relação contemporânea com a literatura e não há soluções definitivas. O que a investigação oferece é uma compreensão dessas questões, superando visões apocalípticas que lamentam a morte da leitura e perspectivas integradas que celebram acriticamente a Cultura Digital. A viralização de Machado de Assis demonstra que o cânone literário permanece vivo e capaz de mobilizar afetos, bem como que sua circulação em redes digitais obedece a lógicas que podem tanto potencializar quanto esvaziar sua dimensão estética e crítica.

As práticas observadas na Skoob revelam que leitores contemporâneos não são passivos diante das mediações algorítmicas. Eles desenvolvem táticas de apropriação que ora reproduzem, ora subvertem as lógicas da platformização. Essa agência distribui-se desigualmente, condicionada por trajetórias escolares e capitais linguísticos que estratificam o acesso aos livros e aos modos de lê-los e discuti-los. Reconhecer essa desigualdade é

fundamental para evitar romantizações ingênuas da democratização digital, sem cair no pessimismo paralisante que vê apenas perda e declínio.

Esta investigação iniciou com a inquietação de uma professora diante da viralização de uma obra que, por décadas, resistiu às tentativas de mediação escolar. Durante vinte e cinco anos, ela testemunhou a recorrente resistência estudantil a Machado de Assis, frequentemente percebido como autor difícil, distante, obrigatório. Quando milhares de leitores passaram a procurar *Memórias póstumas de Brás Cubas* motivados por recomendação viral, esse acontecimento questionou certezas pedagógicas consolidadas e convocou reflexão sobre os limites e possibilidades da mediação docente.

A pesquisa não oferece respostas reconfortantes, nem soluções práticas imediatas, mas apresenta empiricamente as transformações em curso, oferecendo elementos para que educadores repensem suas práticas sem romantizar nem demonizar os letramentos digitais. Encerra-se esta dissertação com a compreensão de que a Cultura Digital não substitui a escola, mas a interpela, revelando tanto possibilidades de ampliação do acesso quanto riscos de superficialização da experiência literária.

A viralização demonstra que obras canônicas podem encontrar novos públicos por meio de mediações algorítmicas, mas que apenas esses encontros não garantem apropriação crítica. Cabe à escola não rejeitar as práticas digitais, mas dialogar criticamente com elas, reconhecendo que os modos contemporâneos de ler se transformaram irreversivelmente e que insistir em práticas pedagógicas que ignoram essas transformações é condenar-se à irrelevância.

A tarefa da mediação literária na contemporaneidade consiste em articular a experiência estética singular que a literatura propicia com as formas colaborativas, fragmentadas e multimodais de leitura características da Cultura Digital. Tal fato exige dos educadores postura simultaneamente receptiva e crítica. Capaz de reconhecer a legitimidade de diferentes práticas de letramento sem abdicar da responsabilidade de formar leitores sensíveis à complexidade estética e à visão crítica dos textos literários.

É oportuno registrar que esta pesquisa, ao analisar práticas de leitura na Skoob, também realizou gesto reflexivo sobre os modos de produção do conhecimento acadêmico na Cultura Digital. Ao mobilizar método netnográfico e dialogar criticamente com as teorias de letramentos, a investigação participou das transformações que descreve, pois a escrita desta dissertação, realizada por consultas a repositórios digitais e acesso a bibliotecas virtuais, exemplifica como a própria pesquisa científica se reconfigura em contextos de ubiquidade digital.

Por fim, cabe aos pesquisadores, educadores e mediadores culturais compreender criticamente essas transformações, não para lamentá-las nostalicamente ou celebrá-las ingenuamente, mas para potencializar o que há de formativo, crítico e emancipatório nas práticas de leitura contemporâneas, quaisquer que sejam os suportes e as plataformas em que se realizem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Gisele Oliveira de. **Metáforas conceptuais avaliativas**: uma análise das apreciações metafóricas sobre leitura, livro e texto literário em resenhas de livros amadoras. 2021. 453 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

ALMEIDA, Luane da Silva Gomes. **Letramentos visual e literário críticos**: agência e dialogicidade nas práticas leitoras da comunidade discursiva de Orgulho e Preconceito na Plataforma Skoob. 2024. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2024.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **[Correspondência]**. Mas o povo não lê poesia. Quem disse? Destinatário: João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1942. 1 carta. Disponível em: <https://correio.ims.com.br/carta/mas-o-povo-nao-le-poesia-quem-disse/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Disponível em: https://kbook.com.br/wp-content/files_mf/josecarlosdrummonddeandrade.pdf. Acesso em 5 out. 2025.

ASSIS, Machado de. A cartomante. In: ASSIS, Machado de. **50 contos de Machado de Assis**: selecionados por John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 351-358.

ASSIS, Machado de. A igreja do diabo. In: ASSIS, Machado de. **50 contos de Machado de Assis**: selecionados por John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 183-190.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 1992.

ASSIS, Machado de. **Memorial de Aires**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1985.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Introdução e notas de Ivan Cavalcanti Proença. Ilustrações de Lúcia Brandão e Conceição Cahu. Rio de Janeiro: Ediouro; Publifolha, 1997. (Biblioteca Folha, 4). ISBN 85-85940-61-1.

ASSIS, Machado de. Um apólogo. In: ASSIS, Machado de. **50 contos de Machado de Assis**: selecionados por John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 365-367.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 7. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1997.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**. 2 ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 2013.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

BORBA, Caroline Silva. **Perspectivas de uma literatura expandida no digital**. 2023. 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O que falar quer dizer**: a economia das trocas linguísticas. São Paulo: DIFEL, 1998.

BUARQUE, Chico; TATIT, Luiz. **Uma palavra**. Intérprete: Chico Buarque. 1989. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/86075/>. Acesso em: 5 out. 2025.

CALDEIRA, Andreia Juliana Rodrigues; RODRIGUES, Olira Saraiva; AYRES, Flávio Monteiro. Métodos de comunicação científica: gênero resenha. In: PAULA, Joelma Abadia Marciano de; AMARAL, Vanessa Cristiane Santana (org.). **Métodos e técnicas aplicados na pesquisa interdisciplinar em saúde**. Anápolis: Editora UEG, 2022. cap. 17, p. 369-394. E-book. Disponível em: <https://www.livrosabertos.ueg.br/index.php/editora/catalog/book/52>. Acesso em: 7 jan. 2025.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARDOSO, Yara Reis. **Práticas de leitura de adolescentes em contexto digital em interface com o letramento literário**. 2022. 108 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Universidade de Cuiabá, Cuiabá, 2022.

CAZDEN *et al.* **Uma pedagogia dos multiletramentos**: desenhandos futuros sociais. Organização de Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; tradução de Adriana Alves Pinto et al. Belo Horizonte: LED, 2020.

COÊLHO, Tahís Evelin Ferreira. **O booktube como ponto de partida para o letramento literário e a formação leitores**. 2023. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. Letramento literário: uma localização necessária. **Letras & Letras**, v. 31, n. 3, p. 173-187, jul./dez. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281334447_Letramento_Literario_uma_localizacao_necessaria. Acesso em 8 jul. 2025.

DIAS, Ane Gisele de Azevedo. **Juventudes, leituras e pedagogias culturais**: uma análise do canal Kabook TV. 2021. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2021.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KLEIMAN, Ângela. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2014.
- KLEIMAN, Ângela. **Preciso “ensinar?” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Unicamp, 2005.
- KOZINETS, Robert V. O método da netnografia. In: KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 60-73.
- LISPECTOR, Clarice. **Todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- MAGALHÃES, Emiliana Angela. **Do feed do Instagram à sala de aula**: a utilização da instapoesia para o desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio. 2023. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2023.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.
- NETO, João Cabral de Melo. **A educação pela pedra e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.
- O SILENCIO. Intérprete: Arnaldo Antunes; Carlinhos Brown. Compositor: Arnaldo Antunes; Carlinhos Brown. In: O silêncio. Intérprete: Arnaldo Antunes, [S.I.]: RCA Records, 1997. 1 CD, faixa 1.
- PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, v. 17, n. 1, 2004. p. 47-62.
- PAULINO, Graça. Letramento literário por vielas e alamedas. **Revista da FACED**, Salvador, n. 5, p. 117-26, 2001.
- PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M (org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p.61-79.
- PINOTTI, Fernanda. Influencer dos EUA viraliza após ler Machado de Assis: ‘melhor livro já escrito’. **CNN Brasil**, São Paulo, 5 dez. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/influencer-dos-eua-viraliza-apos-ler-machado-de-assis-melhor-livro-ja-escrito/>. Acesso em 15 out. 2025.
- QUEIROS, Bartolomeu Campos de. **Diário de Classe**. 3. ed. Ilustrações de Claudia Scatamacchia. São Paulo: Moderna, 1993.

RIBEIRO, Ana Elisa. Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. **Diálogo das Letras**, [S.l.], v. 9, p. e02011, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22297/2316-17952020v09e02011>. Acesso em: 10 jul. 2025.

RODRIGUES, Olira Saraiva. **Museus em REDEsenvolvimento?** 2017. 200 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

RODRIGUES, Olira Saraiva; FLEXOR, Carina Ochi; ANEAS, Tatiana Güenaga. Letramento transmídia: produção de leitura e escrita em ambientes digitais. In: SILVA, Armando Malheiro da; FREITAS, Carla Conti de; ALMEIDA, Francisco Alberto Severo de; FRANCO, Mário José Batista; RODRIGUES, Olira Saraiva (org.). **Gestão da informação, cultura organizacional e literacia**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – FLUP, 2020. p. 191-200. Disponível em: <https://zenodo.org/records/5230271>. DOI: 10.5281/zenodo.5230271. Acesso em: 20 maio 2025.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. **Revista Tecnologia e Educação**, São Cristóvão, v. 2, n. 1, p. 15-22, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/3446/3010>. Acesso em 6 jul. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. 4. ed. São Paulo: Experimento, 2003.

SANTAELLA, Lucia. O metabolismo digital das humanidades. In: ROCHA, Cleomar; NASCIMENTO, Hugo A. D. do; SOARES, Fabrizzio Alphonsus Alves de Melo Nunes (org.). **Humanidades digitais**: performatividades na cultura digital. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. (Coleção Invenções). Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/invencoes/livros/9/capitulos/c01.html>. Acesso em 10 set. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. **Redação e leitura**: guia para o ensino. Porto Alegre: Cengage Learning Brasil, 2014. E-book. ISBN 9788522112999. Disponível em: <https://minhabiblioteca.com.br/catalogo/livro/74815/reda-o-e-leitura/>. Acesso em 15 out. 2025.

SANTAELLA, Lúcia; KAUFMAN, Dora. A inteligência artificial generativa como quarta ferida narcísica do humano. **Matrizes**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 37-53, jan./abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p37-53>.

SILVA, Yuri Lira Santos da. **Leitores de literatura na rede social Skoob**: transformações da leitura em contexto comunicacional. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: As muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2004, n. 25, pp. 05-17. ISSN 1413-2478. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782004000100002&lng=pt. Acesso em 12 jul. 2024.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES. Magda. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**. vol. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 de maio de 2025.

SOUZA, Patrícia da Costa. **Da leitura subjetiva à (re)escrita criativa**: uma proposta de letramento literário a partir dos contos de Edgar Allan Poe. 2023. 184 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

STIELER, Rosane Aparecida. **Letramento literário e suas contribuições para o ensino da literatura: um estudo teórico prático**. 2021. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ensino Científico e Tecnológico) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Santo Ângelo, 2021.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2015.

UMA PALAVRA. Intérprete: Chico Buarque. [S.l.], 1989.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

ANEXOS

Anexo 1 – Comentários sobre resenha mais curta

27/06/2012 [minha estante](#)

Atualmente 1486 '-'

Triste realidade

10/08/2012 [minha estante](#)

Já que é pra contar...

1578 no momento.

Ainda não o li, mas com certeza o farei.

02/09/2012 [minha estante](#)

Bizarro isso, o que acho pior é a baixa nota dele apenas 3.9. Um dos melhores livros brasileiros =/

12/09/2012 [minha estante](#)

Devo falar em defesa daqueles que não leram. O fato de eu não ter lido não me torna um ser medíocre e tampouco fã dessas modinhas do tipo Crepúsculo. Eu simplesmente não consigo ler devido à forma dele de escrever. Eu tentei ler, mas tinha de parar de hora em hora para conferir o dicionário por desconhecer a palavra. E é cansativo parar a leitura para procurar uma palavra. E como você quer que nós, que vivemos no século 21, leiamos com facilidade algo que foi escrito no século 19? É um tanto difícil. Já tentei ler Machado de Assis e José de Alencar e simplesmente desisti por causa da linguagem. É cansativo. E ainda assim, não me torno inferior a quem leu por um motivo como este.

24/09/2012 [minha estante](#)

1 - Por Crepúsculo ter sido “modinha”, não podemos julgá-lo ruim antes de o ler. Eu li Crepusculo e gostei. Não é um livro genial, mas é um livro bom de ser lido.(E só como obs.: Pelo que vi no perfil da sr. “Mih”, ela mesma já leu Crepúsculo.)

2 - Por que uma pessoa que gosta de ler auto-ajuda é inferior à qualquer outro tipo de leitor?

3 - O fato de uma pessoa não gostar de determinado livro (Memórias Póstumas de Brás Cubas) não significa que essa pessoa é medíocre. O gosto por determinado estilo de leitura não define a sua inteligência.

24/09/2012 [minha estante](#):

1 - Não tô julgando pela modinha. Tô julgando pela qualidade. Ah, e eu li Crepúsculo. E, sim, é uma bosta.

2 - Auto-ajuda não é literatura.

3 - Não significa que a pessoa é medíocre, mas que tem gostos medíocres. Você pode discordar, mas na minha opinião é basicamente a mesma coisa.

A graça desse livro é justamente ele ter sido escrito a tanto tempo e conseguir ser absolutamente atual. Se esforce um pouco mais, estude um pouco mais e tente ler de novo. Não é um livro 'difícil'. Passa longe disso. É um livro que te faz pensar e rir MUITO, e a “forma cansativa” da escrita é um dos melhores aspectos do livro. Pena que a molecadinha de hoje em dia tem preguiça do que é mais complexo.

11/10/2012 minha estante
é, esta em 1700... é uma dó

08/11/2012 minha estante

Eu li Crepúsculo e leio auto ajuda. Isso não justifica abandonar Memórias Póstumas de Brás Cubas. Achei mais fácil de ler do que a confusão que é a série 50 tons, por exemplo. Li tudo que Machado de Assis publicou, meu favorito é Quincas Borba.

Machado de Assis era um gênio, e não é a toa que Memórias Póstumas de Brás Cubas é um marco na literatura brasileira.

13/11/2012 minha estante

Concordo com a dudalak

10/03/2013 minha estante

Não se pode comparar Crepusculo com Memorias são totalmente diferentes de generos diferente! Crepúsculo é muito bom.... despertou interesse de varias outras pessoas lerem, não axo que se deve comparar mais sim RESPEITAR!

17/03/2013 minha estante

A pessoa escreve AXO e pede respeito kkk

Desculpa, não resisti o comentário.

11/04/2013 minha estante

Acho que ao invés de fazer um comentário tão desrespeitoso em relação a outros tipos de literatura, é necessário fazer uma análise: a maioria das pessoas são obrigadas a lerem esse livro. Dificilmente uma coisa que você é obrigada a fazer se torna prazerosa. Logo daí a quantidade de abandonos (incluindo a mim). Você tem todo o direito de ficar indignada com a quantidade de desistência de um livro que é um marco pra literatura brasileira, porém daí a ofender quem gosta de outros gêneros é demais. Cada um tem um gosto, afinal, o que seria do mundo se todos gostassem das mesmas coisas. Pra mim, escolha medíocre é a escolha que uma pessoa faz quando usa um espaço que deveria ser pra analisar o livro em questão, e o usa pra ofender os demais livros.

18/04/2013 minha estante

Leu Machado de Assis e já acha que é o poço de cultura.

Talvez se você levasse um pouco em consideração que muitos abandonos acontecem porque infelizmente no Brasil a leitura de livros como este é obrigatória para provas escolares ou vestibulares, você não estaria fazendo um comentário tão infeliz quanto este. Acho muito válido os leitores iniciantes começarem por livros mais leves e não logo de cara Machado de Assis ou Graciliano Ramos, por exemplo. Aposto que você não começou a ser uma leitora através do Memórias Póstumas de Brás Cubas, então não desmereça o trabalho dos demais autores, até os de auto-ajuda.

O restante, faço das palavras da Paulinha as minhas.

31/05/2013 minha estante

Já passam dos 2000, me assusta muito.

01/06/2013 minha estante

Isso não foi um comentário muito feliz, é um erro desmerecer e comparar outros gêneros, eu AMO fantasia, já gostei de crepúsculo, e realmente gosto de literatura clássica, mas não consigo me entender com Machado de Assis, até gostei de Dom Casmurro, mas acho que José de Alencar escreve melhor, é claro que isso é a minha opinião, pode se indignar com os desistentes, mas não ofenda os outros gêneros

06/06/2013 minha estante

Quanto mimimi. Quanta gente chorando por nada. Para aqueles que acham difícil a leitura, ou para aqueles que consideram "Crepúsculo" ou "50 tons de cinza" bons livros realmente não tem nem como começar uma discussão. Alguns dizem que não tem como comparar esses livros com o "Memórias..." Não tem mesmo, pq esses livrinhos de madame não são literatura. Quem fica cansadinho de pegar o dicionário, ou acha difícil tem mais é que ler Paulo Coelho mesmo.

30/06/2013 minha estante

Machado de Assis realmente foi um genio e talvez muita gente (como eu) não soube aproveitar sua obra. Não que Memórias Póstumas seja ruim, a ideia é inteligentíssima mas observe em que contexto a pessoa leu. Eu fui obrigada a ler pra fazer uma prova, tem gente que prefere outro tipo de literatura, há que se respeitar.

27/07/2013 minha estante

“Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro é tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...”

Machado já sabia ;)

03/08/2013 minha estante

Escória do universo esses pseudo-gênios. JAJAJAJA Vão ler bula de remédio ao invés de ficar falando asneira no Skoob. Imaginem essas pessoas conversando pessoalmente? “Tipo assim, já é, vixi, aí sim, mano, mermão”. Falam igual todo mundo!

Tudo um bando de merdinha pseudo-intelectual querendo ser grande na internet (aliás, muito mal).

21/08/2013 minha estante

Falou tudo...

30/08/2013 minha estante

Lamentável ler uma “resenha” dessa ao vir aqui procurar algo que me acrescente. Lamentável.

01/09/2013 minha estante

Falou tudo!

21/09/2013 minha estante

Acho uma falta de respeito pessoas que leem clássicos ficar menosprezando e julgando o gosto dos outros.

07/10/2013 minha estante

Só acho que julgar a inteligência alheia baseado em gostos pessoais apenas diminui a inteligência da própria pessoa que julga.

11/10/2013 minha estante

Lamentável ainda ser obrigada a ver esse tipo de comentário. Tipo de gente que leu meia dúzia de clássicos e já acha que pode julgar as outras pessoas. Ah, por favor, né?

21/10/2013 minha estante

Concordo plenamente. Pelo menos este livro está entre os 100 mais lidos.

23/05/2014 minha estante

eu li inteiro, mas é muito chato.

24/05/2014 minha estante

Desculpa, mas comparar livros clássico com livros atuais que estão na moda é um tanto quanto incoerente. São décadas de diferenças, público diferente e até mesmo motivações diferentes para escrever-los. Enquanto a grande maioria dos livros da atualidade tem como objetivo principal o entretenimento do leitor, os clássicos, principalmente Machado de Assis, tinha como maior objetivo as críticas à sociedade da época, como o egoísmo, o adultério e entre outros. E na minha opinião ninguém que comece a ler livros por sua própria vontade comece por clássicos, até porque não tem grande maturidade para isso.

09/12/2014 minha estante

Minha cara Flávia, existe uma diferença entre leitura, música, produção filmica engajada e desengajada com a realidade, que deve-se diretos das pessoas sobre o que ler, ela tem que ter responsabilidade e discernimento mental e juízo para saber o que é bom para si, para o intelecto, para com a realidade em que vive e não debruçar-se nessas baboseiras de vitrine de loja que carecem de comprovação mais sistemática, refletindo apenas em

crenças pessoais do autor, que ele extraiu de suas próprias experiências ou da experiência de outros próximos a ele em prol somente de lucro

15/12/2014 minha estante

Lendo os comentários dá pra perceber que esse povo não sabe ou não entende que Crepúsculo, 50 tons e auto ajuda NÃO SÃO literatura e jamais serão.

Encarem os fatos, literatura é cânon.

30/12/2015 minha estante

Já vai pra lá de 2.600. Péssimo.

02/03/2017 minha estante

Atualizando: 2793 abandonos. Talvez o índice de abandono caia este ano e o próximo, considerando que este livro constará na lista do vestibular da FUVEST.

Lucas 25/03/2017 minha estante

finalmente, alguém sensato

13/12/2018 minha estante

2.984 :('

17/04/2020 minha estante

Irônico esse comentário vindo de alguém que já leu a série Crepúsculo completa, e aparentemente, a julgar pelos seus livros lidos, nenhum de alto ajuda (como pode insinuar que são ruins?). Uma leitora de tamanha genialidade, não deveria ter esse tipo de preconceito literário... Lamentável!

22/05/2020 minha estante

Cult nem é gente

26/05/2020 minha estante

ler clássicos difíceis de entender não te faz melhor do que quem lê crepúsculo ou auto ajuda, e se você tem esse pensamento então já é pior.

20/06/2020 minha estante

Olha, estou lendo Machado e estou gostando muito. Sobre esse ou aquele livro ser melhor, acho que é subjetivo, no contexto de “ler mesmo”. Quando se diz respeito a um mudo acadêmico em que são analisados outros critérios, certos gêneros e livros tem maior relevância. Acho que é isso.

25/06/2020 minha estante

Que “resenha” desnecessária, se você gosta tanto desse livro deveria exaltar ele e não diminuir leitores de outros tipos de livro, você só está fazendo com que mais pessoas sintam desinteresse em lerem esse livro. O seu comentário é de 2010, espero que hoje em dia você já tenha se educado e tenha aprendido que menosprezar outros tipos de leitores não te faz melhor.

26/06/2020 minha estante

Em 2020 eu estou ouvindo Memórias Póstumas por meio de audiolivro porque não é meu estilo de leitura, já em áudio consigo acompanhá-lo. Entendam que os gostos variam de pessoa para pessoa e isso não faz alguém melhor ou pior que ninguém. Só pelo fato das pessoas estarem interessadas neste título clássico devia ser algo comemorado. #pas

25/07/2020 minha estante

Boom, vamos lá. Não ia comentar, mas não resisti. Amo os clássicos, tenho um amor imenso pela literatura brasileira, desde Machado á Jorge. Mas sou extremamente eclética com as minhas leituras, toda leitura é válida, toda leitura soma. Li quase todos os livros de Machado, mas de vez em quando tenho umas quedinhas pelos romances clichês teen. Não entendo a necessidade das pessoas de desmerecerem os gostos alheios. Fico tão triste em ver leitores dizendo que tal livro não é literatura. Literatura é cultura. Literatura é arte. Toda produção é válida, não curte tal gênero, não leia. Mas não desmereça aqueles que gostam de ler.

29/07/2020 minha estante

Cris, eu gosto mt dos livros clássicos, me Apaixonei na escrita de José de Alencar, mas tbm meio mts outros gêneros e como escritora, lê esses comentários preconceituosos é de desaninar. Imagina sua obra que dedicou tempo, pesquisa, e persistência ser desconsiderada literatura? É o fim

30/07/2020 minha estante

Eu só fico imaginando que já se passaram 10 anos e esse cara ainda recebe notificação de esporro dos outros leitores por causa do comentário babaca que ele escreveu kkkkkkk

22/08/2020 minha estante

Eu ia dar esporro, como disse a Ana, mas vi que já tem 10 anos o comentário kk A comparação não faz sentido, e nenhum gênero literário é menos que o outro. Quem gosta de fantasia que leia fantasia. Quem gosta de autoajuda que leia autoajuda. Gosto é igual , cada um tem o seu, e ainda bem. Seria uma merda todo mundo ter gostos iguais.

30/08/2020 minha estante

Toda leitura é válida.

15/09/2020 minha estante

triste verdade

20/10/2020 minha estante

Oi mih, já faz dez anos desde seu comentário, queria saber se você cresceu e deixou de ser arrogante?

21/10/2020 minha estante

kkkk

21/10/2020 minha estante

eita

21/10/2020 minha estante

Adoraria que ele respondesse o Warlasjr kkkkkkk

21/10/2020 minha estante

Eu tbm kk mas pelo jeito essa pessoa nem entra mais no Skoob. Fez pouquíssimas postagens e faz mó tempão que não interage com a comunidade.

22/10/2020 minha estante

gte, na moral, deixa a guria ser tonta sozinha.

08/12/2020 minha estante

soberba a sua tb, né? espero que em 4 horas vc tenha percebido que ñ vai consertar a estupidez do mundo com estupidez.

10/12/2020 minha estante

bem, tomara que em 2 dias vc tenha amadurecido o suficiente e parado de usar subterfúgios secundários pra fugir a um “debate” que vc msm iniciou, garota estúpida.

10/12/2020 minha estante

meninas, não briguem

10/12/2020 minha estante

Aí depois de 10 anos ainda é engraçado voltar aqui pra ler os comentários KKKKKK

10/12/2020 minha estante

haueauheuaeuauaheauhu

12/12/2020 minha estante

Eu só queria parar de receber notificação de uma coisa que comentei 7 anos atrás. kkk

12/12/2020 minha estante

Huehaeyauha

12/12/2020 minha estante

Autoajuda é literatura sim

12/12/2020 minha estante

Meu deus Dave kkkkkkk eu tô recebendo notificação a 4 meses, se ainda tivesse depois do 7 anos eu ia procurar meu comentário e apagar pra acabar com isso kkkkkk

13/03/2021 minha estante

Li crepúsculo e amei, li memórias póstumas e gostei também. Ruim é não ler nada de jeito nenhum e pior ainda é ser fiscal de leitura dos outros

14/03/2021 minha estante

Já que as notificações continuam chegando pra mim, resolvi dar uma pequena informação que eu descobri agora mesmo, essa menina é uma hater, vocês podem olhar as outras “resenhas” no perfil dela. Ela é uma criatura irritante e triste que não gosta de nenhum livro que ler, um ser humano digno de pena. Esse aqui foi o único comentário “bom” q ela fez claramente só conseguiu diminuindo outros livros. Parece que ela faz de propósito até....

14/03/2021 minha estante

Foda-se se ela é hater. Foda-se o q ela faz e pq faz. Comentei essa porra há milênios. Hj teria apenas ignorado. O que não da pra ignorar são essas notificações milenares que não acabam nunca.

14/03/2021 minha estante

Kkkkkkk Uma dica Flávia, exclua seus comentários aí você vai parar de receber, eu tô quase fazendo isso

15/03/2021 minha estante

Isso não funciona no Skoob, Ana. Ao menos não até da última vez que fiz. Mas quer saber? Esqueci um ?foda-se?. E foda-se as notificações. Isso não é um debate. Ou ao menos não deveria ser. A guria nem fez uma resenha... partiu ler meus livros em vez de comentários.

13/05/2021 minha estante

Eu estou lendo Crepúsculo e Memórias Póstumas ao mesmo tempo, eu considero os dois literatura e aliás na minha opinião os dois são maravilhosos.

23/05/2021 minha estante

Os cultos leitores de clássicos querendo julgar leitura alheia, aceita que esse livro é chato.

23/05/2021 minha estante

Você está propagando um grande preconceito literário sabia

04/06/2021 minha estante

Chego aqui com dez anos de atraso. E é fenomenal essa treta da década kkkkkk

04/06/2021 minha estante

Gente essa é a maior treta em comentários que eu já vi kskwkwkkwa

04/06/2021 minha estante

Eu nunca exclui os meus comentários só pra poder acompanhar pra sempre essa treta

20/07/2021 minha estante

não aguento quem se acha superior por ler esse tipo de livro kkkkkkkk

28/07/2021 minha estante

Estou aqui a uns dez minutos kkkkkk

03/08/2021 minha estante

DuDepp, como diria o filósofo “ng é obrigado” rsrs

na minha primeira tentativa de ler, me ocorreu o msm, pus de molho por uns 3 anos, hj é um dos meus favoritos. pd ser q nunca role pra ti. mas se permita tentar de novo. de preferência com leitor digital por conta do dicionário. brás cubas é um fanfarrão. dentre outros adjetivos, acho o livro mto engraçado.

11/08/2021 minha estante

Seloco Skoop tem mais de 10 anos

11/10/2021 minha estante

na boa, gte. isso tá parecendo o programa do ratinho. que tal a gte procurar algo melhor pra ler ou escrever?

21/10/2021 minha estante

Li todos os romances do Machado, e o Memorias póstumas foi o que mais gostei.

30/11/2021 minha estante

Não acredito que até aqui existe esse tipo de gente que julga o que o outro consome...péssimo comentário.

22/12/2021 minha estante

foi a resenha mais ridícula que já li nesse site kkkkkkkk

não há nada mais ridículo do que pessoas que se acham superiores só porque lêem clássicos. isso só mostra que você não sabe nada sobre literatura

02/02/2022 minha estante

Realmente triste a educação do nosso país. Só estou lendo agora com 23 anos de idade porque na minha época não tinha a capacidade de lê-lo.

14/02/2022 minha estante

Essa resenha envelheceu como leite kkkk

16/02/2022 minha estante

mano eu ainda recebo notificação mesmo depois de 2 anos que eu comentei nessa “resenha”

KKKKKKKKKKKK

11/03/2022 minha estante

Todo mundo quer ser dono da razão. Todo mundo se ofende por pouca merda. Superem o comentário da menina.

11/03/2022 minha estante

Todo mundo quer ser dono da razão. Todo mundo se ofende por pouca merda. Superem o comentário da menina.

11/03/2022 minha estante

Diz pra superar o comentário e tá aqui comentando, como se tivesse ofendida pela ofensa que os outros tomaram do comentário. Makes sense, eh?

09/04/2022 minha estante

Um comentário ridículo que realmente faz sentido ser de 12 anos atrás.

12/06/2022 minha estante

na época de seu lançamento, o memórias teve seu auge, e o possui até hoje já que é um livro muito importante da nossa literatura, no entanto, querer comparar uma obra clássica com livros atuais destinados ao público adolescente é forçar bastante a barra, ambos possuem suas diferenças e se conquistaram público é pq souberam cumprir o que prometeram

18/06/2022 minha estante

Kkkkkkkk

19/06/2022 minha estante

Estou lendo agora, depois de ter abandonado há 4 anos atrás. Estou lendo porque esse livro marcou a literatura brasileira e; além disso, a escrita de Machado de Assis é espetacular

04/07/2022 minha estante

livro incrível maravilhoso

30/09/2022 minha estante

O que há de mais genial na literatura brasileira!

O Bruxo do Cosme Velho é o maior patrimônio brasileiro.

08/10/2022 minha estante

Eu li na época do colégio e abandonei. Na época não consegui ler A mão e a luva, sem abandonar também. Hoje, já pensei em ler e ver o q acho, agora q tenho mais experiência como leitora. Talvez minha experiência seja melhor qcsa última vez.

29/11/2022 minha estante

Há 12 anos levando esporro por ser babaca kkkkk

03/12/2022 minha estante

coelho, tamo junto. um monte de idiota falando da idiotice alheia. daqui 12 anos eles acordam rsrsr

05/01/2023 minha estante

Galera que tá reclamando da escrita: tem livros “piores”. E mesmo assim nem todo mundo consegue ler.

Machado de Assis não é direto na escrita fora as citações em outros idiomas e comparações de certas coisas com outros livros. É sim uma leitura complicada para certas pessoas.

07/01/2023 minha estante

Livia, quem são ?certas pessoas?? E quem é vc? Alta literatura não foi feita para alimentar ego. Seje menas. Menos ainda do que vc já é.

10/01/2023 minha estante

KKKKK O COMENTÁRIO CULT DA GATA

10/01/2023 minha estante

não acredito que eu ainda tô recebendo notificação KKKKKKKKKKKKKKK que ódio já se passaram anos que eu mandei essa pessoa se foder e agora tô pagando por isso

11/01/2023 minha estante

2023 e essa discussão continua tão atual! toda leitura é válida

21/02/2023 minha estante

“A minha idéia, depois de tantas cabriolas, constituirá-se idéia fixa. Deus te livre, leitor, de uma idéia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho”

Parece q alguém pulou essa parte...

Molequinha passando pra dizer q Mih, vc é muuuitooo escrota. Em pleno século 21 querer vir definir um conceito de literatura e gostos medíocres. Vai aprender a ler e interpretar alguma coisa meu bem?

25/02/2023 minha estante

Não consegui pegar o que têm de tão grandioso nesse livro

Vou reler daqui a uns anos, quem sabe eu descubra

27/04/2023 minha estante

spoiler: vc não é superior por ler machado de assis.

06/05/2023 minha estante

É um livro bom, mas não é a obra prima de Machado de Assis, das obras eu acho a mais sem graça. Mas é de extrema relevância para a literatura brasileira.

21/06/2023 minha estante

Estou lendo e agora gostando. Demorei um pouco pra gostar; acho que tava me acostumando com a linguagem.

17/07/2023 minha estante

Eu, sendo uma pessoa que leu tanto crepúsculo quanto alguns livros do Machado de Assis e outros clássicos, só posso dizer que seu comentário é simplesmente estúpido, no sentido literal da palavra.

03/09/2023 minha estante

Gente, os comentários KKKKKKKKKKKKKK, a Camila já entendeu que fez merda, ou não, já que não atualiza o skoob há anos. Nem deve ter o App mais. #pas

07/09/2023 minha estante

atualmente mais de 4 mil em outra edição

11/10/2023 minha estante

Eu só queria encontrar onde conseguimos ver o número de abandonos haha

23/10/2023 minha estante

Um livro legal.. com uma função metalinguístico incrível e real .

27/12/2023 minha estante

Leitura gostosa. Narrado do ponto de vista de um morto. Ideia genial. Só Machado de Assis mesmo.

28/12/2023 minha estante

Até hoje eu recebo notificação desse negócio! Feliz ano novo ?

20/01/2024 minha estante

O eco que deve fazer na cabeça há 13 anos

20/01/2024 minha estante

“O mundo era estreito para Alexandre; um desvio de telhado é o infinito para as andorinhas.”

22/05/2024 minha estante

E hoje, 2024, o Machadão tá número 1 nas vendas da Amazon Americana, com esse título. Graças ao tiktok e uma americana que resolveu ler memórias postumas de bras cubas..

05/06/2024 minha estante

Literatura de qualidade é esses comentários. 14 anos de discussão

07/06/2024 minha estante

Lendo esse comentário 14 anos depois e pensando na ironia que é o livro se tornar best-seller em 2024 por causa do Tik Tok KKKKKKKKKKKKKKKKK

A mesma mulecadinha do Crepusculo, bebê

07/07/2024 minha estante

14 anos de discussão kkkkkk e pensar que agora o livro está em alta...

29/08/2024 minha estante

Eu leio pra me divertir e me entreter, amo conhecer palavras novas pelos livros que eu leio. Mas se uma leitura me obriga a olhar o dicionário a cada parágrafo e esse ato começa a tomar mais tempo que a própria leitura em si, se torna chato e cansativo.

26/09/2024 minha estante

Muito bom mas muito difícil de ler

04/10/2024 minha estante

é tão ridículo ver leitor inferiorizando a leitura de outros leitores

27/11/2024 minha estante

Vocês têm uma mania escrota de reduzir leitores de gêneros literários que vocês não gostam. Cabeça de minhoca. Se acha superior por ler Machado de Assis KKKKKKKKKKKK cada uma

05/12/2024 minha estante

4808 no momento

20/12/2024 minha estante

4381 agora! Realmente, não é todo mundo que comprehende a inteligência e genialidade de Machado de Assis. Estão perdendo muito ao abandonarem um livro desse escritor inigualável.

12/01/2025 minha estante

O que Crepúsculo tem a ver com isso? Muitas pessoas tornaram-se leitoras graças a Crepúsculo. Voltei ao hábito de ler com A menina que roubava livros, e leio desde Dostoievski a livros hot. Agora mesmo estou lendo Memórias Póstumas e Pen Pal.

25/01/2025 minha estante

Falou td

29/01/2025 minha estante

Vi gossip girl na lista de lidos e desisti ? hipocrisia é o nome. Espero que tenha virado gente ?

03/02/2025 minha estante

“Uiui, como sou intelectual e superior.” Aposto que é aquele tipo de leitor que lê clássicos de forma “forçada”, só para bancar o erudito, mas no fundo acha tudo um tédio e só consegue entender o livro de verdade depois de assistir a umas cinco resenhas no YouTube que explicam o significado mastigadinho.

O livro é realmente ótimo, mas odeio gente que pensa assim.

O livro é complexo, não só por ser “cult” e “inteligente”, mas porque tem DIVERSAS referências literárias, filosóficas e históricas implícitas. O autor faz alusões a figuras históricas, escritores estrangeiros, pensadores clássicos e eventos que eram parte do repertório cultural da elite letrada da época, como se fosse óbvio citar algo sem explicar, assumindo que já sabiam a que evento ou obra ele estava se referindo. Isso já era um desafio na época para as pessoas conseguirem entender, imagine totalmente fora de contexto da época, sendo um leitor contemporâneo. Então, não julgo quem largou o livro, assim como o próprio Machado de Assis não julgaria.

20/03/2025 minha estante

Durante o livro inteiro Machado critica a soberba do ser humano e a pessoa ainda ter coragem de escrever um comentário desse kkkkkkkkkkkk tá aí alguém que Machado ia odiar

31/03/2025 minha estante

Agora está contanto 4.779 abandonos, o que é uma pena! Ler a saga Crepúsculo na adolescência e explorar livros de autoajuda ao longo dos anos, foram experiências fundamentais para minha formação. A saga me trouxe emoção, escapismo e a descoberta do prazer pela leitura, enquanto os livros de autoajuda, me ajudaram a entender melhor a mim mesmo e ao mundo ao meu redor. Essas leituras, de formas diferentes, moldaram minha visão de mundo e contribuíram para quem sou hoje, gostando e comprehendendo a literatura machadiana e todas outras clássicos da literatura portuguesa.

18/04/2025 minha estante

Não sei se você sabe, Mih. Mas tá pra gostar dos 3, sabia?

16/05/2025 minha estante

Engraçado, porém infelizmente é verdade.

01/06/2025 minha estante

Muito bom livro ótimo recomendo